

Paulo de Almeida Sanford

A FAMÍLIA SANFORD NO CEARÁ



**EDIÇÕES
INESP**



ALECE
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

A Família Sanford no Ceará 1985

Paulo de Almeida Sanford

A Família Sanford no Ceará 1985



Fortaleza - Ceará
2023

Copyright © 2023 by INESP

Coordenação Editorial

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia e Valquiria Moreira

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

José Gotardo Filho (com base na original)

Revisão

Lúcia Jacó

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

S224f Sanford, Paulo de Almeida.

A família Sanford no Ceará 1985 [livro eletrônico] / Paulo de Almeida Sanford. – Fortaleza: INESP, 2023.

208 p. : il., brasões, retrs. ; 36.017 Kb ; PDF

ISBN: 978-85-7973-200-3

1. Sanford – Genealogia. 2. Família Sanford – História. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 929.2

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674, Anexo II, 5ª andar,

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará,

bairro: Dionísio Torres, Fortaleza - CE, CEP: 60.170-174.

Telefone: (85) 3277-3702. | E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Site: <https://www.al.ce.gov.br/paginas/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp>

APRESENTAÇÃO

Indispensável fonte de pesquisa histórica, política, econômica e de outras ciências sociais, a genealogia ajuda-nos a entender o comportamento das gerações humanas ao longo do tempo: os valores étnicos, a ancestralidade, o movimento dos grupos familiares e sua influência na construção da sociedade. Além disso, sacia a necessidade de sabermos de onde viemos, munindo-nos das possibilidades de direção para nosso futuro, enquanto sociedade.

O livro *A família Sanford no Ceará*, de Paulo de Almeida Sanford, apresenta o resultado de minuciosas análises em documentos e arquivos, de pesquisas bibliográficas, e entrevistas, permitindo que as novas gerações estabeleçam um importante sentimento de pertencimento, conheçam suas tradições, mantenham seus costumes familiares e desenvolvam, em sua mente, exemplos para seguir, mantendo vivo nosso patrimônio imaterial.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), com grande orgulho, distribui esta publicação, modelo de resgate e preservação da história local.

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o “Edições Inesp” e o “Edições Inesp Digital”, que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O “Edições Inesp Digital” obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O “Edições Inesp Digital” já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações alcança uma marca de 2,5 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O *A família Sanford no Ceará* é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do “Edições Inesp Digital” e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor-Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

À Judith, Nise, João, Solange, Helvécio e Roberto, Uma lembrança que lhes deixo.

Aos meus irmãos, aos meus cunhados, aos meus filhos, aos meus genros, às minhas noras aos meus sobrinhos, os meus agradecimentos pela cooperação que me deram para a realização deste trabalho.

Ao Humberto Sanford Júnior, o meu agradecimento especial pelo desenho da capa deste livro.

Ao parente e amigo LUIZ COELHO DE VASCONCELOS (do ramo MONTE COELHO) os meus agradecimentos pela sua valiosa cooperação na pesquisa de documentos – na Secretaria do Bispado de Sobral e Cartórios de Sobral – referentes aos MONTES e que ilustram o nosso livro.

Às minhas primas CARMEM MONTE DE ANDRADE e FLORA MONTE DE ALMEIDA – *in memoriam*. Os meus agradecimentos pela cooperação que me deram no preparo deste livro.

Ao HUGO CATUNDA – *in memoriam* – historiador e intelectual, o meu muito obrigado, pelo Prefácio, que enfeita e valoriza o livro de minha autoria.

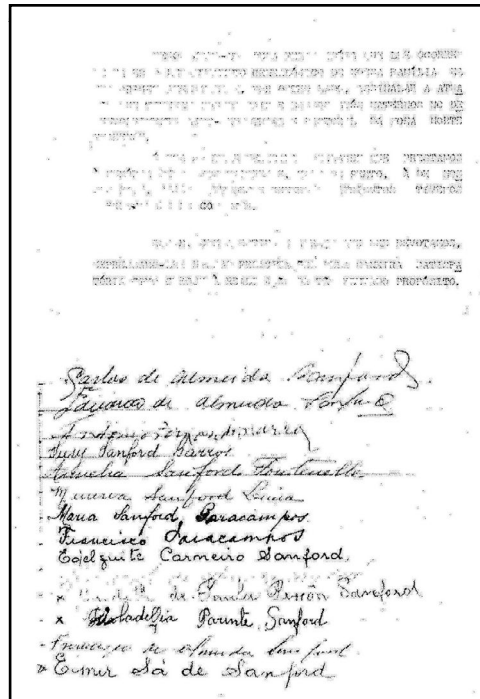
Ao historiador RAIMUNDO GIRÃO. Os meus agradecimentos, pelo valioso auxílio que me prestou por ocasião da revisão, encaminhamento e orientação para publicação deste livro.

A Senhora ALICE LORAINÉ ARAÚJO. Os meus agradecimentos pelo auxílio que me prestou no encaminhamento das pesquisas feitas na Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

Ao Dr. LEOCÁDIO DE ARAÚJO Jr. – *in memoriam* – Pelo auxílio que me prestou no encaminhamento das pesquisas feitas na Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

Ao ARMANDO SANFORD LIMA. Os meus agradecimentos pelo eficiente auxílio que me deu, na obtenção e tradução de

textos em inglês, relativos à Colônia de Jamestown na Virgínia, Estados Unidos da América.



"A Genealogia, tendo, por símbolo uma árvore, dá, pela alegoria, a noção de sua força substancial; é a raiz de uma nacionalidade, que surge da família, como flor e fruto de gerações, e cujo fronde representa a pátria em sua síntese."

Saul de Navarro

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	19
Origem e tradição da família SANDORD	19
Tradução do documentário fornecido pela Seção de Genealogia da Biblioteca Pública de New York.	22
O BRASÃO DE SANFORD	34
BRASÃO SANFORD.....	36
ABREVIATURAS E EXPLICAÇÕES.....	44
 PRIMEIRA PARTE - A FAMÍLIA SANFORD DE NEW YORK, PONTO DE PARTIDA DOS SANFORD NO CEARÁ	47
CAPÍTULO I.....	49
<i>"Died"</i>	54
<i>"Falecimento"</i>	55
Casamento de Carl Smith – Susan Clarin Roshore	57
<i>Guards</i>	60
Guardas.....	60
Nota	66
CAPÍTULO II - VEM PARA O BRASIL – MR. JOHN ROSHORE SANFORD	68
Mr. Sanford em Fortaleza – Ceará.....	72
CAPÍTULO III - PRESENÇA DE SOBRAL NA "WORLD'S COLUMBIAN EXPOSITION" 1892 A 1893	77
CAPÍTULO IV	83
Assento de batismo de Minervina de Almeida Monte ...	83
Ata do Casamento	85
CAPÍTULO V.....	89
CAPÍTULO VI	92
CAPÍTULO VII.....	107
a) Antes da Reforma	107
 SEGUNDA PARTE - "O SÍTIO MONTE"	109
CAPÍTULO VIII	117
b) A Reforma	117
CAPÍTULO IX	126
c) Depois da Reforma.....	126
D. Minerva na "Casa Grande"	127

CAPÍTULO X - FUNDAÇÃO DO “SÍTIO MONTE” PELO	
TEN. CEL. FRANCISCO DE ALMEIDA MONTE	139
Um Esclarecimento	139
A Família do Ten. Cel. Francisco José de Almeida	139
1º Casamento de Francisco José de Almeida	142
2º Casamento do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte.....	143
Reconstrução da casa – construção dos açudes –	
construção dos prédios da fábrica	148
A Fábrica	152
A 2ª Família do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte.....	158
 TERCEIRA PARTE - LIGAÇÃO DOS SANFORD COM	
VÁRIAS FAMÍLIAS DO CEARÁ E DE OUTROS ESTADOS	
DO BRASIL.	169
Nota de Soares Bulcão.....	172
1º Casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte	174
2º Casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte	176
“Casamento de Ana Maria do Monte”	177
“Casamento de Antônio Manoel da Conceição”	178
“Casamento do Tenente Coronel Manoel Ferreira Costa....	181
Carta do Dr. HELVÉCIO MONTE	184
Ainda uma notícia sobre o Capitão-Mor Manoel José do	
Monte.....	194
CENTENÁRIO DE MR. JOHN SANFORD	197
“PIONEIRO”	199
“Hoje centenário de um pioneiro”	199
UMA HOMENAGEM ÀS GERAÇÕES VINDOURAS.....	201
FINALIZANDO.....	202
FONTES DE INFORMAÇÕES	206

PREFÁCIO

A Genealogia, cujos estudos ganharam, com o desenvolvimento da cultura, uma nova e mais elevada conceituação, é hoje não somente uma ciência auxiliar da História, como, através das motivações que suscita, se constitui, por igual, uma fonte de pesquisas que interessa vivamente a outras disciplinas sociais que procuram condicionar e explicar a vida e o comportamento das gerações humanas, ao longo das idades.

Inegável, é, pois, a sua importância pela revelação que enseja dos valores étnicos e do conhecimento das aptidões e tendências da ancestralidade com o que assaz contribui para a identificação das leis que fixam a posição dos grupos familiares, face à hereditariedade do sangue.

Adquiriu, assim, a Genealogia foros de ciência, evoluindo das formas empíricas e limitativas de então, para horizontes mais amplos e mais nobres, situando-se com relevo no conjunto das demais ciências sociais, especialmente pela riqueza de elementos que oferece à análise e interpretação dos fenômenos que implica, diretamente ou por ação reflexa, na ordem biológica, histórica, política, econômica e religiosa.

Não basta amar a árvore genealógica com o esgalhar profuso da sua fronde, numa simples e monótona seriação de nomes e de datas. Para que um estudo de genealogia possa realmente atingir os fins a que acima aludimos, é necessário identificar, de início, o genearca, a sua origem racial, a sua índole, a relevância do papel social que desempenhou, a contribuição que ofereceu ao progresso do meio em que se fixou, as lições, os exemplos, enfim, que transmitiu à prole, e os meios porque esta se afirmou, cultuando a tradição ancestral. Porque somente assim se ensinará ao analista, ao historiador, ao sociólogo os elementos necessários ao conhecimento da genética e da influência que a sociedade parental exerceu no conjunto dos fatos e das ações que fazem a História.

Folgamos de reconhecer que não é outra a orientação seguida pelo Dr. Paulo Sanford, no excelente e importante traba-

lho que escreveu sobre a genealogia da família Sanford, da qual é ele uma das figuras mais representativas, tanto pela sua qualificação social quanto pela inteligência e a cultura que enaltecem o seu espírito.

Produziu, assim, longo e honesto trabalho no qual, desprezando a tradição oral, não raro contraditório e infiel, recorreu às pesquisas pacientes e exaustivas, devassando as fontes legítimas adormecidas nos velhos arquivos, e, mais que isto, ampliando o campo das suas investigações, ainda colhendo documentação preciosa, oficialmente cancelada, nas bibliotecas e institutos heráldicos e genealógicos da Inglaterra e dos Estados Unidos da América – as duas pátrias originárias dos Sanford, que repontam na história desde o ano longínquo de 1240, em pleno fastígio da Idade Média.

Vem deste tempo distante, o primeiro Sanford, Sir Richard Sanford, que ostentando o seu brasão de armas, comprobatório da nobreza da família, passou a situar-se, com a eminente projeção que lhe asseguravam os seus foros de fidalguia, no condado marítimo de Essex, na Inglaterra, também banhado pelas águas históricas do Tamisa. Esse primeiro Sanford, originou a prole ilustre que, depois, irradiando-se, surge, também, nas terras da América do Norte, ainda sob o domínio colonial inglês. Todos eles homens de distinção e capacidade, revelados no seu espírito pioneirista, portando, também outros brasões broslados de elmos e timbres, que a heráldica acrescia às honrarias herdadas da fidalguia ancestral. Esses nobres Sanford que abalaram para a Norte-América, colonizaram a Virgínia, na costa do Atlântico, e ali assentaram a sua tenda, explorando as riquezas naturais do solo – ponto de partida para a sua opulência econômica de hoje.

É longa a trajetória dos Sanford, desde as suas origens medievais do condado inglês de Essex, às terras da Norte-América e do Brasil. Seria ocioso repeti-lo, até porque Paulo Sanford, o linhagista da família, traça, no seu importante estudo, as linhas gerais dessa vitoriosa marcha pelos continentes.

"Do Condado de Southampton, Long Island (Inglaterra), vieram para as novas terras da América do Norte, dois pioneiros a saber: Robert Sanford e Thomas Sanford, colonizadores da Virgínia." A um desses pioneiros – Thomas Sanford – filiam-se os Sanford que hoje se encontram no Brasil. Um dos descendentes de Thomas, Mr. John Roshore Sanford, natural de New York, filho mais velho do casal Carl Smith Sanford e Suzan Roshore Sanford, ele de origem inglesa, ela de ascendência francesa, foi o primeiro da família que se fixou no Brasil. Concluído o curso do Instituto Politécnico de Brooklin, onde muito jovem, ainda, se matriculara, John Roshore Sanford, fiel ao espírito pioneirista de seus antepassados, embarca para o Brasil onde, na cidade do Recife, passa a desenvolver atividades comerciais, como representante de uma poderosa organização sediada em New York. Às terras do Brasil, o jovem americano não aportava, como muitos outros de além-mar que para aqui vieram, jogando a cartada duvidosa de uma aventura. Ao contrário, vinha com destinação certa, para o desempenho de tarefas de responsabilidade, no setor da vida comercial. Alargando o campo de ação da firma que representava, e procurando desenvolver maiores atividades no ramo que explorava, Mr. John Roshore Sanford, funda, em Fortaleza, uma agência filial, e demanda, depois, com o mesmo propósito, ao norte do Ceará, onde, em Sobral, centro distribuidor do comércio comprador a sua própria direção, uma outra agência da poderosa organização comercial que representava. Ao mesmo tempo que desenvolvia, com sucesso, as suas atividades, Mr. Sanford, dotado de aprimorada educação e alto espírito comunicativo, cedo ingressa na sociedade local, participando, como elemento de projeção de todas as atividades sócio-diversionais do meio.

Selava afinal o seu destino prendendo-se pelo casamento com u'a moça da família Monte, uma das mais distintas e tradicionais da sociedade sobralense. O casamento o radicou definitivamente ao meio, ao qual iria servir com a sua inteligência criadora e o seu espírito progressista e realizador.

Encerrando, mais tarde, as suas atividades comerciais, John Sanford, já agora proprietário do Sítio Monte, na Serra da

Meruoca, faz-se agricultor. Inicia o seu trabalho lutando contra o primitivismo dos métodos de exploração da serra. Vai a New York, sua cidade natal, e ali adquire máquinas modernas para a mecanização da sua lavoura e industrialização dos seus produtos. Homem de larga visão, de atividade incansável e produtiva, pioneiro da modernização das práticas agrícolas na Serra da Meruoca, Mr. Sanford prende-se ao Sítio Monte, ao encanto da terra verde e fecunda, onde ele enternecidamente dizia "ter tudo o que era seu, e até a sua alma". Nesta expressão sentimental, como que repetia o pensamento de Victor Hugo quando afirmou "que a alma da terra parra para o homem".

Foi assim até os dias últimos de sua existência frutuosa – amando a terra, o trabalho, a família e semeando exemplos que perpetuam a sua memória.

Numerosa e ilustre prole, que lhe adveio da união feliz com sua esposa, e da qual, em gerações sucessivas, ocupa-se o importante trabalho do Dr. Paulo Sanford – projeta-se, hoje, no Ceará e no Brasil, com a mesma vocação para o trabalho dignificador, que foram o traço marcante de John Roshore Sanford e dos seus remotos antepassados de Essex e da Virgínia.

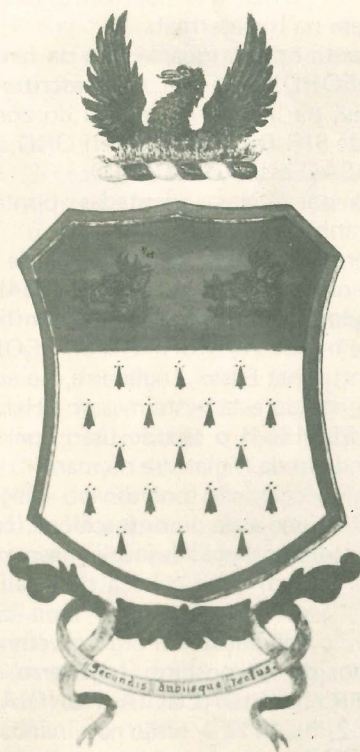
Não exagero em afirmar que o trabalho do Dr. Paulo Sanford encerra o melhor estudo de genealogia de quanto se têm publicado no Ceará. Li-o com o entusiasmo e a ternura de quem muito ama as cousas cearenses – a sua terra, a sua história, a sua gente sofrida e simples.

Muito seria para desejar que o exemplo de Paulo Sanford fosse seguido por outros, para que até as gerações futuras cheguem os exemplos nobilitantes daqueles nossos antepassados que encheram de nobres lutas, de sacrifícios e heroísmo os cenários da terra martirizada e com os quais assentaram os fundamentos da nossa história social e rasgaram horizontes à grandeza do nosso progresso.

Hugo Catunda



John Roshore Sanford (Fundador da família Sanford, no Ceará)



Sanford.

Escudo da família Sanford na América do Norte (Colonização)

INTRODUÇÃO

Origem e tradição da família SANDORD

A família SANFORD, que hoje existe na América do Norte tem a sua origem na Inglaterra.

A mais distante notícia que se tem da família SANFORD (também SANDFORD), está em uma escritura registrada no Condado de Essex, na Inglaterra, datada do ano de 1240, onde aparece o nome de SIR RICHARD SANFORD, já autenticando-a com o seu BRASÃO assim DESCRITO:

“Quartelado por faixas indentadas, pontas muito longas azul-celeste e arminho”.

No “Registro Heráldico de Essex – de 1612 a 1634” (Heraldic Visitations of Essex – in 1612 – 1634) estão nominalmente mencionados vários membros da família SANFORD, todos parentes de um outro RICHARD SANFORD, falecido em Stranstead, Mountfitchet Essex, Inglaterra, no ano de 1591.

Também registrado está neste mesmo “Heraldic Visitations of Essex – in 1612 – 1634” o escudo usado pela família SANDFORD, nesse Condado da Inglaterra da maneira como segue:

ESCUDO: Seccionado por asnas – negro e arminho – numa asna ou um escalope (conha vermelha).

PRINCIPAL: Duas cabeças de javali – separadas da terceira.

SINETE: (Elmo) uma cabeça de javali separada – negro tendo na boca uma lança partida ou combinação em prata e vermelho.

No Condado de Shropshire, Inglaterra, no “BURKER LANDED GENTRY” (FIDALGUIA FUNDIÁRIA DE BURKER),

no seu vol. 2, fls. 1411 – estão nominados vários membros da família SANFORD.

O escudo usado pelos SANFORD, de Shropshire, também registrado no mesmo "Burker Landed Gentry" está assim descrito:

"BRASÃO: Quartelado por faixas indentadas azul-celeste e arminho".

"ELMO: (sinete) um falcão com asas abertas para as costas, apresando uma perdiz".

"MOTO: (legenda) 'Nec temere, nec timide'".

Este emblema, pelo menos, em parte foi usado desde a Guerra da Revolução – 1776 – pelos SANFORD, que colonizaram a Virgínia e, segundo informação do general John W. A. Sanford, de Montgomery Alab., - estes SANFORD descendem do Pioneiro Thomas SANFORD.

A esta mesma linhagem de Thomas Sanford, se prendem os Sanford que hoje se encontram no Ceará.

Ainda no "Burker Landed Gentry" (Fidalguia Fundiária de Burker), já acima referido, faz-se menção nominal de outros membros da mesma família SANFORD, do Condado "Shropshire (Ilha de Rossal) Inglaterra – os quais faziam uso de um Brasão assim descrito:

"BRASÃO: Seccionado em asnas, negro e arminho".

"SINETE: (Elmo) uma cabeça de javali, seccionamento curto".

"MOTO: (legenda) 'Nec temere, nec timide'".

Do Condado de Southampton, Long Island, Inglaterra vieram para as novas terras da América do Norte, dois Pioneiros SANFORD, a saber: ROBERT SANFORD, Pioneiro de Hartford, CT, e o Pioneiro THOMAS SANFORD, irmão de Robert e que deixou na nova e futura Colônia Inglesa numerosa e destacada descendência de SANFORD – colonizadores de Virgínia. No

Condado de Kilkemny, Ireland (Irlanda) – também aparecem os SANFORD de Sanford Coutt, conforme se vê em "Early History of Southampton", de L.T. Howvel – em cujo trabalho se mencionam nominalmente, vários membros da família.

Sobre este assunto – A origem da Família SANFORD tomamos a deliberação de fazer consultas, por intermédio de entidades credenciadas em Londres – ("College of Arms") – sobre a origem inglesa da família e também para Nova Iorque, (THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY) (GENEALOGY ROOM), onde se radicara, há séculos, um numeroso núcleo da família SANFORD – desde o início da Colonização inglesa, com a chegada dos Pioneiros às novas e livres terras da Norte-América.

De Nova Iorque recebemos uma interessante resposta, que a seguir transcrevemos na íntegra, no original em inglês devidamente traduzido.

Esta resposta nos foi dada de maneira muito autêntica e objetiva, acompanhada de fotocópias das fls. 51-52-53-54-542-55-56-57-58-59 e 60, do livro "Genealogia da Família SANFORD" – (The Thomas SANFORD Family), que é encontrado no "The New York Public Library – Genealogy Room" – de cujos assuntos constam preciosos informes sobre a origem inglesa da família e que aqui apresentamos no seu original em inglês, informando sua área geográfica no país de origem (Inglaterra) e sua área de influência nos Estados Unidos da América bem como no Canadá.

Vieram também fotocópias dos brasões, sinetes e insígnias usados pelos SANFORD, em várias épocas, na Inglaterra, nos EEUU e no Canadá – desde o remoto passado do ano de 1240, fotocópias estas que, a título de ilustração e para comprovação da verdade histórica, estampamos nas páginas deste nosso trabalho, no seu original em inglês e sua tradução para o português.

"A Origem Medieval dos Sanford"

Pág. 51

.....
posteriormente Apóstolo para os Índios, sob a direção (ilegível). (ilegível) entre os ingleses e de estudo do comportamento doméstico deles, deixa a impressão de que os ingleses do século dezessete não eram do tipo de homens que se deixassem levar por um excitação religioso, ou qualquer outro.

- "Existe muito mais do que um simples motivo religioso na imigração para a América por parte daqueles ambiciosos jovens ingleses – Thomas Sanford, Andrew Sanford, Robert Sanford, Zacharia Sanford e seu tio Andrew Warner.

(Agradecimentos são devidos ao Sr. G.E. Sanford por haver tornado possível ao autor a investigação dos Sanford na Inglaterra e por ter preparado este relato dos mesmos) – Janeiro 20, 2010.

Hartford, Conn.

- Charles A. Hoppin, Investigador de Fundações Americanas na Grã-Bretanha e Europa.

Estado de Connecticut,

Condado e Cidade de Hartford

Hartford, Conn.

Jan. 21, 1910.

Eu, Charles A. Hoppin, presentemente residindo em Hartford, Connecticut, após o devido juramento, depõe e relata como segue: Eu encontrei e examinei pessoalmente nos originais oficiais, na Inglaterra, os registros citados no seguinte artigo intitulado: "AS ORIGENS MEDIEVAIS DOS SANFORD E A ORIGEM DE THOMAS SANFORD QUE VEIO PARA A AMÉRICA EM 1632-4", e que as cópias desses registros, citados naquele

artigo, são cópias verdadeiras dos originais preservados nos lugares declarados, e que as interpretações atribuídas aos mesmos, por mim, são verdadeiras no melhor de meu conhecimento e fé.

Charles A. Hoppin

Dou Fé:

Em 21 de janeiro, 1910. selo no Notário)"

James B. Henry

the general direction of the English, under the general direction

the English, and of study of their
 and of study of their
 that Englishmen of the
 type of men who would allow
 to run away with them.
 besides a mere religious motive in the emi-
 gration, America of these poor, ambitious, young Englishmen,
 Thomas Sanford, Andrew Sanford, Robert Sanford, Zachary San-
 ford, and their uncle, Andrew Warner.

Thanks are due to Mr. C. E. Sanford for having made it both
 accessible and convenient for the writer to have investigated the
 records in England and to have prepared this account of them.)
 January 20, 1910,

Hartford, Conn.

CHARLES A. HOPPIN,

Inspector of American Foundations in Great Britain and
 Europe.

STATE OF CONNECTICUT,) s. Hartford, Conn., Jan. 21, 1910,
 City and City of Hartford.)

Charles A. Hopkin, at present of Hartford, Connecticut,
 do depose and say as follows:

I have personally found and examined in the official originals,
 in the records quoted in the foregoing article entitled,
 "Medieval Origins of the Sanfords and the Origin of Thomas
 Sanford," and that the copies of the records, given in the said article, are true copies of the origi-
 nals, and that the interpretations given in the said article, by me, are true to the best of my knowledge and

CHARLES A. HOPPIN,

Subscribed before me

January 20, 1910.

(Notarial Seal.)

JAMES B. HENRY.

THE MEDIEVAL ORIGIN OF THE SANFORD

(Reprodução do texto em inglês — original ilegível)

"The Medieval Origen of the Sanfords."

afterwards the Apostle to the Indians, under the general direction (ilegível) of (ilegível).

(ilegível) among the English, and of study of their domestic manners, leaves the impression that Englishmen of the seventeenth Century were not of that type of men who would allow religious excitment, or anything else, to run away with them. There was much else besides a mere religious motive in the emigration to America of these poore, ambitious, young Englishmen, Thomas Sanford, Andrew Sanford, Robert Sanford, Zachary Sanford, and their uncle, Andrew Warner.

"Thanks are due to Mr. C. E. Sanford for having made it both agreeable and convenient for the writer to have investigated the Sanfords in England and to have prepared this account of them). January 20, 1910. Hartford, Conn.

Charles A. Hoppin

Investigator of America Foundations in Great Britan and Europe.

.....

State of Connecticut.

County and City of Hartford, ss Hartford, Conn. Jan. 21, 1910.

I, Charles A. Hoppin, at present of Hartford, Connecticut, being duly sworn to depose and say as follows:

I have personally found and examined in the official originals, in England, the records quoted in the foregoing article entitled, "The Medieval Origen of the Sanford and the Origen of Thomas Sanford who came to America in 1632-4", and that the copies of these records, given in the said article, are true copies of the originals preserved in the places stated, and that the interpretations placed upon them, by me, are true to the best of my knowledge and belief.

Charles A. Hoppin

Sworn to before me

This 21 day of January, 1910

James B. Henry

(Notary Seal)

THE SANFORD COAT OF ARMS

Many have written and asked about the Coat of Arms credited to the John Sanford family. There is no proof of any kind that members of the family are entitled to claim this as their own even though some of the early Sanfords used it on their stationery and it is imprinted on their gravestones. It would seem that these early Sanfords must have been told they were entitled to use it but actual proof is lacking. It is now accepted by the family by right of prescription, that is, unchallenged for many years.

Heraldry is the study of personal family insignia and generally refers to the practice of embroidering the family emblem on the surcoat worn over the coat of mail, hence, Coat of Arms. Blazonry is the science of describing the armorial bearings or parts of the Coat of Arms.

The shield of the Coat of Arms is the most important part and it can be divided in different ways. The lines of division may form a Cross; a Chief which divides the shield into an upper third and a lower two thirds; a Fess, which is a band diagonally across the shield and others. The colors used in Blazonry are Gold (or); White or Silver (argent); Red (gules); Blue (azure); Green (vert); and Purple or Black (sable).

The Crest in feudal livery was an ornament or head-piece that afforded protection from a blow. This was generally made of stuffed leather, gilded, silvered or painted and is always depicted above the shield. This is possibly the most misunderstood term in Heraldry and many refer to the Coat of Arms as the Crest.

The Coat of Arms used by our line of Sanfords is described as:—

“Ermine on a chief gules, two boar’s heads coupé or, a demi-eagle displayed”.

Strange language for most of us. Chief refers to the division of the shield as above; gules (red) refers to the color of the upper third of the shield; ermine refers to the figures on the lower two thirds of the shield; coupé means that the two boar’s heads are turned up— or not in the position they would be found on a live animal; or (gold) is the color of the boar’s heads and the Crest is a demi-eagle.

The Motto as given by Carlton E. Sanford in the Thomas Sanford Genealogy is:—

Nec temere, nec timide. Neither rashly, nor timidly.

For those who wish to study this subject further, I suggest reading pages 53 to 59 inc. of Volume One of the Thomas Sanford Genealogy.

Personally I am more inclined to want those now living and those to come to respect our name and live up to its highest traditions. This is summed up by the famous lines of Alfred, Lord Tennyson.

Howe’er it be, it seems to me,
 ’tis only noble to be good.
Kind hearts are more than coronets
 and simple faith than Norman blood.

Sanford Coat-of-Arms

It is plain from our English ancestry, so far as shown by Mr. Hoppin, that the descendants of Thomas Sanford are not entitled to the use of Arms, through inheritance, by virtue of direct descent from any known Sanford of England who had a proper right to their use. How then can the descendants of Thomas Sanford make or lay claim to any old Arms or heraldic device? I see and know of no way except, possibly, through and by the doctrine of prescription, of which I will speak more fully a little later, on a seemingly proper application of that doctrine.

I have sought expert advice from those thoroughly versed in heraldry, and I will state what I have learned on the subject, submitting the matter to the respectful consideration of all of my readers. First, it is stated in highly creditable works upon heraldry that coats-of-arms did not come into use in England, in families, until after the Crusades. The Crusades began many years after the Norman Conquest and ended in the latter part of the Thirteenth Century. Crests (borne above the shields of arms) did not become so adopted until 1400. Mottoes are of even a later creation in English heraldry. Of the several distinct Sanford families in England, some used arms and some did not.

As to the use of arms in America, I give an abstract of the recommendations on the subject of Arms adopted by the New England Historic Genealogical Society at its annual meeting in 1899 on report of its committee on heraldry, viz:--

"Prior to the Revolution as subjects of a government recognizing heraldry, certain of the inhabitants were entitled to bear Coats of Arms; but only such as were grantees of Arms, or who could prove descent in the male line from an ancestor to whom Arms were granted or confirmed by the Heralds. * * * The mere fact that an individual possessed a painting of a Coat of Arms, used it upon plate, or, as a book plate or seal, or had it put upon his grave stone, is no proof that he had a right to it. Proof of right must either be found in the Herald's records, or be established by an authenticated pedigree direct from an armiger.

A coat of arms did not belong with a family name, but only to the particular family bearing the name to whose progenitor it

had been granted or confirmed; and it was as purely individual a piece of property as a homestead."

Our national and state governments, many cities, towns and societies have adopted and are using arms and seals. What individuals (Sanfords or others) may do is a matter which each should decide for himself. The author of the Sanford Genealogy is without authority to make regulations or recommendations governing the use of any arms; and no authority exists in America for the creation or enforcement of any such regulations. Neither does any official authority now exist in England for such matters. The heralds' courts were abolished generations ago. Kings and queens of England have long since ceased to grant arms. Almost anybody can have a coat-of-arms designed and "granted" (thought and sold) to-day by the body of men called "the heralds," who, as a matter of private business, now carry on the business of selling heraldic information for large fees (especially to susceptible Americans) at the place (the old College of Arms, London) where the old heralds' courts once were held. The creation of a coat-of-arms to-day, by the "College of Arms," is no more an official governmental proceeding, and no more important, than the designing and use by an American, in the United States, of any armorial device that he may choose to create and use.

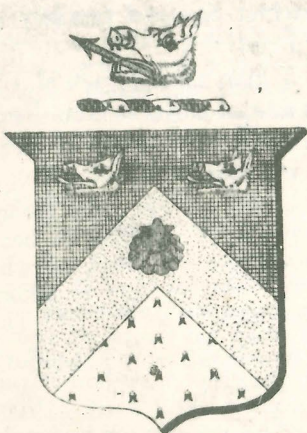
It is not for the writer to assume to dictate what any Sanford should or should not do. The value of old coat-armor to an American is chiefly as a souvenir, a relic, a trophy of some ancestor abroad who bore arms and from whom the American descends. I do hope most earnestly that our earliest known direct ancestor, Richard Sanford (who died at Stansted Mountfitchet, Essex, England, in the year 1591), can be proven to have been related to the heraldic Sanfords of Essex, who are all specifically named in the *Heraldic Visitations of Essex* in 1612-1634, and as bearing those arms, viz:—

"Per chevron, sable and ermine, on a chevron, or, an eagle's gules; in chief two bears' heads erased of the third. Crest: a bear's head erased, sable, in the mouth a broken spear, or, lanced argent guile gules."

So far as the record of this Visitation goes, there is nothing in it to show that this bearing is older than 1575. If Richard Sanford was in any way related to any heraldic Sanfords, it was far more likely to have been to those Sanfords of the own shire of Essex than to any others. I confess that the prospect of establishing such a relationship late enough (that is, *after* these arms were



ARMS OF SANDFORDS OF SHROPSHIRE



ARMS OF HERALDIC SANFORDS OF ESSEX

granted to these Sandfords of Essex) is not a promising one. I hope that some one will have faith enough in it to have a further attempt made to establish such a relationship, even tho' I have not been able to compass it, after no little effort. I have been unable to ascertain how old is this coat-of-arms of these Sandfords of Essex; if it is as old as 1450, then the ancestor of these heritable Sandfords in the Essex Visitation may easily have been closely related to the Essex ancestors of our Richard Sanford who died in 1591. (See cont.)

It is fairly well claimed that the first use of any arms by a Sanford was in the case of one Sir Richard de Sandford in a deed about the year 1240, which arms were "Quarterly per fess indented (points very long) azure and ermine." I do not know whether this deed is extant; my English correspondents have not seen it. The works on heraldry show that there have been, since the thirteenth century, at least fifty quarterings of the Sanford Arms of England. The coat-of-arms of the Sandfords of Shropshire County, England, given in *Burke's Landed Gentry*, Vol. 2, p. 1411, is described as follows:—

Arms: Quarterly, per fess indented azure and ermine.
Crest: A falcon, with wings endorsed, perching on a partridge.
Motto: Nec Temere, nec Timide (neither rashly nor, timidly?)

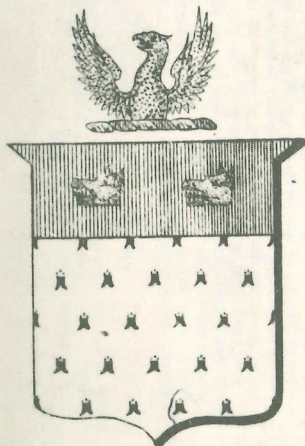
A wealthy family in New York City, some years ago, claimed and used this coat-of-arms as shown by a printed leaf sent me. The crest of this bearing, at least, has also been used since the War of the Revolution by Sandfords who early settled in Virginia, as Gen. John W. A. Sanford of Montgomery, Ala., informs me, sending a clear impression of the crest.

In *Burke's Landed Gentry* may also be found another style of arms for other Sandfords of Shropshire, Isle of Woeall, England. This bearing is described as follows:—

Arms, per chevron sable and ermine, in chief two boar's heads couped close or
Crest, a boar's head couped close.
Motto, nec temere, nec timide.

This coat-of-arms, as will be seen, does not agree with the Arms of the Sandfords of Shropshire, but from what I learn it is the bearing used in later years by the present family of Sandford Manor, Shropshire, England.

This coat is far more in use in America than any other of all others. It was secured by Horatio Gates Sanford of Gloucester, Mass., about 1885, and by him emblazoned and sold to divers San-



ARMS OF SANFORD OF RHODE ISLAND



Photographic enlargement of the seal of an "eagle rising regent" stamped upon the will of Leonard Sanford of Haddam, Conn., in 1772. Enlarged four times.

probate documents, were often not the arms, crest, mark or device of a testator. Genealogists have learned not to be misled by such seals, as they are frequently made with the die of some witness, notary, minister, physician, maternal relative, or neighbor present when a document was signed, and who had the die in his (or her) pocket, upon a ring or watch-chain.

It may not be amiss to believe that Lemuel Sanford was an honest man, one who would not knowingly use a Sanford crest or coat-of-arms, or any other, unless he believed that he had a right to it. Equally likely it is, to my mind, that he *did not know* that he was entitled to a crest other than one he might believe to be of his own invention. If he chose an eagle rising, who shall say that he was not very familiar with that bird in his poultry yard, or in the Fairfield woods, or, better, still, patriotic enough to 'let the eagle scream' during the War of the Revolution? I rather choose to look upon it as being the famous American eagle; and to look upon Lemuel Sanford as one of the first Americans to use that device after the Declaration of Independence. What greater honor, in insignia, need any Sanford ask for than that?

Now as to Prescription: If any of Lemuel's direct descendants wish for a seal, with a device upon it, who shall say that they are not reasonably free to take that seal upon their ancestor Lemuel's will, for private use, as a souvenir of him? But not as a souvenir of anybody else—and not in connection with any English shield of arms; and *particularly not* as a device used by any of his (Lemuel's) known ancestors."——C. A. Hoppin.

I have deemed it to be my obligation to the Sanfords of America and my duty to myself, to state facts as concisely as possible, as I have observed them, without fear or favor. I will, I am sure, be pardoned for not mentioning several other coats-of-arms which have been sent to me, used by Sanfords in various parts of this country. As to heraldry, I feel that

"Kind hearts are more than coronets
And simple faith than Norman blood."

I know that the *kind heart* and the *simple faith* of our ancestor, Thomas Sanford, who died in 1597, are proven by his will to be facts that can never be doubted. I know that *his* was the aristocracy of character, not of "birth"; that his knighthood was manhood direct from the hand of God, and not the gift of "royalty". I know that his patent of nobility was in his good and great endeavor, not in presence "at court." And I know that *his* insignia of merit was in the respect of his neighbors. In the face of such heritages, all the pretensions of and to coat-of-arms are, to me, as nothing.

Notes: The real colors of the different parts of the ems of

ABBREVIATIONS — EXPLANATION

b.	born	gen.	genealogy
bpt.	baptized	m.	married
ca	about	res.	residence —resides
cem.	cemetery	(sic)	the same as the original
ch.	child or children	twp.	township
d.	died-death-dead	unm.	unmarried
dau.	daughter	w.	widow - widower
div.	divorced	y	year - years

All male Sanfords who became the head of a family are given a number. Therefore each male who becomes the head of a family is found in two places in the book, first as the son of his father; the second time as the head of his own family. The same number is used both times he is given.

All information of the female members of a family is given when they are first mentioned.

A number following a name such as William³, Samuel², John¹ refers to their generation number. Samuel² is the father of William³; William³ is the grandson of John¹. There can be many members of the family in each generation, the individual members are found under their own exclusive number such as #303 Esbon Sanford⁵ (Esbon of the 5th generation). #303 applies to no other person save this particular Esbon.

The book is divided into four parts.

PART 1 is numbered from 1 to 96 and are those who remained in the United States. This includes the early generations and also the information obtained from the William Sanford of Madison, N. Y. Genealogy.

PART 2 are the descendants of Benjamin Sanford #100, son of Capt. Ezbon Sanford. This Benjamin Sanford went to Nova Scotia in 1760 and his descendants are numbered from 100 to 231.

PART 3 are the descendants of Encome and Joshua Sanford, brothers of Benjamin. They also went to Nova Scotia in 1760. They are numbered 300 to 426.

PART 4 Allied Families. Information gathered during this search for Sanfords. These will be interesting to some who are members of these families. Some of it corrects information now in print, found to be given in error.

As is the case of all genealogical work, research by others will unearth records not now known and thereby correct information we now feel is true. There is no reflection intended on those who have in the past given of their time and money to get the best information possible. I trust others who have the time and ability to do further work on our family will accept my effort in the same light.

Coats of Arms are indicated and made known, to wit:— crossed lines, "black"; single perpendicular lines, "red"; single horizontal lines, "blue"; single diagonal lines, "green"; dotted space, "gold"; plain space, "silver".

O BRASÃO DE SANFORD

Muitos têm escrito indagando sobre o Brasão creditado a família de John Sanford. Não há comprovante de qualquer tipo indicando o direito de uso deste Brasão pelos membros da família como sendo próprio, se bem que antepassados mais distantes o usassem em seus papéis timbrados e os encontremos esculpidos em suas lápides. Parece que os primeiros Sanford foram informados de terem o direito ao uso do Brasão, porém, falta evidência. E, agora, aceito pela família, pelo direito de prescrição, isto é, incontestado por muitos anos.

Heráldica é o estudo de insígnia pessoal de família e, geralmente, se refere à prática de se bordar o emblema de família na sobreveste usada sobre a armadura; daí chamar-se "Coat of Arms".

Blasonaria é a ciência de descrever o uso armorial ou portas do Brasão.

O estudo do Brasão é a parte mais importante e pode ser dividido em diferentes maneiras. As linhas de divisão podem formar uma Cruz. Uma principal que divide o escudo em um terço superior e dois terços inferiores; uma faixa que cruza diagonalmente o escudo e demais linhas. As cores usadas em Blasonaria são ouro (ou); branco e prateado (argentés); vermelho; azul; verde; e púrpuro ou preto (sable). O Elmo na libré feudal era um ornamento ou cobertura que oferecia proteção contra um impacto. Geralmente era feito de couro estofado, doirado, prateado ou pintado e sempre desenhado acima do escudo. Este é, possivelmente, o termo heráldico mais confundido e muitas pessoas se referem ao Brasão como "crest" – Elmo.

O Brasão usado por nossa linhagem de Sanford é descrito assim: "Arminho num principal vermelho, duas cabeças de javali, levantadas ou, uma água (em fac-simile)". Linguagem estranha para a maioria de nós. Principal é a divisão do escudo

como acima; "gules" (vermelho) refere-se à cor do terço superior do escudo; arminho refere-se às figuras nos dois terços inferiores do escudo; "couped" significa que as duas cabeças de javali estão levantadas não na posição normal em um animal vivo; ou (ouro) é a cor das cabeças de javali e o Elmo (crest) é uma água ("demi-eagle").

O Moto tal como foi dado por Carlton E. Sanford na Genealogia de Thomas Sanford é:

"NEC TEMERE, NEC TIMIDE". Nem temerário, nem tímido.

Para aqueles que desejarem estudar este assunto mais profundamente, eu sugiro ler as páginas 53 a 59 do volume I da Genealogia de Thomas Sanford.

Pessoalmente, eu espero que, aqueles atualmente vivos que desejem respeitar o nosso nome, correspondam às suas tradições mais elevadas. Isto está sumariado nos famosos versos de Alfred, Lord Tennyson:

*"Howe'er it be, it seems to me,
tis only noble to be good.
Kind hearts are more than coronets
and simples Faith than Norman blood."*

"Seja o que for, me parece,
Ser nobre só pode ser bom.
Corações gentis valem mais que ducados
E fé genuína mais que o sangue Normando."

BRASÃO SANFORD

Por nossa linhagem inglesa está claro, conforme o apresentado pelo Sr. Hoppin, que os descendentes de Thomas Sanford não têm o direito ao uso de brasões por herança ou por virtude que tiveram aquele direito de uso. Como, então, podem os descendentes de Thomas Sanford pretender ou requerer qualquer brasão antigo ou símbolo heráldico? Desconheço qualquer possibilidade, exceto, talvez, pela doutrina de prescrição, sobre a qual falarei mais fartamente, mais adiante, quando parecer ser apropriada a aplicação dessa doutrina.

Eu tenho buscado o conselho daqueles completamente versados em heráldica, e declaro haver aprendido este assunto que passo a submeter à consideração de todos os leitores. Primeiramente, está declarado em trabalhos heráldicos altamente acreditados que o uso de brasões por famílias, na Inglaterra só tem início após as Cruzadas. As Cruzadas começaram muitos anos depois da conquista da Normandia e terminaram em fins do século XIII. Os sinetes (usados sobre os escudos) só passaram a ser adotados em 1400. E os "motos" foram criados ainda mais tarde, na heráldica inglesa. Daí, muitas famílias Sanford distintas na Inglaterra – algumas houve que usavam armas e outras não.

Quanto ao uso de brasões na América transcrevo um trecho das recomendações, sobre o assunto, adotadas pela Sociedade de História Genealógica de Nova Inglaterra, por ocasião de sua assembleia anual de 1899, constante do relatório da Comissão de Heráldica.

"Antes da Revolução, e como súditos de um governo que reconhecia a heráldica – certos habitantes tinham o direito ao uso de Brasões; porém, somente aqueles que foram agraciados com Brasões ou aqueles que podiam comprovar descendência, em linhagem masculina, de um antepassado a quem fora concedido ou confirmado Brasões pelos Arautos. O simples fato de um indivíduo possuir pintura de um brasão, sobre uma placa, um livro próprio ou selo, ou sobre sua lápide, não constitui prova de direito a seu uso. Tais provas de direito devem ser encontradas nos Registros Heráldicos, ou serem estabelecidas por um 'pedigree' autenticado, diretamente por um armador.

Um brasão não pertence ao nome da família, e sim àquela família, em particular, cujo nome é o mesmo do progenitor a quem o Brasão fora concedido ou confirmado; e era tido simplesmente como título de uma propriedade individual – tal como terra”.

Nossos governos nacional e estaduais, muitas cidades, vilas e sociedades adotaram e estão usando brasões, legendas e sinetes. O que indivíduos (Sanford, ou outros) podem fazer, é assunto de suas próprias decisões. O autor da “Genealogia” de Sanford não tem autoridade para fazer regulamentações ou recomendações para estabelecer o uso de qualquer brasão; nem existe autoridade alguma, na América, para a criação ou implantação de tais regulamentações. Também, não existe nenhuma autoridade oficial, na Inglaterra presentemente, para tais assuntos. As cortes dos Arautos foram abolidas há muitas gerações passadas. Reis e Rainhas da Inglaterra, de há muitos cassaram a concessão de brasões. Praticamente, hoje em dia, qualquer pessoa pode ter um brasão confeccionado e “Concedido” (compra e venda) por um grupo de homens chamado “Os Arautos”, os quais em termos de negócio privado, mantêm atualmente o comércio de vendas de informações heráldicas por elevadas somas (especialmente a americanos suscetíveis) – no mesmo lugar – (o antigo Colégio de Armas, Londres) – onde as antigas cortes dos Arautos eram realizadas. A criação de um brasão de armas, hoje, pelo Colégio de Armas, não é mais um procedimento oficial de governo, nem mais importante do que o confeccionamento e uso, por um americano, nos Estados Unidos, de qualquer artifício heráldico, que esse venha a escolar, criar e usar.

Não compete ao escritor ditar o que qualquer Sanford deixo ou não fazer. O valor de um brasão antigo para um americano é sobretudo como um “souvenir”, uma relíquia, um troféu de um antepassado estrangeiro, emblasonado, e de quem desce. Eu espero, muito sinceramente, que nosso mais antigo antepassado direto conhecido como Richard Sanford (que morreu em Stanstead, Mountfitchet, Essex, Inglaterra, no ano de 1591) possa ser comprovado como sendo parente dos Sanford heráldicos de Essex, os quais estão especificamente mencionados na “Heraldic Visitations of Essex, in 1612-1634”. (Registro Heráldico de Essex, em 1612-1734), que apresenta estas armas:

ESCUDO: "Por asna – negro e arminho numa asna ou escalope (concha) vermelho".

SINETE: Como parte PRINCIPAL duas cabeças de javali separadas da terceira.

Uma cabeça de javali separada NEGRO, tendo na boca uma lança partida, combinação em prata goler – vermelho.

Em face desse registro nada se encontra ali para demonstrar que tal investigação é anterior a 1575. Se Richard Sanford foi apresentado de qualquer dos Sanford Heráldicos, é bem mais provável que o tenha sido destes Sanford, de seu próprio Condado de Essex, do que de qualquer outros. Confesso que a perspectiva de estabelecer tal parentesco assim tardiamente (isto é, depois que estes brasões foram concedidos àqueles Sanford de Essex) não é muito clara. Espero que alguém creia bastante nesta perspectiva para fazer nova tentativa no sentido de estabelecer um parentesco, mesmo depois de eu não ter podido encontrá-lo, a despeito de não pequeno esforço.

Não me foi possível averiguar quão antigo é esse brasão destes Sandford de Essex, se for tão antigo quanto 1450, então os antepassados destes Sandford heráldicos do "Essex Visitations" (Registro Heráldico de Essex) podem facilmente ter sido parentes próximos dos antepassados essexianos de nosso Richard Sandford, que morreu em 1591; (vide iII).

Está positivamente verificado que o primeiro uso de qualquer brasão por um Sanford foi no caso de um tal Sir Richard Sandford em uma escritura do ano de 1240, cujo brasão era "Quartelado por faixas indentadas (contas muito longas), azul-celeste e arminho".

Eu não sei se essa escritura ainda existe: meus correspondentes ingleses não a viram.

Os trabalhos em heráldica mostram que tem havido, desde o século XIII pelo menos cinquenta quartelamentos (alterações) das Armas Sanford, da Inglaterra. O brasão dos Sanford do Condado de Shropshire, Inglaterra, apresentado no "Burke's Landed Gentry" (Fidalgua Fundiária de Burke), volume 2, p.1411, é descrito como segue:

BRASÃO: Quartelado, por faixas, indentadas, azul-celeste e arminho.

SINETE: Um falcão com asas endorsadas (endorsed) apresando uma perdiz.

MOTO: "Nec temere, nec timide" (Nem temerário, nem tímido).

Uma família da cidade Nova Iorque, há alguns anos, reivindicou e usou desse brasão, tal como apresentado em folha impressa a mim enviada. O elmo deste brasão, pelo menos, foi também usado pelos Sanford desde a Guerra da Revolução, os quais colonizaram a Virgínia, tal como me informou o General John W.A. Sanford, de Montgomery, Ala., enviando-me uma nítida impressão do Sinete.

No "BURKE'S LANDED GENTRY" (FIDALGUIA FUNDIÁRIA DE BURKE), pode-se encontrar, também, outros estilos de brasões para outros Sanford de Shropshire, Ilha de Rossal, Inglaterra. Esta figura está descrita assim:

BRASÃO: Por asna (divisa) negro e arminho;

SINETE: Uma cabeça de javali, seccionamento curto;

MOTO: "Nec temere, nec timide" (Nem temerário, nem tímido).

Este brasão, como será visto, não corresponde com os brasões mais antigos dos Sanford de Shropshire, porém, pelo que eu tenho visto, ele é a figura usada posteriormente pela atual família de SANFORD MANORSHROPSHIRE, England (Manor: Casa Senhorial).

Este brasão é mais usado na América do que qualquer outro, ou todos os outros. Ele foi oficializado por Horatio Gates Sanford de Gloucester, Mass. (EUA) em 1885, e por ele blasonado e vendido aos Sanford suscetíveis no País.

Qual foi sua autoridade para vendê-lo como o brasão da família Thomas Sanford, não sei nem encontrei. Comprei seus escritos, manuscritos etc., porém, eles não esclarecem este ponto. A descoberta da linhagem de Thomas Sanford, pelo Sr. Hopkin parece desacreditar totalmente qualquer direito real ou reivindicação válida para uso desta figura heráldica pelos descendentes de Thomas. Eu não afirmarei que não, porém, não conheço qualquer indício, ou base, ou autoridade, ou mesmo uma tradição escrita e apropriada para aquela reivindicação.

Na gravura que acompanhou a venda do brasão, oficializado, por Horatio G. Sanford, ficou omitido o diadema ducal, de

ouro e o pescoço comprido do javali; no sinete foi também eliminado, já que o autor não encontrou nenhuma menção daquelas adições nas descrições publicadas daquele brasão. O sinete é o de um escudeiro (um Lord) senhorio, com manto acompanhante. O manto é composto pelas cores do escudo, alternadamente. (Vide III).

Há alguns anos passados, um descendente de Ezekiel Sanford, de Southampton, Long Island, que era filho de Robert o Pioneiro de Hartford, Ct. (que era irmão do Pioneiro Thomas) – após consideráveis pesquisas, encontrou aquilo que acreditou ser as Armas com as quais sua família houvera sido intitulada, a saber:

QUARTELAMENTO: primeira e quarta por asna – negro e arminho.

Como PRINCIPAL: duas cabeças de javalis – seccionamento curto, ou,

SEGUNDA E TERCEIRA: por faixa indentada – azul celeste e arminho.

SINETE: um falcão – asas recurvadas – apresando uma perdiz;

MOTO: "Nec temere, nec timide".

Este brasão, conforme foi informado, é a figura da heráldica dos Sanford, de Sandford Court, Condado de Kilkenny, Ireland (Irlanda). (Vide: "Early History of Southampton". L.I. por Howell) História do Passado de Southampton, L.I.

O brasão usado pelo finado edil William Eli Sanford, de Hamilton, Canadá, um descendente do Pioneiro Thomas, é igual àquele vendido por Horatio Gates Sanford, excetuando-se o fato de que a cabeça do javali, no Sinete, é bem mais genuína, tendo uma enorme presa (dente), e com a coroa ducal, na qual ele repousa elevada sobre uma grinalda.

Os descendentes de John Sanford, de Rhode Island, podem ter algum direito ao uso de Armas Heráldicas, por prescrição, se aplicarmos tal doutrina à heráldica nos Estados Unidos; pois que um brasão fora, realmente, esculpido na lápide de William Sanford, de Newport, R.I., que faleceu em 24 de abril de 1721, gravada que fora, também, em outras pedras, conforme estou informando. Essa figura heráldica é descrita como segue:

BRASÃO: Arminho sobre – roxo avermelhado – duas cabeças de javali;

SINETE: Seccionadas; uma águia exposta em efígie;

MOTO: "Nec temere, nec timide" (Nem temerário, nem tímido) (Vide iII).

Existe um timbre (sinete) no testamento (março de 1777) de Lemuel Sanford, de Redding, Ct., o qual é o mais antigo usado por qualquer membro da família neste País pelo que se conhece; e, julgado por alguns Sanford, por essa mesma razão, deva ser este o mais autorizado do que qualquer outro. (Vide iII). Aplicando-se ao uso americano a ideia de prescrição, então os descendentes de Lemuel Sanford podem ter o direito de usar o emblema heráldico estampado sobre aquele lacre sob a descrição de Sir William Dugdale, (Garter King of Arms) superior da Ordem da Jarreteira – Pergaminho Ms. 70, pág. 88 (Landsdowne Ms. 70, folio 88) sob a data de 15 de junho de 1668, cuja transcrição se segue:

"É um dever precípua que um cidadão procure evidência para alguns sinetes heráldicos próprios, já que talvez os encontre, e se assim for, e se ele os tiver usado desde o princípio do reinado da Rainha Elizabeth, ou por volta daquela época, eu deverei então permiti-lo, pois que o nosso discernimento nos limites a fazer assim, que não, uma prescrição mais curta de tempo."

Aqui, como pode ser observado, temos uma jurisprudência positivamente definida pela mais alta autoridade heráldica, e, segundo a qual, um cidadão estaria justificado pelo uso de um brasão desde que o mesmo haja sido usado por um membro de sua família durante cem anos, ou aproximadamente.

Eu enviei à Fairfield para examinar o timbre (sinete) sobre o testamento de Lemuel Sanford, um cavalheiro muito experiente sobre heráldica, e principalmente, quanto a timbres sobre documentos genealógicos. Ele informou parcialmente como segue:

"Esse sinete não se configura com a estampa de qualquer timbre conhecido dos trabalhos heráldicos da Inglaterra, nem com os usados por qualquer Sanford – tanto antes como depois do mencionado ano de 1777.

Existe ali uma pequena semelhança ao timbre usado pelos Sanford em Rhode Island. Porém, é impressão sobre a cera ver-

melha, aposta naquele testamento, não é outra que não aquela conhecida em heráldica como uma 'eagle rising, regardent'."

Vide: "Fairbairn's crests of the Families of Great Britain and Ireland" – Timbres das Famílias da Grã-Bretanha e Irlanda – compilado por Laurence Butters. (Gravador ordinário da Rainha, 1860, vol. I).

Este selo foi usado pelas famílias britânicas de Agnew, de Breos, Bruse, Candler, Dethicke, Ramsay, Water e Weston.

Poder-se-á perguntar: Como é que o sinete da água "rising regardent" foi colocado no testamento de Lemuel Sanford? Existem várias possibilidades admissíveis. Primeiramente, deve ser lembrado que sinetes e outros símbolos, que foram apostos sobre documentos de cartório, frequentemente não eram os brasões, os sinetes, as marcas ou os símbolos próprios do interessado. Os genealogistas aprenderam a não se deixarem confundir por tais sinetes, pois que são feitos frequentemente com as estampas de alguma testemunha, tabelião, ministro, médico, parente materno ou vizinho, presentes quando o documento foi assinado e que tinham o sinete consigo, no bolso, no anel ou numa pulseira.

Talvez não fosse inadvertido acreditar-se que Lemuel Sanford era um homem honesto, e que não – sem o saber – usaria um sinete, brasão ou qualquer outro símbolo dos Sanford, a menos que ele próprio acreditasse ter direitos ao mesmo. Igualmente, também, penso que ele não soubesse ter direito a outro sinete que não a um de sua própria invenção. Se ele escolheu o "eagle risin" (águia ascendente) quem poderia contestar que ele não fosse muito familiarizado com aquela ave em seu aviário ou nas matas da Fairfield ou, melhor ainda, bastante patriota para ostentar a água durante a Guerra da Revolução? Eu prefiro reconhecê-la como sendo a famosa águia americana; e reconhecer Lemuel Sanford como sendo um dos primeiros americanos a usar aquele símbolo após a Declaração de Independência. Que maior honra do que aquela, em insígnia, precisaria um Sanford?

Agora, quanto a prescrição: se qualquer dos descendentes diretos de Lemuel Sanford desejar um emblema, quem poderia dizer que eles não tivessem liberdade razoável para usar aquele que está apostado ao testamento de Lemuel, para uso particular, como lembrança dele? Porém, não como "souvenir" de outra

pessoa qualquer – nem uma concessão com qualquer arma inglesa; e, principalmente, sem correlacionamento com qualquer símbolo usado por seus conhecidos antepassados – C.A. Hoppin.

Assumi ser minha obrigação para com os Sanford da América, como meu dever, relatar os fatos tão concisamente quanto possível, como os tenho observado, sem medo e sem favor. Estou certo que serei perdoado por não mencionar vários outros brasões a mim enviados, de uso por Sanford em várias partes do País.

QUANTO A HERÁLDICA, EU ACHO QUE:

"CORAÇÕES GENTIS VALEM MAIS QUE DUCADOS E FÉ SINGELA MAIS QUE SANGUE NORMANDO."

EU SEI QUE O CORAÇÃO GENTIL E A FÉ SINGELA DE NOSSO ANTEPASSADO THOMAS SANFORD QUE FALECEU EM 1597, ESTÃO COMPROVADOS POR SUA FORÇA DE VONTADE EM FATOS JAMAIS DUVIDÁVEIS. EU SEI QUE A SUA ARISTOCRACIA ERA UMA ARISTOCRACIA DE CARÁTER E NÃO DE NASCIMENTO. QUE A SUA INVESTIDURA FOI HOMBRIDADE DIRETA PELA MÃO DE DEUS E NÃO UMA CONCESSÃO DE REALEZA. EU SEI QUE SUA PATENTE DE NOBREZA ESTAVA EM SUA PRÓPRIA BONDAD E GRANDE DETERMINAÇÃO, E NÃO NO AMBIENTE DE UMA CORTE, E SEU QUE SUA INSÍGNIA DE MÉRITO ERA O RESPEITO DE SEUS VIZINHOS. EM FACE DE TAIS LEGADOS, AS PRETENSÕES A UM BRASÃO, PARA NADA SIGNIFICAM.

NOTA: AS CORES REAIS DOS BRASÕES ILUSTRADOS SÃO ASSIM CONHECIDAS E INDICADAS: LINHAS CRUZADAS, "PRETO"; LINHAS PERPENDICULARES "VERMELHO"; LINHAS HORIZONTAIS, "AZUL"; LINHAS DIAGONAIS, "VERDE"; ESPAÇO PONTILHADO, "OURO"; ESPAÇO "PRATA".

ABREVIATURAS E EXPLICAÇÕES

b. Nascido	gen. Genealogia
bpt. Batizado	m. Casado
ca. Acerca	res. Residência, Mora
cem. Cemitério	(sic). O mesmo que original
ch. Filho ou Filhos	twp. Cidade
d. Morto, Falecido	unm. Solteiro
dau. Filha	w. Viúva, Viúvo
div. Divorciado	y. Anos, Ano

A todos os Sanford, homens, chefes de uma família, foi dado um certo número. Consequentemente, cada homem que se tornou chefe de uma família será mencionado em dois lugares no livro; primeiramente, como filho de meu pai; e segunda vez como chefe de sua família. O mesmo número é usado em ambas as ocasiões que ele foi mencionado.

Todas as informações sobre os membros femininos de uma família, são dadas quando mencionados pela primeira vez.

Um número seguindo-se a um nome tal como William³. Samuel², John¹, refere-se à sua geração. Samuel² é o pai de William³; William³ é o neto de John¹. Poderá haver muitos membros da família em cada geração; os membros individualmente serão encontrados sob seus próprios e exclusivos números tal como n.º 303 Esbon Sanford⁵. (Esbon da quinta geração). N.º 303 aplica-se tão somente àquele particular Esbon.

O livro está dividido em quatro partes:

Parte 1. Numerada de 1 a 96. Relaciona aqueles que permaneceram nos Estados Unidos. Inclui as primeiras gerações e, também, a informação obtida em William Sanford, de Madison (GENEALOGIA DE N.Y.).

Parte 2. São os descendentes de Benjamim Sanford n.º 100, filho do capitão Esbon Sanford. Este Benjamim Sanford foi

para a Nova Escócia em 1760 e os seus descendentes são numeradas de 100 a 231.

Parte 3. São os descendentes de Encome e Joshua Sanford, irmãos de Benjamim. Eles também foram para a Nova Escócia em 1760. São numerados de 300 a 426.

Parte 4. Famílias derivadas. Informação obtida durante esta pesquisa para os Sanford. Isto será interessante para alguns que são membros destas famílias. Parte dessa informação corrige o que já foi impresso erroneamente.

Como acontece com todos os trabalhos genealógicos, a pesquisa de terceiros descobre registros até então desconhecidos e, assim, corrige informação atualizada. Não há aqui nenhum reflexo intencional para aqueles que, no passado, deram seu tempo e dinheiro para obter a melhor informação possível. Confio em que aqueles que tenham tempo e habilidade para prosseguir em tais trabalhos sobre nossa família, aceitarão o meu esforço sob o mesmo espírito.

PRIMEIRA PARTE

**A FAMÍLIA SANFORD
DE NEW YORK,
PONTO DE PARTIDA
DOS SANFORD NO
CEARÁ**

Capítulo I

No dia 12 de março de 1864, nasceu na cidade de New York – Brooklin, Clemont, Av. 431, EE.UU. da América – JOHN ROSHORE SANFORD¹ de quem descende, em linha direta, a família Sanford no Ceará e hoje já presente em outros Estados do Brasil (Guanabara, São Paulo, Distrito Federal – Brasília, Goiás, Rio Grande do Sul) e em Washington (EE.UU.) onde reside seu neto - Armando Sanford Lima.

Mr. John Roshore Sanford, era o filho mais velho do casal Carl Smith Sanford e Susan Roshore Sanford, ambos nascidos na cidade de New York e aí casados, sendo ele Carl Smith Sanford, de origem inglesa e ela Susan, de origem francesa:

Eram avós paternos de Mr. John Roshore Sanford:

Natan Sanford – Americano

Lavínia Smith Sanford – Americana

Seus avós maternos, eram:

John Roshore – Americano

Rosalin Clarin – Americana

1 _Standfor – Sandford – Sanford – três grafias diferentes da mesma palavra.

No passaporte de Mr. John Roshore Sanford – Expedido em New York, em 18 de agosto de 1889, seu nome está grafado: SANDFORD (Vide pág. 70)

Natan Sanford, Lavínia Smith Sanford, John Roshore e Rosalin Clarin, todos americanos de nascimento, descendiam, os dois primeiros, de famílias inglesas; os dois últimos de famílias francesas que emigraram da velha Europa para a jovem América, tangidas pelas perseguições religiosas e políticas, buscando na terra nova, uma pátria nova, onde não prevalecesse o poderio absoluto dos reis; onde a árvore da Liberdade pudesse vicejar em toda a sua plenitude; onde o poder unipessoal fosse substituído pela vontade do povo, colhida em deliberações, tomadas em Assembleias e Convenções populares através do voto livre; onde os já sonhados e desejados Direitos do Homem fossem vividos e garantidos em condições de igualdade para todos.



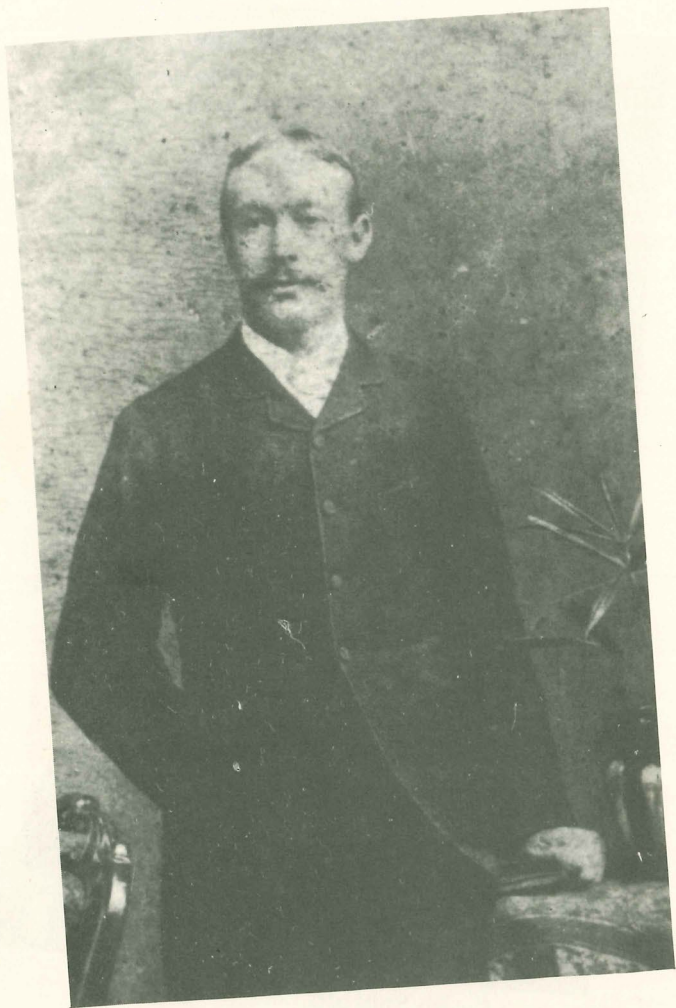
Nattan Sanford

Nathan Sanford tinha a sua origem remota ligada aos colonizadores da Virgínia, que no primeiro quartel do século XVII chegaram à costa do Atlântico Norte, em local que tomaria o nome de Jarnestown, a 26 de abril de 1607, exatamente no porto onde hoje está soerguido um grande cruzeiro comemorativo (The Landing Cross), às margens da embocadura do Rio James, cuja natureza permanece preservada, como testemunha eterna

do término daquela viagem sentimental e histórica, ponto inicial da colonização inglesa nos Estados Unidos da América do Norte.



Lavinia Smith Sanford (antes Lavinia Smith) prendia a sua remota origem genealógica ao famoso Capitão John Smith, orgulhoso de ser inglês e protestante **puritano**, também **fundador da Colônia de Jamestown** (Estado de Virgínia) na primeira década da era de 1600 – personagem central da romântica e triste história de Pocahontas, a jovem e bela moça **Pele Vermelha**, Princesa de sua tribo porque filha de Pajé, que, perdida de amores pelo louro capitão, cuja vida salvou de morte horrenda, não teve por ele correspondida a sua paixão...



John Roshore



Rosalin Clarin

John Roshore era um homem de excepcionais predicados morais. Era um homem de sociedade.

Nascido no ano de 1820, na cidade de New York, aí faleceu em 1966, portanto, com 45 anos de idade.

Um jornal da época, cujo recorte está em nossas mãos e de que apresentamos a fotostática a seguir, noticiando o seu passamento, assim escreveu sobre a sua personalidade:

"Died"

In this city on Wednesday, Aug. 16th John Roshore, in the 46th year of his age.

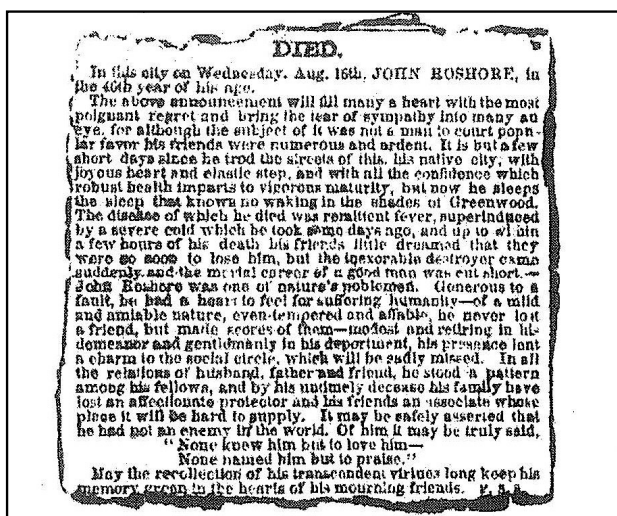
The above annoucement will fill many a heart with the most poignant regret and bring the tear of sympathy into a many an eye, for although the subject of it was not a man to court popular favor his friends were numerous and ardente. It is but a few short days since he trod the streets of this, his native city, with joyous heart and elastic step, and with all the confidence which robust health imparts to vigorous manurity, but now he sleeps the sleep that knows no waking in the shades of "Greenwood". The disease of which he died was remittent fever superinduced by a severe cold which he took some days ago, and up to within a few hours of his death his friends little dreamed thay were so soon to lose him, but the inexorable destroyer came suddenly and the mortal career of a good man was out short. John Roshore was one of nature's noblemen. Generous to a fault, he had a heart to feel for suffering humanity of a mild and amiable nature even tempered and affable he never lost a friend, but made scores of them-modest and retiring in his demeanor and gentlemanly in his deportment, his presence lent a charm to the social circle, which will by sadly missed. In all the relations of husband, father and friends he stood a pattern among his fellows, and by his untimely decease his family have lost na afflictionate protector and his friends na associate whose place it will be hard to supply.

*It may be safely asserted that he had not an enemy in the world.
Of him it may be truly said:*

"None knew him but to love him."

"None namad him but to praise."

*May the recollection of his transcendente virtues long keep
his memory green in the hearts of his mourning friends.*



Fotocópia da notícia do falecimento de John Roshore, publicada em um jornal da época (Nova Iorque).

"Falecimento"

"Nesta cidade, quarta-feira 16 de agosto morreu John Roshore, na idade de 46 anos.

A notícia acima encherá muitos corações do mais pungente pesar e trará lágrimas de consternação a muitos olhos porque, se bem que a pessoa a que se refere não fosse homem bajulador do favoritismo popular seus amigos eram numerosos e ardentes. Há poucos dias ele caminhava nas ruas desta cidade, sua terra natal, com o coração alegre e passo largo e com toda confiança que uma saúde robusta empresta a uma maturidade vigorosa. Mas agora, ele dorme o sono que não conhece o alvorecer nas sombras do cemitério de "Greenwood".

A doença da qual ele morreu foi uma febre intermitente causada por um sério resfriado que ele apanhou alguns dias passados, e até poucas horas antes de sua morte, seus amigos não sonhavam que iriam, tão cedo, perdê-lo. Mas a morte inexorável veio repentinamente e a vida de um homem bom foi bruscamente cortada.

John Roshore era um homem de natureza nobre. Generoso ao extremo, ele possuía um coração sensível ao sofrimento da humanidade; de natureza amena e amável e temperamento brando e afável. Jamais perdeu um amigo. Pelo contrário, fazia-os em grande número. Modesto e retirado ao seu comportamento e cavalheiro nas suas atitudes, sua presença emprestou um encanto ao círculo social no meio do qual vivia, e que dele estará sentindo saudade. Em todas as relações de marido, pai e amigos, ele portava-se como um modelo entre seus companheiros, e por seu prematuro falecimento, sua família terá perdido um afeiçoado protetor e seus amigos um companheiro, cujo lugar será difícil preencher. Pode-se afirmar que ele não tinha um inimigo no mundo e dele sinceramente se pode dizer:

“Ninguém podia conhecê-lo sem amá-lo”.

“Ninguém podia mencioná-lo sem elogiá-lo.”

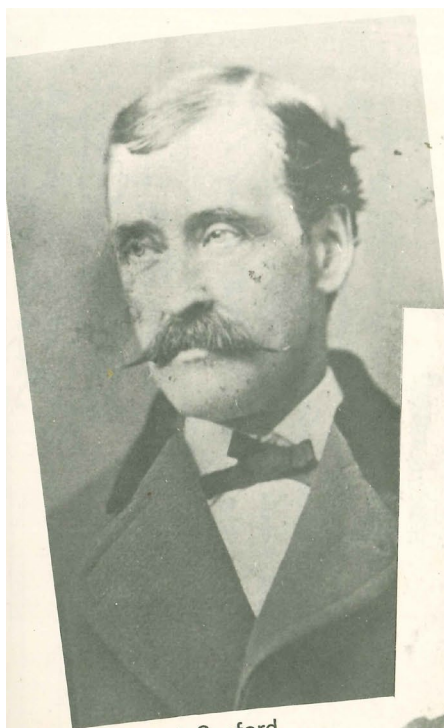
Possa a lembrança de suas excelentes virtudes, ficar guardada, sempre presente, nos corações enlutados de seus amigos.”

Rosalin Clarin, era uma moça portadora de belos dotes artísticos: pintava, desenhava e bordava com rara maestria, preditados estes que transmitiu à sua filha Susan.

A família Sanford, no Ceará, guarda com desvelo 3 belos quadros de autoria de Rosalin e Susan sendo dois retratos de família e um alusivo aos trabalhos do famoso Senador Henry Clay na sua luta pelo estabelecimento das mais amplas relações públicas da nascente nação americana com os demais países do mundo, logo após a instalação de seu Congresso Nacional. Também de autoria de Susan Roshore, a família guarda dois bonitos quadros formados por linda e delicada tessitura de fios de seda policromados e são alusivos à Independência da então jovem e próspera Nação Norte Americana.

Casamento de Carl Smith – Susan Clarin Roshore

Carl Smith Sanford e Susan Clarin Roshore receberam-se em matrimônio (ela filha única de John Roshore e Rosalin Clarin Roshore de origem francesa) no dia 5 de novembro de 1862, na cidade de New York, conforme certidão de casamento n.º 155 daquele ano assinada pelo Pastor do Tabernáculo da Igreja Batista da referida cidade Edward Lathrop, que celebrou o casamento.

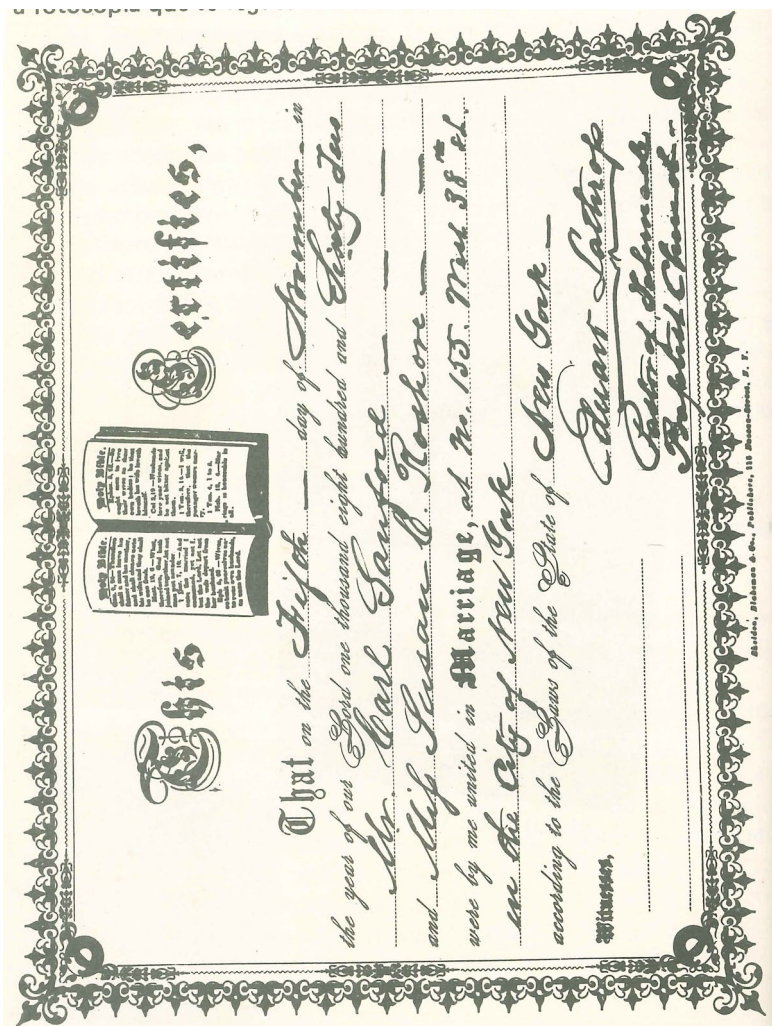


Carl Smith Sanford



Susan Clarin Roshore

É desse documento, em poder da família Sanford no Ceará a fotocópia que se segue:



Fotocópia da certidão de casamento de Carl Smith Sanford e Susan Clarin Roshore.

Casando-se em 5 de novembro de 1862, como vimos Mr. Carl Sanford, já no dia 11 do mesmo mês e ano empreendia viagem por terra, de Washington para Virginia, em companhia de sua jovem esposa a fim de visitar parentes seus lá residentes.

Estava então em pleno curso a Guerra da Secessão. Assim, para realizar a viagem Mr. Sanford solicitou do Quartel General das Forças Federadas em Washington o necessário salvo conduto, ou passe, para transitar livremente entre as linhas abolicionistas o que lhe foi concedido conforme documento escrito, cujo original é ainda hoje guardado cuidadosamente, pela família no Ceará.

É desse histórico documento à fotostática que se segue, com o seu texto em inglês e sua respectiva tradução.

New Sp. Milg. Dist. of Washington
Washington D.C.
Nov. 11, 1862.

Guards

Will please pass
C. Sanford Esq. and Lady
to and from Virginia (within ten
miles) and driven for the
purpose of visiting. This
pass will expire
Nov. 15/62

By Command of
Brig. Genl. Wadsworth
W. H. H. H. H. H.
Lieut. Col. A. C. C.

Fotocópia do passe fornecido a Mr. Carl Sanford e Senhora para visitarem parentes em Virgínia.

"Head In. Mil'y. Disto of Washington

Washington D.C. – Nov. 11, 1862

Guards

Will please pass C. Sanford Esqu. and Lady to and from Virgínia (within lines) with tean and driver, for the purpose of visiting. This pass will expire Nov. 15/62.

By Command of

Brig. Gen'l. Wadsworth

a) W. M. Dalglesch

Lun. Act'g. A.D.C."

.....

Q.G. Distrito Militar de Washington

Washington D.C.

11 de novembro de 1862.

Guardas

Deixem passar o Exmo. Sr. C. Sanford e Senhora para ir e voltar a Virgínia (dentro das linhas) com parelha de animais e cocheiro, com o propósito de fazer visitas. Este passe expirará em 15 de novembro de 1862.

Pelo Comando do

Brig. Gen. Wadsworth

a) W.M. Dalglesch

Lun. Act'g. A.D.C."

.....

Do casal Carl Smith Sanford / Susan Roshore Sanford nasceram os seguintes filhos pela ordem:

1º John Roshore Sanford

2º William Roshore Sanford

3º Susan Roshore Sanford

4º Mary Roshore Sanford

5º Carl Sanford Jr.

6º Lavinia Smith Roshore Sanford

Dos irmãos Sanford aqui nominados, damos a seguinte notícia:

1 - John Roshore Sanford é o fundador da família Sanford no Ceará e dele daremos notícia detalhada no decorrer destas notas, logo a seguir;

2 - William Roshore Sanford, casado com Edite Gulbertson Sanford de New York. Do casal nasceram dois filhos de nomes Gulbertson e Felice, o primeiro residente em São Francisco – Califórnia (USA). Felice faleceu em criança.

3 - Susan Roshore Sanford, casada com West Pollock, em New York. Do casal nasceu uma única filha de nome Marjorie, residente na cidade de New York.

4 - Mary Roshore Sanford, falecida em criança (New York).

5 - Carl Sanford Jr., casado com Bessie Sanford, em New York, não havendo filhos do casal.

6 - Lavinia Smith Sanford LeBaron, casada com John Frederick LeBaron, do Texas, não havendo filhos do casal. ⁽²⁾

Carl Smith Sanford, pai dos irmãos Roshore Sanford,

2 Lavinia (Lili), no ano de 1908, veio a primeira vez ao Brasil, acompanhando Mr. Sanford, quando de seu regresso de Nova Iorque, onde fora visitar seus familiares. Em Sobral permaneceu seis meses, convivendo com a família, tendo feito o melhor relacionamento possível dentro da sociedade sobralense. No “Sítio Monte”, no alto da Serra da Meruoca, permaneceu três meses, familiarizando-se com a vida rural abraçada por Mr. Sanford e sua família brasileira. Na segunda visita à sua família, chegou em Fortaleza no dia 30.3.1963, onde faleceu exatamente no dia 30.3.1965. Está sepultada no túmulo da família Francisco Paracampos, no cemitério de São João Batista, em Fortaleza.

era industrial de carnes frigorificadas e defumadas, com fábrica instalada no bairro de Brooklin, na cidade de New York, em prédio próprio, cuidando, principalmente, da industrialização da carne de suínos, com preparo de presuntos, mortadelas e salsichas em geral.



Susan Roshore Sanford Pollock



William Roshore Sanford



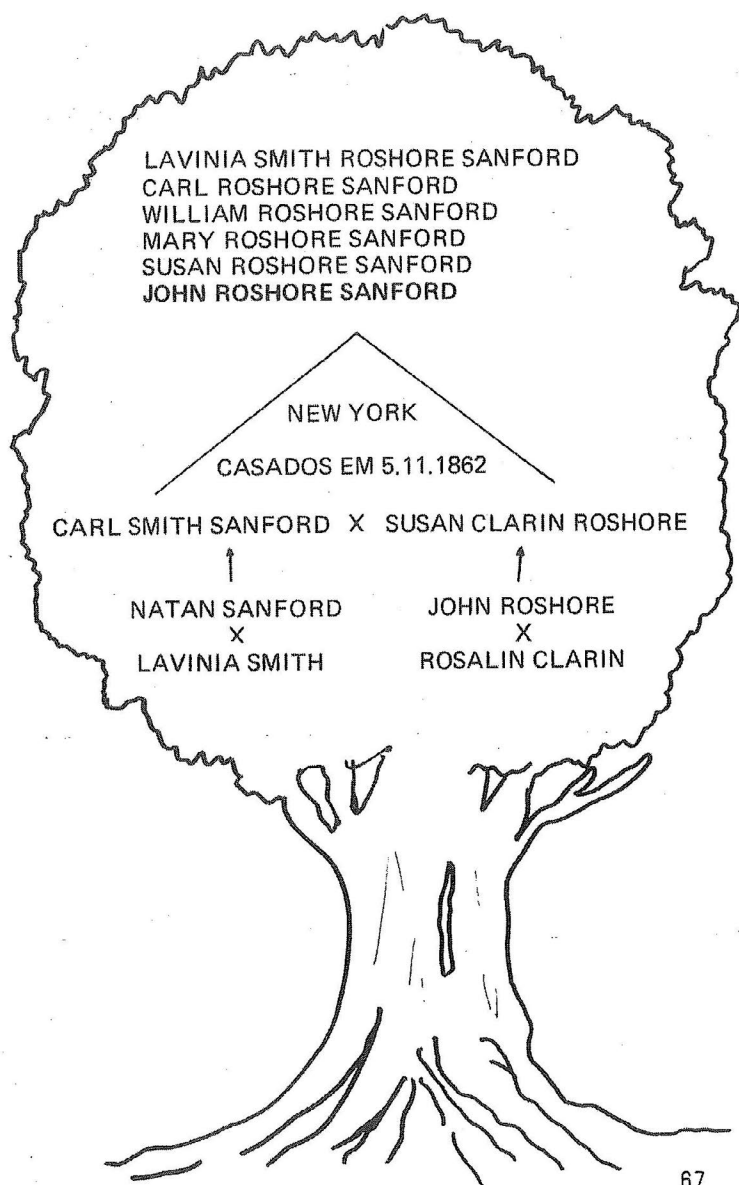
Carl Smith Sanford Jr.



Lavinia Smith Roshore Sanford LeBaron

Nota

Ao encerrarmos o primeiro capítulo, queremos deixar aqui registrado que, mais ou menos na mesma época em que Mr. John Roshore Sanford se transferia de Nova Iorque para o Brasil (Recife-Pernambuco e depois Ceará) um outro membro da família Sanford da América, também se transferia para o Brasil – para o Sul – fixando-se em Santa Catarina, em Florianópolis, ali casando e constituindo, também, família numerosa. São os Sanford de Santa Catarina, que ali tem como chefe, nos dias de hoje o Sr. João Roberto Sanford – Família destacada, numerosa, contando no seu seio, profissionais liberais de várias classes – Engenheiros, Médicos, Engenheiros Agrônomos, Funcionários Públicos etc.



Capítulo II

VEM PARA O BRASIL – MR. JOHN ROSHORE SANFORD

O mais velho dos irmãos Roshore Sanford – Mr. John Roshore Sanford, nascido na cidade de New York no dia 12 de março de 1864, Clemont Av. 431, depois de cursar o Instituto Politécnico de Brooklin, ao completar 25 anos de idade, portanto em 1889, precisamente no dia 12 de setembro de 1889, viajando pelo navio "Aliance", deixava a cidade de New York, sua terra natal, com destino ao Brasil, Estado de Pernambuco, cidade de Recife, onde deveria empregar as suas atividades comerciais em favor da poderosa firma industrial Norte-americana – **Keen Sutterly & Co.**, de Filadélfia, compradora de couros e peles de animais domésticos, principalmente, peles de caprinos e ovinos, para alimentação da sua grande indústria de curtumes, instalada naquela mencionada cidade estadunidense.

O navio "Aliance", que zarpara de New York, no dia 12 de setembro de 1889, ancorou no Porto de Recife, no dia 28 do mesmo mês e ano.

O "Viato" posto no passaporte de Mr. Sanford, pela autoridade brasileira no Recife, é datado de 26 de setembro de 1889, e é do seguinte teor:

"Visto"

"Bordo do Aliance – Pernambuco, 26 de setembro de 1889".

"J.C.S. de Albuquerque"

"Of. Cat. da Secretaria de Polícia".



United States of America

DEPARTMENT OF STATE

To all to whom these presents shall come Greeting

I the undersigned, Secretary of State of the United States of America,

do hereby request all whom it may concern to permit John R. Sanford a CITIZEN of the UNITED STATES

and freely to pass and in case of need to give him all lawful aid and protection.

Given under my hand and the Seal of the Department of State, at the City of Washington, the 28th day of August in the year 1889 and of the Independence of the United States the one hundred & fourteenth.

James G. Blaine

John R. Sanford

Signature of the bearer.

Age 25 years

Stature 5 feet 10 inches high

Complexion high

Hair dark brown

Eyes straight

Mouth medium

Chin round

Nose brown

Complexion fair

Hair full

Fotocópia do passaporte de Mr. John Sanford, fornecido pelo Departamento de Estado dos EE.UU. da América, de 28.8.1889.

Bordo do Alleança
Pernambuco 26 de Setembro
de 1889. Visto
J. C. L. d'Albuquerque
Off. Gen. da Secretaria de Polícia

Íntegra do "Visto" da autoridade que visou o Passaporte de Mr. John Sanford na sua chegada ao Brasil – Recife/PE, em 26 de setembro de 1889.

Em Recife, Mr. Sanford permaneceu 2 anos gerenciando a filial de Keen Sutterly & Co., com escritório na "Lingueta", hoje bairro do Recife, tendo a sua residência no bairro da "Torre".

Nesse período, durante o qual bem se informou dos centros de produção dos artigos que comprava a firma que dirigia – couros e peles de ovinos e caprinos – Mr. John Sanford foi sabedor de que o Estado do Ceará produzia, em quantidade apreciável, peles de caprinos e ovinos, da melhor qualidade.

Comunicando o resultado da pesquisa que fizera à Matriz, em Filadélfia, dela recebeu instruções para seguir para o Ceará e, nesse Estado, abrir escritório da referida firma, não somente em Fortaleza, mas também em outras cidades do interior onde a produção de peles, pela sua qualidade e quantidade, justificasse a adoção da providência autorizada e recomendada pela alta direção da Companhia.

Assim, logo no início do ano de 1891, Mr. Sanford deixava a cidade do Recife, com destino à cidade de Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, com o objetivo de abrir um escritório da firma americana aos seus cuidados para compra de peles e couros.

Ausentando-se do Recife, ficou como substituto seu na gerência da Casa, ali, o seu auxiliar mais categorizado, homem afeito ao meio e dotado de larga visão – Delmiro Gouveia – meio pernambucano e meio cearense, nascido no Ipu/CE, e a quem o

destino reservara uma vida tumultuosa, trepidante, cheia de lutas, de grandeza, de ousadias, de escândalos e tragédias, abrindo-lhe, entre flores, urzes e espinhos, o caminho da glória, até a sua entrada, nos dias de hoje, na história econômica do Brasil, aliás, no Nordeste, como o legítimo pioneiro do aproveitamento da energia hidroelétrica do grande salto de Paulo Afonso, no Rio São Francisco.

Delmiro desfrutava de Mr. Sanford boa amizade e confiança plena, e antes de assumir a direção da firma, foi mandado à América, para tomar contato com os diretores da Companhia, o que lhe foi de grande proveito.

.....

Nota: No livro "Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista, de F. Magalhães Martins, lê-se a página 135: "Dentre os comerciantes que influíram diretamente na sua carreira, além dos referidos no Capítulo em que mostramos como chegou a "Rei das Peles", devemos fazer menção especial aos irmãos Rossbach (Leopoldo e Jacob), Tota Camurim, apelido de Antônio Mendes Fernandes Ribeiro, chefe da conhecida firma Mendes Lima & Cia., de Recife, o português Manuel Souto capitalista e banqueiro em Penedo, e sobretudo, John Roshore Sanford, que veio dos EE.UU., a fim de abrir e gerenciar a filial do curtume **Keen Sutterly & Co.**, e foi, além de amigo pessoal de Delmiro, seu protetor, concorrendo para que o substituísse naquele posto.

Mr. Sanford em Fortaleza – Ceará

O ativo americano, enquanto montava seu escritório comercial em Fortaleza, informara-se de que a Zona Norte do Estado produzia a maior quantidade de peles que então exportava o comércio do Ceará.

Informado também ficou de que uma apreciável quantidade de peles de ovinos e caprinos produzidas no Estado do Piauí, na sua zona limítrofe com o Ceará (região nas proximidades da Serra Grande – Serra da Ibiapaba), era trazida para

o comércio da cidade de Sobral e daí exportada pelo porto de Camocim, ponto inicial da **"Estrada de Ferro de Sobral"**, que daquela cidade marítima partia em penetração à Zona Norte do Estado do Ceará tendo o seu primeiro trecho – Camocim-Sobral – inaugurado em 1883.

Em Fortaleza, Mr. Sanford não demorou muito tempo. Montou o seu escritório comercial na "praia" – Rua da Alfândega.

Sua residência, inicialmente, foi a Pensão Randal, à Rua Floriano Peixoto, n.º 36, onde demorou alguns meses.

Deixando a Pensão Randal, passou a residir em casa de Mr. Cochrane, ao tempo dirigente da Companhia Ceará Gás e Cônsul da Inglaterra no Ceará.

A residência de Mr. Cochrane era, então, no início da rua chamada Formosa – hoje Barão do Rio Branco, junto ao Passeio Público, na rampa, descendo para o antigo Gasômetro e Poço da Draga.

Aberto o seu escritório comercial em Fortaleza e deixando a gerência aos cuidados do seu auxiliar e amigo Otto Benzold Sawunders, o jovem americano, marchando sempre ao encontro do seu destino, em junho de 1892, viajava para Sobral, via Camocim, com o objetivo de fundar naquela cidade, centro distribuidor do comércio comprador e vendedor de toda a Zona Norte do Ceará e Norte do Piauí, um outro escritório comercial da grande firma americana.

Pelo que se vê, foi de apenas um ano a sua demora em Fortaleza.

Nesta cidade, além de José Magalhães Porto, Otto Benzold Sawunders e Mr. Cochrane, foi também seu particular amigo o cidadão austríaco Ricardo Liebmann, casado com moça cearense e que residia no "Passeio Público", hoje Rua João Moreira, no quarteirão localizado entre as Ruas Major Facundo e Floriano Peixoto.

De Camocim, Mr. Sanford viajou para Sobral pelo trem da **"Estrada de Ferro de Sobral"**, e, por coincidência, foi seu companheiro, nessa mesma viagem, o Cel. Ernesto Deocleciano de Albuquerque já prestigioso chefe político na região, alto comerciante e inteligente industrial de tecidos, em Sobral, e cuja ajuda valiosa, espontânea e amável lhe foi decisiva na obtenção vitoriosa do objetivo que o levava àquela cidade da Zona Norte do Ceará.

O "conhecimento" entre os dois viajores, a palestra que entre ambos ocorreu, se deu naturalmente como consequência

de uma viagem que faziam, acidentalmente juntos, no mesmo carro de um mesmo comboio ferroviário.

O Cel. Ernesto, de certo, sentindo o estrangeiro que era Mr. Sanford, perguntou-lhe mui naturalmente, e para começo de conversa, "para onde ia naquela viagem".

Atendido na sua justa e natural curiosidade, indagou ainda o Cel. Ernesto, ao americano, "onde iria ficar na cidade", já que ia com o propósito de demorar.

- "Vou hospedar-me em um hotel", foi a resposta.

- "Em Sobral não há hotel e nem pensão onde o Sr. possa ficar hospedado", disse-lhe o industrial sobralense.

E continuou amável e sorridente gozando o gesto de espanto de Mr. Sanford, ao receber aquela informação.

E prosseguiu o Cel. Ernesto:

- "O senhor vai ser meu hóspede. Tenho casa própria na cidade para hospedar os meus fregueses, quando vêm a Sobral. O senhor vai ficar aí muito à sua vontade e suas refeições serão feitas em casa de minha família, até que o senhor possa montar a sua casa própria na cidade."

E assim aconteceu, conforme o destino já escrevera há 27 anos atrás, quando nasceu, em Nova Iorque, no dia 12 de março de 1864, o menino John Roshore Sanford. Ele montaria "casa própria" em Sobral – Estado do Ceará – Brasil.

Instalado o escritório em Sobral, Mr. Sanford deliberou ficar à sua frente algum tempo, até que os negócios ficassem bem encaminhados e em tudo era muito ajudado pelos seus auxiliares – Luís Fernando Seixas, de Propriá, Sergipe, José Magalhães Porto, de Recife, e bem assim o sobralense Cesário Cesar Ferreira Gomes, que seria, anos depois seu contra-parente, através de casamento com Da. Frederica Ferreira Pimentel, moça da família Monte, neta que era do Ten. Cel. Francisco José de Almeida, aquele que seria o futuro sogro de Mr. Sanford.

É oportuno assinalar que José Magalhães Porto, companheiro de Mr. Sanford desde o escritório do Recife, posteriormente também fixou-se no Ceará, casando-se na destacada e antiga família Gomes da Frota, deixando aqui numerosa e ilustre descendência, de brilhante atuação no mundo socioeconômico do Ceará, desde aquela época até os dias de hoje.

Iniciando, desta forma, suas atividades comerciais, contando com ajudas tão espontâneas, valiosas e agradáveis, por isso mesmo o jovem americano, rápido afeiçãoou-se à terra sobralense, seus costumes, seus hábitos, conseguindo com faci-

lidade os seus objetivos na terra onde iria fixar-se de uma vez, para sempre.

Facilmente, também, ingressou na sociedade local em cujo seio – estava escrito – iria constituir família e viver todo o resto de sua longa e útil existência.

Firmou relações de amizade com vários rapazes da melhor sociedade da terra sobralense e cultivou-as carinhosamente como homem educado e inteligente que era.

Associou-se à então jovem sociedade hípica sobralense, "Derby Clube Sobralense", aderindo, desta maneira, ao esporte predileto da gente de Sobral.

Comprou "cavalos de sela" para suas viagens comerciais e para os costumeiros passeios pelas ruas e arrabaldes da cidade – aos domingos e noites enluaradas, tão do gosto da gente bem de Sobral daquela época.

Mr. Sanford fez, a cavalo, mais de uma vez, a viagem entre Sobral e Fortaleza, em caráter comercial, como era de costume naqueles tempos, face a falta de outros meios de transporte entre as duas cidades.

Igualmente viajava a cavalo por outras localidades que comerciavam com Sobral, inclusive a região da Serra da Ibiapaba, Serra Grande, onde tinha prepostos seus, para compra de peles do vizinho Estado do Piauí. Era seu companheiro nessas viagens o Cel. José Albuquerque Lopes.

Seu principal agente comprador nessa região do Ceará era o Cel. Francisco Cavalcante, de Jacaré, hoje cidade de Ubajara.

Fez-se sócio também, em Sobral, dos Clubes dançantes "Cassino" e "Recreio", que reuniam a sociedade sobralense em animadas e pomposas festas. E foi, de certo, em um desses saraus elegantes, que ele conheceu a moça sobralense que seria a sua futura companheira na vida conjugal, consórcio que daria origem à numerosa família Sanford no Ceará, objeto da presente memória.

* * *

Segundo já ficou dito noutro local deste modesto e desprezioso trabalho, Mr. Sanford, entre os moços e famílias da terra sobralense, firmou amizades sadias e duradouras, amizades estas que se transferiram de pais para filhos e para netos, desde aquele passado já longínquo até os dias de hoje, sempre vivas, sempre boas e respeitosas.



Assim, entre os rapazes sobralenses do seu tempo, foram seus amigos constantes e leais, os irmãos Saboya de Albuquerque – filhos do Cel. Ernesto Deocleciano de Albuquerque – Esperidião, Vicente e José Saboya de Albuquerque, e mais Joaquim da Silveira Borges, moço pertencente à ilustre família do Rio Grande do Norte, viajante comercial da firma “Parente, Viana e Cia.”, de Recife, e já radicado em Sobral desde o ano de 1889, casado com Da. Marieta Furtado Borges, da sociedade local; João Batista Rangel; Vicente Adeodato Carneiro; Rufino Furtado; José Albuquerque Lopes (o Cel. Zeca Waldevino); José Joaquim Batista Vaz, português de nascimento e auxiliar da casa comercial de Ernesto Deocleciano de Albuquerque, Joaquim Aristides dos Santos (de Ubajara); Cesário Cesar Ferreira Gomes; Vicente Franca Cavalcante; Raimundo Ferreira da Ponte; Francisco Modesto de Castro; José Inácio Alves Parente; Ildefonso de Holanda Cavalcante; os irmãos Frederico Bessa e Henrique Bessa; João Evangelista da Frota e muitos outros, cujas famílias mantêm com a família de Mr. Sanford, agradável e sadia amizade.

Capítulo III

PRESENÇA DE SOBRAL NA “WORLD'S COLUMBIAN EXPOSITION” 1892 A 1893

No ano de 1892 preparava-se nos Estados Unidos, uma Exposição Mundial comemorativa do quarto centenário do desembarque de Cristóvão Colombo em terras do Novo Continente, por ele descoberto para maior grandeza do mundo. Isto ocorrido em cumprimento à ordem de Jeová, conforme relato do poeta Castro Alves, em linguagem alcondoreira, em poema épico, ao figurar o encontro do criador do Universo com o navegador Cristóvão Colombo, no momento em que este partia para a sua grande viagem através dos mares desconhecidos:

“Talhado para as grandezas,

P’ra crescer, criar, subir,

O novo mundo nos músculos

Sente a raiva do porvir.

- Estatutário de colossos –

Cansado doutros esboços

Disse um dia, Jeová:

‘Vai Colombo, abre a cortina

Da minha eterna oficina...

Tira a América de lá.”

(Espumas Flutuantes – “O Livro e a América” de Castro Alves).

Os seus familiares industriais que eram em Nova Iorque, comunicaram-lhe sobre os preparativos daquela exposição, que tinha por fim mostrar ao mundo a validade do feito de Colombo, reunindo tudo aquilo que o mundo das Américas, já produzia em favor da Humanidade.

Mr. Sanford que já comerciava com peles, remetendo-as para Nova Iorque, reconhecendo a oportunidade da exposição, entendeu por bem, mandar para o recinto da mesma, um mostruário de café, produto nobre que ele aqui encontrara, cultivado em terras na Serra da Meruoca, então parte integrante do Município de Sobral, exatamente, no "Sítio Monte", pertencente ao Cel. Francisco de Almeida Monte, seu futuro sogro.



Medalhão enviado a Mr. Sanford, como prêmio pela participação sobralense na World's Columbian Exposition 1892-1893 (Clichês em tamanho natural).

Realizado o evento, seus diretores remeteram a Mr. Sanford, em Sobral, como prêmio por sua participação, um belo medalhão de bronze, contendo no verso a efígie, em corpo inteiro, do grande navegador genovês, com a seguinte inscrição:

P1vs

V1tra

"CHRISTOPHER COLUMBUS OCT. XII MCCCCXCII"

E no reverso:

WORLD'S COLUMBIAN EXPOSITION.

IN COMMEMORATION OF THE FOUR HUNDREDTH
ANNIVERSARY OF THE LANDING OF COLUMBUS.

MDCCCXCII – MDCCCXCIII

to COMMISSION OF SOBRAL"

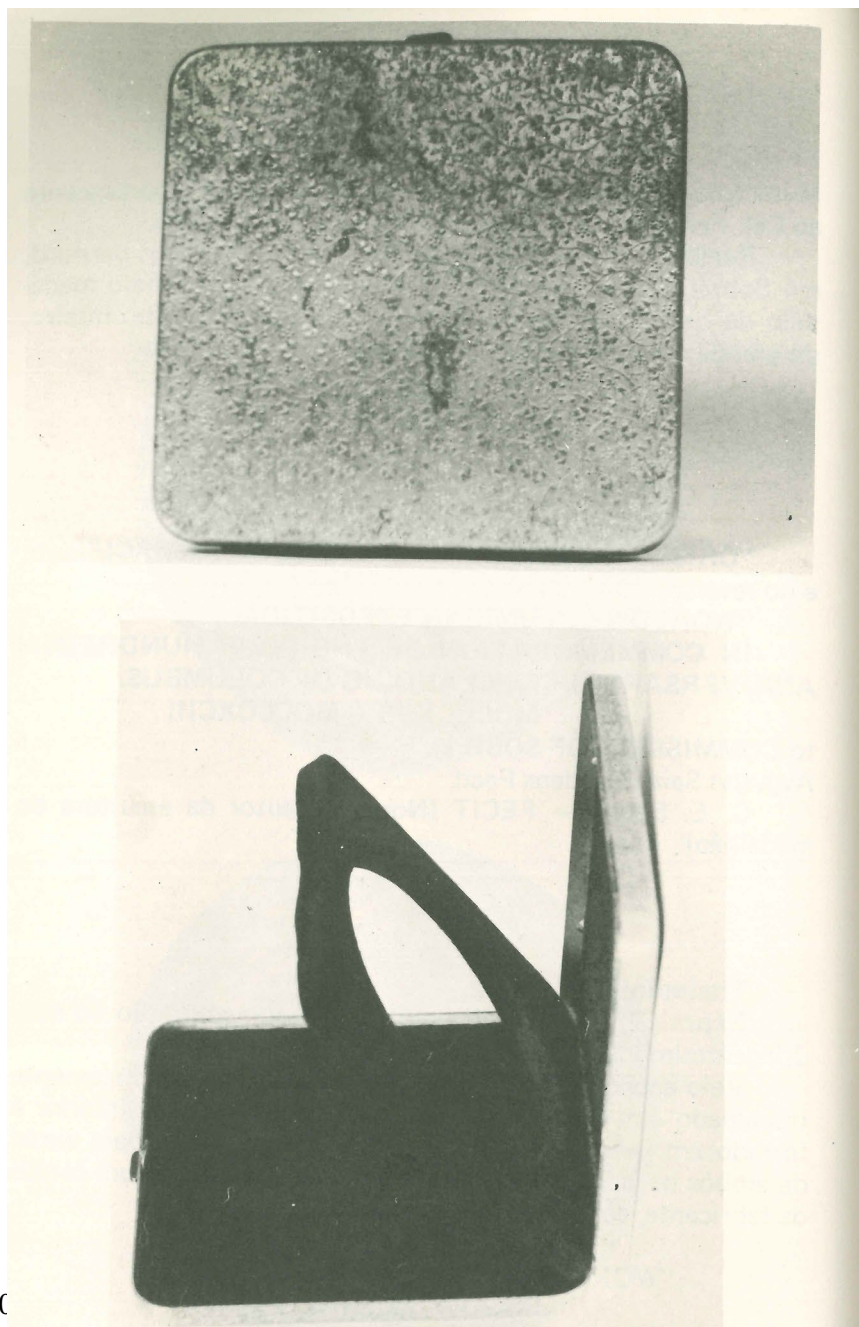
Avgvstvs Saint Gavdens Fecit

C.E. Barber – FECIT (Nome do autor da escultura do medalhão).

Tradução:

Exposição Mundial Colombiana em comemoração do quadringentésimo aniversário de Colombo.

Veio acondicionado em estojo de alumínio, artisticamente, trabalhado em fina ramagem, em alto relevo. O seu interior é formado em veludo escuro, com encaixe articulado, para visual de ambos os lados da medalha. Está acompanhado de um cartão da fabricante, com os seguintes dizeres:



"WORLD'S COLUMBIAN EXPOSITION
AWARD METAL
AND
ALUMINUM CASE
MADE BY
SCOVILL MANUFACTURING COMPANY
WATERBURY, CONNECTICUT U.S.A.

Tradução:

Exposição Mundial Colombiana

Medalha Prêmio

e

Estojo de Alumínio

fabricado por

Scovill Manufacturing Company

Waterbury, Connecticut U.S.A.

Este medalhão encontra-se em poder do autor, a quem foi
confiado por seu pai, o próprio John Sanford.

*World's Columbian Exposition
Award Medal
and
Murrinson Case
made by
Scovill Manufacturing Company.
Waterbury, Connecticut,
U.S.A.*

Cartão de identificação da Fundição que executou o medalhão e estojo de alumínio

Cartão de identificação da Fundição que executou o medalhão e o estojo de alumínio

Capítulo IV

Pouco mais de um ano após sua chegada a Sobral, Mr. Sanford fez-se noivo e contraiu matrimônio com a jovem que escolhera entre as moças da sociedade sobralense, Minervina de Almeida Monte, filha caçula do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, Oficial Superior da Guarda Nacional, e de sua mulher, Da. Amélia Rosemunda de Almeida Monte, natural de Penedo, Estado de Alagoas, também pertencente à família Monte daquele Estado.

O ato matrimonial de Mr. John Roshore Sanford, com Minervina de Almeida Monte, teve lugar no dia 18 de novembro de 1893, na residência dos pais da noiva, o grande sobrado localizado na esquina da Rua Senador Paula com a então Praça do Mercado (hoje, Dr. José Saboya) e onde reside atualmente a família do cidadão Francisco Radier Frota, casado com Dr. Julieta Cialdini Frota, neta do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte.

Assento de batismo de Minervina de Almeida Monte

"DO LIVRO DE BATIZADOS DE 1868 a 1871 – Livro n.º 40 – Fls. 46v.

MINERVINA, filha legítima de Francisco de Almeida Monte, nasceu a vinte e nove de agosto de mil oitocentos e sessenta e nove (29.8.1869) e foi batizada solenemente na Capela

de Santo Antônio pelo Padre Antônio da Silva Fialho a quatro de outubro do dito ano (4.10.1869),

PADRINHOS: O Doutor Antônio Travasso da Silva Monte, por seu Procurador Doutor Helvécio da Silva Monte e dona Ernestina da Silva Monte.

Para constar mandei fazer este assento que assino.

O Vigário VICENTE JORGE DE SOUSA".



Ata do Casamento

Cópia Autêntica: "República do Brasil. Armas da República. Estado do Ceará. Comarca de Sobral. Cartório do 2º Ofício, Rua Menino Deus, 102, Sobral/Ce. Edson Luís Rodrigues de Almeida. 2º Tabelião, 2º Escrivão e Oficial do Registro Civil de Sobral, Estado do Ceará por nomeação legal etc. Maria Farias Ferreira. Substituta, CERTIFICO pela faculdade que por lei me é conferida, a requerimento verbal da parte interessada, que dado busca em meu cartório, encontrei às fls. 115v.-116, do livro B-1, sem número, o termo de casamento do teor verbo-adverbium seguinte: "Termo de casamento de John Roshore Sanford e dona Minervina de Almeida Monte. Aos dezoito dias do mês de novembro de mil oitocentos e noventa e três, nesta cidade de Sobral, em casa de residência do Tenente Coronel Francisco de Almeida Monte, à Rua Senador Paula, às portas abertas, às cinco e meia hora da tarde; sede da comarca e termo do mesmo nome, ahy presente o Meritíssimo Juiz de Direito e Casamento, Doutor Antônio Ibiapina, comigo escrivão de seu cargo adiante nomeado e as testemunhas, Doutor João Júlio de Almeida Monte, de trinta e quatro anos de idade, casado, magistrado, residente na cidade de Ipu, Miguel Rodolpho Pereira Mendes, de quarenta anos de idade, casado, negociante, residente nesta cidade, Dona Bemvinda de Almeida Monte, de trinta e nove anos de idade, casada, serviço doméstico, residente nesta cidade e Dona Maria Amélia Almeida Mendes, de trinta anos de idade, casada, serviço doméstico, residente nesta cidade. Precedidas as formalidades exigidas pelos artigos vinte e cinco a vinte e oito do Decreto número cento e oitenta e um de vinte e quatro de janeiro de mil oitocentos e noventa, receberam-se em matrimônio sob o regime comum John Roshore Sanford, solteiro, de vinte e oito anos de idade, negociante, residente nesta cidade, natural de New York, filho legítimo de Carl Sanford e sua mulher dona Susan Roshore Sanford, residentes em New York, de onde são naturais; e dona Minervina de Almeida Monte, solteira, de vinte e quatro anos de idade, serviço doméstico, natural e residente desta cidade, filha legítima do Tenente Coronel Francisco de Almeida Monte, residente e natural desta cidade e sua

mulher dona Amélia Rosemunda de Almeida Monte, residente desta cidade e natural de Penedo. Os quais declararam neste ato que não eram parentes nem no terceiro e nem no quarto grau duplicado da linha colateral. Em firmeza do que lavrei este termo, que assinam o Juiz, contraentes e testemunhas. E eu, Edimili, digo e eu, Emilio Camillo Linhares, escrivão do Jury e casamento, o escrevi, (aa) Antônio Ibiapina, John R. Sanford, Minervina de Almeida Monte, João Júlio de Almeida Monte, Miguel Rodolfo Pereira Mendes, Bemvinda de Almeida Monte, Maria Amélia de Almeida Monte." O REFERIDO É VERDADE, DOU FÉ. SOBRAL (CE), 14 de maio de 1968. O oficial Edison Luís Rodrigues de Almeida – 2º Tabelião, 2º Escrivão e Oficial do Registro Civil, Rua Menino Deus, 102, Sobral – Ceará.

Assinaram, ainda, o documento, como testemunhas: Joaquim da Silveira Borges e João Batista Rangel.

O casamento religioso de Mr. John Roshore Sanford com Minervina de Almeida Monte, não se realizou em face de que Mr. Sanford professava a Religião Protestante, enquanto que a noiva era Católica Apostólica Romana.

Em face disto o ato religioso foi substituído por um documento escrito, assinado pelos noivos e pela autoridade eclesiástica que os assistiu – no caso o Vigário Pe. Vicente Jorge de Souza, que foi um grande amigo do casal. Nesse documento, os nubentes se prometiam respeito mútuo perante Deus e a Sociedade em benefício do Lar que vinham de construir e da família, se houvesse dessa união.



DIÓCESE DE SOBRAL

Sobral - Ceará

DE casamento

DE Nossa Senhora da Conceição

(Múler)

PARÓQUIA

EM Sobral

(local)

CERTIFICO que revendo os livros de termos de casamento
Realizados nesta paróquia, foi encontrado o do teor seguinte, no
Livro nº 16 fls. 129 N. do Ano de 1888 a 1898

Àos deztois de Novembro de mil oitocentos noventa e tres, nesta
cidade de Sobral, em casa da residência do Tenente Coronel Francisco de
Almeida Monte, em virtude da dispensa do impedimento de quito dispa-
rites concedida por Sua Excelencia Reverendissimo em data de 14 de
Setembro do corrente anno, em minha presença e das testemunhas Joa-
quim da Silveira Borges e João Baptista Bangel, na forma do Sagrado
Concilio Tridentino e Disposições Synodales servoseveram matrimonio
sem as Encheço Rupturas os contrahentes João Mosher e Sanford e D.
Minervina de Almeida Monte, elle filho legitimo de Carl Sanford e de
Susana Mosher christão protestante natural da Cidade Brooklyn de Nova
York dos Estado Unidos, ella filha legitima do tenente Coronel Fran-
cisco de Almeida Monte, e de D. Amelia Rosemunda d'Almeida Monte, ca-
tholica Apostolica Romana natural desta Pereguesia, onde são moradores
depois de ter o contrahente se habilitado perante mim com o Certifi-
cado de seu Baptismo e documento de seu estado de solteiro e desem-
pedido, tendo tambem o mesmo Contrahente assignado termo jurado, na
forma do direito, pelo qual se obriga a fazer educar os filhos e fi-
lhas, que nascerem de seu Matrimonio com a contrahente Catholica nas
maximas e verdades da Santa Religião Catholica, e não impedir a sua
consorte o livre exercicio de sua Religião Catholica, Em seguida a
dverti a contrahente Catholica da sua grave obrigação de cuidar com
todas as suas forças na conversão de seu consorte, e exhortando-o a
abraçar a Religião Catholica, assim como a ella mesma tambem exortei
Observações: a permanecer firme na Religião Catholica, sem se deixar já
mais seduzir e nem do menor arrefecer no fervor de adorar a Deus ob-
servando a Religião que elle nos ensinou por seu Filho Unigenito.
Para constar mandei lavrar o presente assento, em que assigno com as
testemunhas, e os contrahentes. O Vigario Visante Jorge da Sousa

Nada mais se continha no dito termo a que me reporto, o qual foi fielmente copiado do original.

ITA IN FIDE PAROCH

Sobral

9 de Janeiro

de 1888

Conf. Edmundo Frade
Di. Am. prodo



Capítulo V

Estamos em Sobral, em novembro de 1893, Mr. Sanford está casado em Sobral, Ceará, Brasil. E casando-se dera mais um passo largo no cumprimento do que lhe determina o destino.

Três anos são passados depois que Mr. Sanford deixou a cidade do Recife, rumo ao Ceará.

Nesse período sua vida sofrera sensíveis modificações.

Assim é que, **Keen Sutterly & Cia.**, por esse tempo encerrava suas atividades comerciais no Brasil, fechando seu escritório em Recife.

Em Sobral, o americano mudava o seu estado civil e tomava "residência própria".

Mr. Sanford continuou no comércio, no mesmo gênero, agora com a sua razão social própria, durante 2 anos, ainda.

O que comprava em Sobral, agora somente peles de caprinos e ovinos, vendia para o comércio de Fortaleza e a quem melhor preço lhe fizesse: "Casa Rossbach Bross", "Casa Albano", "Casa Inglesa", "Casa Gradvoll e Irmão" eram os compradores das peles que remetia de Sobral.

Seu escritório comercial era na Rua Cel. José Saboya e sua casa de residência, no sobrado ainda hoje ali existente pertencente ao seu cunhado, Dr. João Júlio de Almeida Monte.

Esse sobrado foi, também, durante vários anos, sede do "Grêmio Recreativo Sobralense" e depois residência do Cel. Francisco de Almeida Monte, 3º desse nome, chefe político de real político na Zona Norte do Ceará.

Nesse mencionado sobrado, Mr. Sanford morou 22 anos consecutivos.

Do consórcio de Mr. Sanford com D. Minervina, como a designaremos de agora em diante, nasceram os seguintes filhos pela ordem:

1º Carlos de Almeida Sanford

2º Francisco de Almeida Sanford (Almedinha – falecido)

3º Amélia de Almeida Sanford

4º Paulo de Almeida Sanford

5º Susana de Almeida Sanford (Susy)

- 6º Eduardo de Almeida Sanford
- 7º Minerva de Almeida Sanford
- 8º Maria de Almeida Sanford
- 9º Beatriz de Almeida Sanford
- 10º Francisco de Almeida Sanford
- 11º Humberto de Almeida Sanford

Minervina x John Roshore Sanford

Safira x Miguel Cialdini da Frota

Isabel (Yayá)

Maria Amélia x Miguel Rodolfo P. Mendes

Francisca (Chiquinha)

João Júlio x Raimunda Olga da Rocha Monte

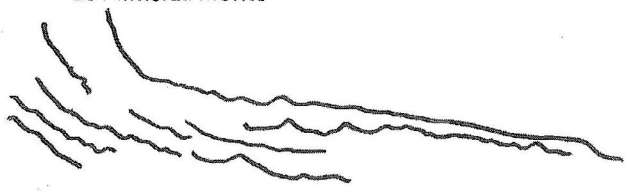
Amélia

Francisco de
Amélia Rosemunda



Humberto x Edelzuite Bastos Carneiro
Francisco x Emir de Sá
Beatriz x Giuceppe Genuense Frota
Maria x Francisco Paracampos
Minerva x José Bezerra Lima
Eduardo x Filadélfia Parente (Parentinha)
Susana (Susy) x Antônio Fernando Barros
Paulo x Judith de Paula Pessoa
Amélia x Eurípedes Ramos Fontenele
Francisco (Almeidinha) †
Carlos x Enóe Brandão

Almeida Monte
de Almeida Monte



Capítulo VI

Dos filhos do casal John Roshore Sanford e Minerva de Almeida Sanford, acima relacionados, apenas é falecido o 2º da relação, Francisco, 1º desse nome, que morreu em criança aos 2 anos de idade.

Todos os demais são vivos e todos casados como veremos a seguir:

1º - **Carlos de Almeida Sanford**, casado com Enóe de Siqueira Brandão, de família cearense (depois Enóe Brandão Sanford), não havendo filhos do seu casamento.

* * *

2º - **Amélia de Almeida Sanford**, (depois Amélia Sanford Fontenele), casada com Eurípedes Ramos Fontenele de família cearense, comerciante na cidade de Belém e depois em Camocim, e de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos:

a – **Plácido Sanford Fontenele**, Oficial da Força Aérea Brasileira, casado na cidade do Rio de Janeiro com Zaida Gerb, tendo dois filhos: Márcia e Roberto.

b – **João Sanford Fontenele**, funcionário público na cidade do Rio de Janeiro, onde reside, casado com Marluce Rodrigues, de família carioca, tendo dois filhos de nomes: Péricles e Vanessa.

c – **Idalina Sanford Fontenele**, casada com o Cel. do Exército João Mendes Mendonça, de família cearense (Sobral), residente no Rio de Janeiro (Guanabara), tendo quatro filhos, a saber: Carmen Lúcia, Carmen Sílvia, Eurípedes e Anamélia.

d – **Minerva Sanford Fontenele**, casada com o Dr. Helio-mar Saraiva, de família cearense, Bacharel em Direito, Juiz de Direito na cidade de Jundiá, Estado de São Paulo, tendo uma filha de nome Marilena.

e – **Maurício Sanford Fontenele**, Engenheiro Agrônomo, criador e lavrador, residente na cidade de Goiânia, Goiás, onde casou com Natália Carvello, da família goiana, tendo 5 filhos: Taís, Eduardo, Maurício Júnior, André e Marcelo.



Carlos de Almeida Sanford



Amélia Sanford Fontenele

f – **Isolda Sanford Fontenele**, casada com o Major Exército, Engenheiro Eletrônico, Aloysio Vasconcelos, de família cearense, com 3 filhos: Aloysio Filho, Eurípedes e Alexandre.

g – **Carmen Sanford Fontenele**, casada com o Major do Exército, Ruy Silva Duarte, de família cearense, com 4 filhos: Eurípedes, Vanessa, Jaqueline e Paulo Maurício.

* * *

3º - **Paulo de Almeida Sanford**, casado com Judith Barbosa de Paula Pessoa – depois Judith de Paula Pessoa Sanford, de família cearense, havendo do casal 5 filhos, a saber:

a – **Maria Nise de Paula Pessoa Sanford**, depois Maria Nise Sanford Rangel, casada com o Dr. Olavo Rangel Parente, de família cearense, residente em Sobral, tendo uma filha de nome Maria Carmen.

b – **João de Paula Pessoa Sanford**, Capitão do Exército, Engenheiro Civil, residente em Fortaleza, casado com Olga Barroso Sanford, com 4 filhos, a saber: Nise, Paulo, Carla e Maria.

c – **Solange de Paula Pessoa Sanford**, depois Solange Sanford Feitosa, casada com Vicente de Paula Feitosa, de família cearense, industrial, residente na cidade de Fortaleza, tendo três filhos, a saber: Paulo, Vicente e Ana Luísa.

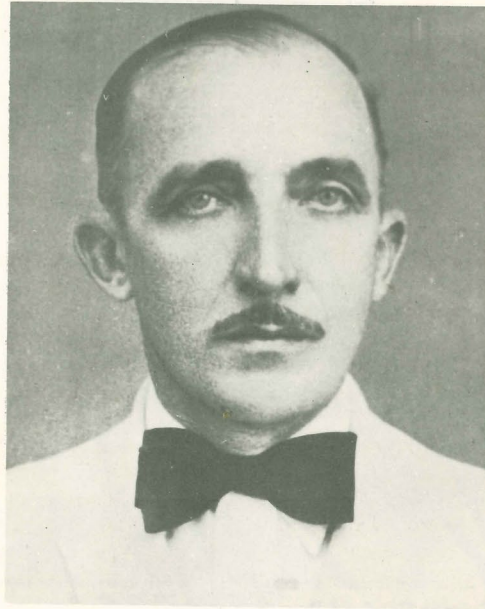
d – **Helvécio de Paula Pessoa Sanford**, Bacharel em Direito – Advogado, comerciante na cidade de Fortaleza, onde reside, casado com Liana Lima Mascarenhas, bisneta do casal John Roshore Sanford e Minerva de Almeida Sanford, tendo uma filha de nome Denise Mascarenhas Sanford, nascida em 31.8.1970, com a qual se inicia a 6ª geração da família Sanford – a partir do casal Nattan Sanford – Lavínia Smith Sanford, e Ricardo Sanford, nascido em 19.1.1972, exatamente 732 anos depois do aparecimento do primeiro varão Sanford – Sir Richard Sanford – no Condado de Essex – Inglaterra – no ano longínquo de 1240 – em plena Idade Média.

e – **Roberto de Paula Pessoa Sanford**, acadêmico de Agronomia.

* * *

4º - **Suzana de Almeida Sanford**, depois Suzana Sanford Barros, casada com Antônio Fernando Barros, de família nor-teriograndense, funcionário público, proprietário na cidade de Fortaleza, onde reside, tendo cinco filhos, a saber:

a – **Marcelo Sanford Barros**, Engenheiro Civil, criador, proprietário na cidade de Fortaleza, onde reside, casado com a Dr.^a Aparecida Maria de Arruda Barros, tendo seis filhos, a saber: Mônica, Marcelo Filho, Carla, Susana, Cristiane e Aparecida Maria.



Paulo A. Sanford

b – **Carlos Henrique Sanford Barros**, casado com Rita Maria Marino, depois Rita Marino Sanford Barros, de família

italiana, tendo 3 filhos, a saber: Ricardo, Maria Helena e Alexandre.

c – **Heraldo Sanford Barros**, Coronel do Exército, Engenheiro Eletricista, casado com Wany Durães Pacheco, depois Wany Durães Sanford Barros, família carioca (Rio de Janeiro) com os seguintes filhos: David, Dércio e Dirceu.

d – **Haroldo Sanford Barros**, Coronel do Exército, casado com Branca de Lourdes Vieira, depois Branca Vieira Sanford Barros, de família gaúcha (Caxias), tendo 5 filhos, a saber: Alexandre (falecido em criança), Antônio Fernando, José Maurício, Patrícia Alexandra e Alexandra Cristina.

e – **Arnaldo Sanford Barros**, aviador civil.

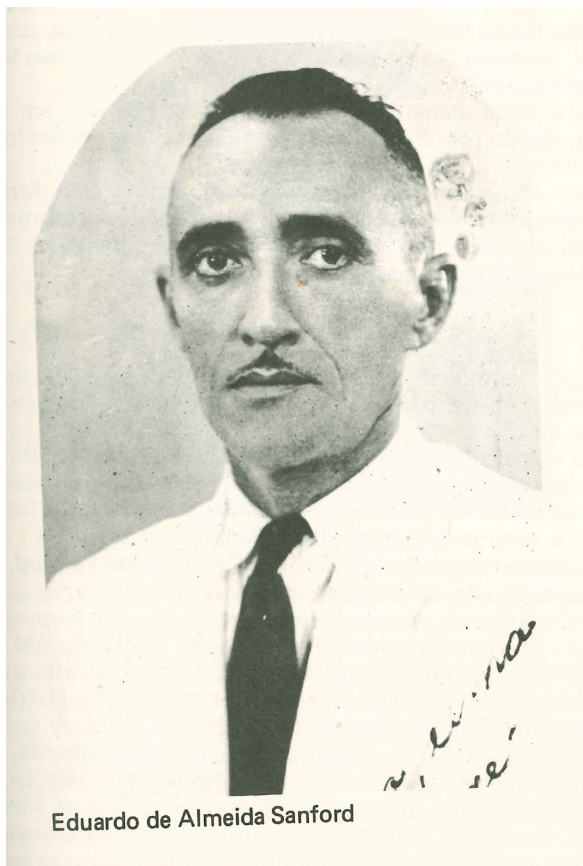


* * * Susana Sanford Barros

5º - **Eduardo de Almeida Sanford**, criador, casado com Filadélfia Mendes Gomes Parente, depois Filadélfia Parente Sanford (Parentinha) de família cearense, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos:

a – **Susana Parente Sanford**, casada com Carlos Alberto Rangel (depois Susana Sanford Rangel), comerciante em Sobral, tendo uma filha de nome Vera Lúcia.

b – **Marjorie Parente Sanford**, casada com o Dr. Wilmar Moreira (depois Marjorie Sanford Moreira), de família cearense, industrial, residente em Fortaleza, com os seguintes filhos: Márcia, Denise e Francisco Eduardo.



Eduardo de Almeida Sanford

c – **Sônia Parente Sanford**, casada com José Hélio Gomes Barreira (depois Sônia Sanford Barreira), de família cearense, comerciante, residente em Fortaleza, com três filhas de nomes Valéria, Patrícia e Viviane.

d – **Diogo Parente Sanford**, industrial, residente em Fortaleza, casado com Fátima Cordeiro (depois Fátima Cordeiro Sanford), com um filho de nome Eduardo.

e – **Maria Amélia Parente Sanford**, casada com Afrânio Guimarães (depois Maria Amélia Sanford Guimarães), comerciante, residente em Fortaleza, com os seguintes filhos: Verônica, Silvania, Mônica, Luiz Eduardo e Marjorie.

* * *

6º - **Minerva de Almeida Sanford**, casada com José Bezerra Lima (depois Minerva Sanford Lima), de família cearense, comerciante, de cujo consórcio, nasceram os seguintes filhos:



Minerva Sanford Lima

a – **Minerva Sanford Lima**, casada com o General Bolivar Oscar Mascarenhas (depois Minerva Sanford Lima Mascarenhas), residente na cidade do Rio de Janeiro (Guanabara), de família baiana, tendo o casal os seguintes filhos: Denise, José Marcos e Liana, esta casada com o Dr. Helvécio de Paula Pessoa Sanford, Bacharel em Direito, residente em Fortaleza.

b – **Armando Sanford Lima**, residente em Washington (E.U. da América), onde é funcionário do U.S. Aid For International Development, casado com Sarah Fajardo, de família da Califórnia (E.U.A.), tendo um filho de nome Matthew. Casado em segunda núpcias com Yolana Ary Romcy de Sanford Lima, tendo os seguintes filhos: Humberto e Bernardo.

c – **Maria de Jesus Sanford Lima**, falecida em criança.

d – **Natália Sanford Lima**, casada com o Dr. José Silvestre Monte Coelho, Advogado e funcionário da Caixa Econômica Federal, residente na cidade do Rio de Janeiro, tendo os seguintes filhos: Paulo, Carlos e Marília, todos menores.

* * *

7º - **Maria de Almeida Sanford**, casada com Francisco Paracampos (depois Maria Sanford Paracampos), de família italiana, comerciante e proprietário em Fortaleza, Guaramiranga e Quixadá, de cujo casamento nasceram os seguintes filhos:

a – **Dr. Isidro Sanford de Paracampos**, Bacharel em Direito, Advogado, formado em Administração, residente em Fortaleza.

b – **Amaury Sanford Paracampos**, industrial, residente em Fortaleza.

c – **Francisco Paracampos Filho**, acadêmico de Engenharia Civil, em Fortaleza.

* * *



8º - **Maria Beatriz de Almeida Sanford**, casada com Giuseppe Genuense Frota, com os seguintes filhos:

a – **Lília Sanford Frota**, casada com Edmilson Moreira (depois Lília Sanford Moreira), industrial, residente em Sobral (Ceará), com os seguintes filhos: Liliana, Edilson, Alexandre e Daniel.

b – **Minerva Sanford Frota**, professora universitária, residente em Sobral.

c – **Miguel Sanford Frota**, casada com Wilna Lobo, com uma filha: Maria Beatriz.

d – **Amélia Sanford Frota**, professora residente em Brasília (DF).

e – **Francisco Sanford Frota**, bancário, casado com Sônia Sousa, de família carioca, residente em Fortaleza, com dois filhos: Felipe e Eduardo.

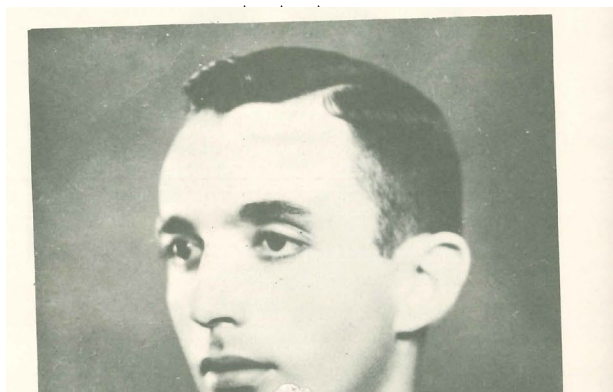
f – **José Artur Sanford Frota**, bancário, residente em Brasília.

g – **Maria Sanford Frota**, professora, casada com o Dr. Aldeyr Barbosa (depois Maria Sanford Frota Barbosa), Bacharel em Direito, advogado, magistrado, residente em Fortaleza.

h – **Maria Terezinha Sanford Frota**, casada com Júlio César Vieira Lima (depois Maria Terezinha Sanford Frota Lima), funcionário público federal, com quatro filhos: Beatriz, Gérson, Paulo e Maria Raquel.

i – **Rita de Cássia Sanford Frota**, professora, casada com o Engenheiro Civil Mauro Nogueira Diógenes (depois Rita de Cássia Sanford Frota Diógenes).

j – **Marcos Sanford Frota**, estudante.



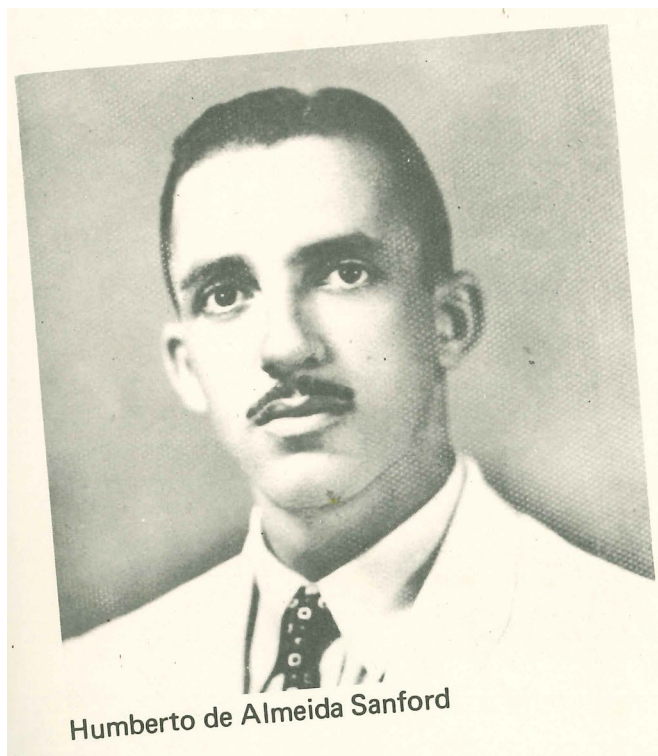
9º - **Francisco de Almeida Sanford**, industrial e proprietário em Fortaleza, casado com Emir Barreira de Sá (depois Emir de Sá Sanford), de família cearense, residente em Fortaleza, com os seguintes filhos:

a – **Flávio de Sá Sanford**, industrial, residente em Fortaleza.

b – **Ana Carlota de Sá Sanford**, casada com Fernando Diderot Holanda Carneiro, industrial, de família cearense, residente em Fortaleza, com os seguintes filhos: Ana Fernanda, João Francisco e Ana Cristina.

c – **Enóe de Sá Sanford**, casada com o Engenheiro Civil Raimundo Alberto Frota Carneiro (depois Enóe Sanford Carneiro), de família cearense, com um filho de nome André.

* * *



10º - **Humberto de Almeida Sanford**, comerciante em Fortaleza, casado com Edelzuite Barros Carneiro (depois Edelzuite Carneiro Sanford), de família cearense, de Itapajé – Uruburetama, de cujo casal nasceram os seguintes filhos:

a – **John Roshore Sanford Neto** (falecido).

b – **Humberto de Almeida Sanford Jr.**, acadêmico de Engenharia Civil.

c – **Aristóteles Carneiro Sanford**, estudante.

d – **Ricardo Carneiro Sanford**, estudante.

e – **Guilherme Carneiro Sanford**, estudante.

f – **Maria Carneiro Sanford**, estudante, neta caçula do casal John Roshore Sanford e Minerva de Almeida Sanford.



Maria Beatriz Sanford Frota

Capítulo VII

a) Antes da Reforma

Três e meio anos após o casamento de Mr. John Sanford, com Da. Minerva Sanford, exatamente no dia 5 de junho de 1897, falece na cidade de Sobral, o Tenente Coronel Francisco de Almeida Monte – agricultor e criador na Serra da Meruoca (Sítio Monte) e nas fazendas "Pocinho" e "Bom Jesus" – propriedades estas localizadas naquela época nos municípios de Sobral (as duas primeiras) e no município de São Francisco de Uruburetama (hoje Itapajé) a última.

Feito o inventário – repartidos os bens – a cada um dos herdeiros do Cel. Almeida (assim era conhecido o Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte), coube um largo quinhão de terras do famoso "Sítio Monte" sobre a Serra da Meruoca.

Segue o trecho original desse inventário, de próprio punho de D. Amélia Rosemunda.

Declarou existir mais o sítio da lavoura, denominado Monte, sobre a Serra da Meruoca, compreendendo sob esta denominação os sítios Portella, Almas, Pao Furado, Palmeiras e Conceição, com dois açudes, casa de morada, fábrica de assucar, e aguardente, com engenho de ferro, alambique, casa de café com rodeiro, ventilador e fábrica de farinha, existindo mais cur-

raes, e cerca de vinte mil pés de café e diversas fructeiras, cujos sítios com todas as suas terras foram havidas por compra pelo casal do inventariado, o sítio Monte propriamente chamado, a dona Hellena Francisca de Magalhães, Pedro Barroso Veras e sua mulher; o sítio Portella, a Manoel Ferreira Gomes de Farias; André Gomes Monteiro; Anna Joaquina Bezerra e Maria Thereza de Jesus, Laureanno Gomes Carneiro e Maria de Jesus Nazareth, Manoel Gonçalves Celestino, Maria Magdalena da Conceição, José Carneiro de Sousa, e Raimunda Maria Thereza de Jesus, Manoel Gomes Carneiro e Priscilina Francisca de Oliveira, Joaquim Gomes da Silva, e Rosa Maria de Jesus; o sítio Almas, a André Martins da Silva, João Belisário Martins da Silva; o sítio Pao Furado, a José Simão da Gama, e Vicente Simão da Gama; o sítio Palmeiras, a Geraldo Fernandes de Oliveira e Ignacia Maria das Virgens; o sítio Conceição, a Francisco Ferreira de Mello, e sua mulher, Domingos José Rodrigues, Valdevino José de Vasconcelos e Luzia Rodrigues da Silva, que avaliaram tudo na quantia de vinte contos de réis, com que se sae a margem (20.000.000).

SEGUNDA PARTE

“O SÍTIO MONTE”

Era o "Sítio Monte", uma propriedade de real valor pela fertilidade das suas terras, pela vastidão e importância das suas matas ricas em **madeira de lei**, pela sua grande extensão territorial e largamente cultivado com fruteiras, café, cana-de-açúcar e mandioca, desfrutando de um clima excelente, ocupando uma vasta extensão territorial nos vales dos riachos "Boa Vista" e "São João", de um e outro lado dos mencionados cursos d'água, com terras relativamente planas.

Dois açudes, feitos pelo Cel. Almeida, barram as águas do Riacho "São João", sendo um deles em região elevada, em local inteligentemente e tecnicamente escolhido, permitindo a irrigação, em curvas de nível, abertas na época, e ainda hoje existentes e em funcionamento, cumprindo a sua finalidade.

Mr. Sanford, logo que recebeu o seu quinhão (Região denominada "Almas") cuidou em cultivá-lo e, seduzido pela natureza magnífica de "Meruoca" de então, de pronto resolveu deixar a vida comercial para fazer-se lavrador.

* * *

Fechando as portas do seu escritório comercial associou-se à sua sogra, que recebera na "partilha" dos bens deixados pelo Cel. Almeida Monte, a metade do primitivo "Sítio Monte".

Três anos depois, comprava ele, de acordo com os demais herdeiros, a parte do Sítio Monte, pertencente à viúva cabeça do casal, sua sogra, Da. Amélia Rosemunda de Almeida Monte.

A escritura pública de compra e venda do "Sítio Monte" por parte de John Sanford à sua sogra, Da. Amélia, tomou-se o n.º 957, no 1º Cartório de Sobral, do Tabelião Ildefonso de Holanda Cavalcante, no ano de 1899, lavrada aos 27 dias de fevereiro, na cidade de Sobral, em casa de residência da vendedora, presentes todos os co-herdeiros, que nela se assinaram do seu próprio punho.

Ficou assim, Mr. Sanford possuidor de um vasto trato de terra fértil, que a sua atividade moça e inteligente cultivou em

grande escala, com amor, com afinho, com carinho, apaixonadamente.

De etapa em etapa, caminhou Mr. Sanford, para o cumprimento daquilo que o destino lhe determinara.

Nesse momento, deixara ele de ser o "Mr. Sanford", de Nova Iorque, para ser o "Major Sanford", do "Monte".

* * *

Nessa oportunidade, o "marinheiro" Sanford, transplantava-se, definitivamente, da grande cidade de Nova Iorque, onde nascera, à margem do caudaloso e já civilizado Hudson, para a pequenina cidade de Sobral, plantada à margem do humilde Acaraú, cuja grandeza consiste em ser um dos grandes rios secos do mundo, e onde iria viver o resto de sua longa vida, trabalhando pela economia dessa comunidade cearense, criando sua família numerosa, cultivando e fertilizando, com o seu trabalho, com a sua inteligência e com o seu amor, as terras dadivosas, do "Sitio Monte", nos altiplanos amenos da Serra da Meruoca.



Açude construído pelo Ten. Cel. Almeida, no curso do riacho "São João" com o objetivo de irrigar as terras do "Sítio Monte". Ao fundo, à direita, junto à palmeira, estão o sangradouro e "tomada" d'água, para irrigação do sítio

"Seu Chicó"

Nessa luta dignificante contou o Major Sanford com o auxílio valioso de um homem simples, um amigo seu como eram os outros seus amigos de mais alta categoria e a quem considerava, Francisco Chicó Fernandes, o seu "Feitor" no "Sítio Monte", o homem que dirigia os operários no "eito", nos vários serviços de campo.

O seu "Chicó", como era conhecido e tratado, era o homem presente no "Monte" o dia todo, recebendo do Major as ordens e instruções para execução dos serviços no campo, que ele cumpria de maneira absolutamente certa, e, se verificasse a conveniência de fazer qualquer modificação na maneira de executá-las, procurava o Major Sanford expondo o seu ponto de vista e voltaria a executar os trabalhos da maneira então combinada.

* * *

O início do trabalho no campo; a hora do almoço; o retorno ao eito ao meio-dia; a hora de recolher, já à tardinha, eram anunciados pelo búzio do Monte, uma reminiscência indígena, cujo buzinar sonoro e cantante, levava distante pelo grande vale e quebradas afora, as horas batidas pelo velho e grande relógio de parede, que desde a fundação do Sítio ali se encontra batendo, incansavelmente, o seu tic-tac-tic-tac marcando os segundos, os minutos, as horas, os meses, os anos, assistindo o desfilar de indivíduos e até de gerações que se sucedem no trabalho, dando o exemplo do cumprimento do seu dever.

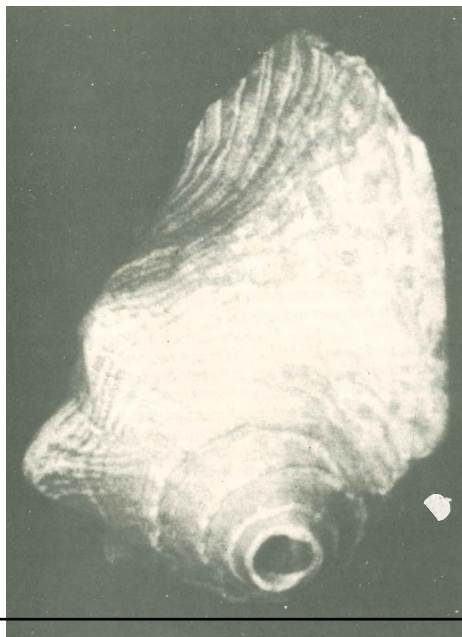
O relógio e o búzio do Monte completam uma mesma tarefa. "Completam", sim, porque, ainda hoje, se encontram nos seus lugares e nas suas funções.

No "Sítio Monte", residiam cerca de 30 famílias de operários, cujos descendentes ainda hoje moram com os descendentes do Major Sanford, mas terras do mesmo "Sítio Monte", num clima de paz, de amizade e confiança.

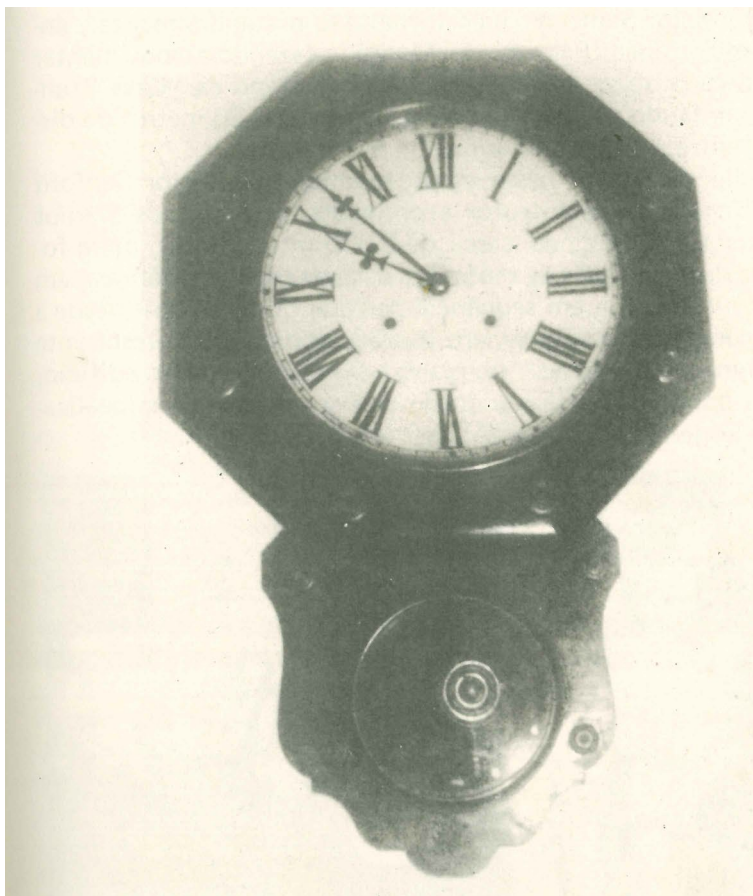
~~O engenho de moer cana alimentando as caldeiras de rapadura e de açúcar em pães e o alambique para fabrico de aguardente; a grande "Casa de Farinha"; o pesado "Rodeiro" para pilação do café, safrejavam o verão inteiro.~~

* * *

A força de tração animal, nessa época, era a dominante exclusiva no grande Sítio. Para a movimentação do engenho de moer cana; para o transporte da cana do campo para a fábrica; para a fabricação da casa de farinha; para a tração do pesado "Rodeiro" para a pilação do café; para a debulha do milho; para o acionamento das bombas de elevação d'água para irrigação da cana, o boi, o burro, o jumento, o cavalo, emprestavam a sua colaboração total, completa, eficiente e proveitosa e a produção agrícola sempre crescente ensejava um movimento de transição do trabalho do braço do homem, para a tração animal e para o trabalho das máquinas a vapor, como efetivamente aconteceu.



Antigo búzio do Monte, ainda hoje em ação.



O primitivo relógio do Monte ainda hoje em pleno funcionamento, marcando os segundos, os minutos, as horas que ainda vamos vivendo...

Até o ano de 1909, a "Fábrica do Monte" funcionava em um conjunto de prédios levantados ao Nascente da "Casa Grande" – pelo Cel. Almeida, cerca de 200 metros de distância, na encosta do alto que desce para a baixa chapada do "Cacimbão" e que terminava mesmo na ombreira esquerda da parede do açude chamado de "Baixo".

O "Major Sanford" na reforma que pretendia realizar, como realizou na "Fábrica do Monte", fazendo-a movimentar com força motriz, projetou-a ao mesmo plano da "Casa Grande", levando-a à sua direita, do lado sul, a 20 metros de distância, entre a "Casa de Farinha" e o "Rodeiro".

Vale dizer que nesse empreendimento, o Major Sanford foi o Engenheiro construtor e projetista, de todos os prédios num conjunto medindo cerca de 6.000 m² cobertos, onde foram localizadas todas as máquinas e várias seções da fábrica, em planos sucessivos e em sequência perfeita de serviços – desde a montagem do alambique para destilação do melaço resultante da turbinação do açúcar, no plano mais baixo do vasto edifício, sempre aproveitando a condução por gravidade, até a localização do Engenho, no seu plano mais elevado.



Moradores mais antigos que trabalharam no tempo do Major Sanford e que ainda hoje residem e trabalham nas terras do mesmo sítio. Vendo-se, entre eles, dois filhos do Maj. Sanford, Paulo e Humberto Sanford.

Capítulo VIII

No ano de 1908, em junho de 1908, o Major Sanford vai a Nova Iorque, em visita à família e de lá retorna em fins de agosto do mesmo ano, trazendo um belo conjunto de máquinas que instalou no "Sítio Monte", dando um passo avançado em favor do progresso da agroindústria naquela região do Ceará.

* * *

b) A Reforma

As máquinas vinda de Nova Iorque, via Belém do Pará, desembarcaram no Porto de Camocim.

De Camocim, pela Estrada de Ferro de Sobral, chegaram elas à Estação Ferroviária da cidade de Sobral.

Naquela época, a estrada ligando Sobral à Serra da Meruoca, **não era a rodagem que é hoje**. Era, sim, uma "estrada real" apenas, pela qual não era possível rodar qualquer veículo, a menos que fosse um carro de boi, e somente no trecho do sertão de Sobral no pé da Serra da Meruoca (pé da ladeira da Mata Fresca), num percurso de 7 quilômetros.

Desse ponto em diante, subindo a ladeira, a estrada enroscava-se pela serra acima, coleante, serpenteando entre pedras enormes, insinuando-se pelas encostas abruptas em curvas vio-

lentas, fugindo de penhascos profundos. O seu leito estreito, rudemente erodido pelas águas pluviais, permitia o trânsito de animais, apenas em fila de um e em alguns pontos apertava-se tanto entre barranco e pedra que os "caçuás", sobre os cargueiros, vinham batendo, atritando-se sobre os obstáculos de um e outro lado do rústico caminho. Desse jeito, era o célebre trecho chamado "**quebra-rabicho**", apertado, íngreme, e que corresponde hoje, no leito da atual estrada de rodagem, ao trecho denominado "**M**" onde se desenvolvem fechadas, altas e perigosas curvas, na ladeira da "Mata Fresca", logo após a casa do "Lobisomen" e que tem toda ela (a ladeira) uma extensão de 2 quilômetros.

A ladeira de "São Pedro", galgando a serra do mesmo nome, mede, aproximadamente, a extensão de um quilômetro, também alta, cheia de curvas também, porém mais larga, menos pedregosa que a da "Mata Fresca". No seu início no pé da serra, está a pequenina vila da "Palestina" e no seu topo, no ponto mais alto, a pitoresca e lendária "Cruz da Romana", de história tão romântica quão sentimental, guardada na memória do povo, já cantada em prosa e verso pelos menestréis daquelas terras alcantiladas, de natureza bela e de suave clima.

Do topo da ladeira – da "Cruz da Romana" ao "Sítio Monte", o terreno é de ondulação mais suave, a menos nos "Altos do Angelim", vencendo os contrafortes mais baixos do Serrotão do Mato Grosso.

Essa última distância a vencer, era de 6 quilômetros.

Eis aí o caminho que o Major Sanford, obrigatoriamente, tinha de percorrer conduzindo, serra acima, a maquinaria adquirida na América do Norte, em Nova Iorque, para somar em favor do desenvolvimento agrícola de Sobral, nos antiplanos da Serra da Meruoca, no "Sítio Monte".

E tudo as suas expensas, sem a mínima ajuda do Poder Público que, diga-se de passagem, se nada ajudava naquela época, também não atrapalhava e nem perseguia.

* * *

O período mais duro da luta ia começar.

Preparados os carretões de madeira puxados por possantes juntas de bois; preparados e arreados os comboios de muires e dos pequenos, jeitosos, e incansáveis jumentos do Ceará; arregimentados 30 homens escolhidos para a árdua tarefa; preparados grandes e grossos "cabos" e "cordas" trançadas com couro de bois; com a ajuda de possantes correntes e "talhas" poderosas, um dia de novembro de 1908, partia da Estação de Ferro de Sobral, rumo à Meruoca, o primeiro comboio geral conduzindo as primeiras peças das muitas máquinas que deveriam ser levadas para o "Sítio Monte".

Uma "Cozinha Ambulante"³ acompanhava o agrupamento em marcha, bem assim uma dispensa frugal, em lombos de jumentos, conduzindo feijão, rapadura, carne seca, farinha, toucinho de porco, café e fumo.

As refeições eram feitas em lugares previamente acertados, que seriam pontos de repouso, após as duras caminhadas.

Os "ranchos" eram improvisados, ou ao pé de uma baranca, ora à sombra de uma árvore, porventura encontrada, à margem do caminho.

A água não era problema, pois que a "estrada real" pode onde marchava o comboio, marginava, todo tempo, o riacho "Mata Fresca", perene, de água límpida, fria e doce que, saltando de pedra em pedra, forma pequenas cachoeiras que enchem aqueles ermos de suave e plangente murmúrio, que mais parece a harmonia de uma canção do que o lamento de água que soluça de queda em queda...

3 O cozinheiro do "grupo" era o velho José Meruoca por alcunha "Barrada", antigo morador do "Sítio Monte", onde, ainda hoje, residem os seus descendentes.

O pernoite, também à margem da estrada, era ao acaso e ao calor das fogueiras, tendo por teto o céu do Ceará.

E dessa forma, à luz do dia e na sombra da noite, à luz da lua ou das estrelas cintilantes, testemunhas mudas desse labor ingente, o grupo marchava para frente e para cima, em direção ao "Sítio Monte", sem esmorecimentos.

A sua frente, animando-o, a figura enérgica e corajosa do Major Sanford – ora a pé, ora a cavalo, comendo da mesma cozinha, no mesmo "rancho", a todos falando, estimulando, encorajando e resolvendo a tempo, as situações mais difíceis, que porventura, surgissem.

* * *

E a serra toda tomou conhecimento da operação audaciosa do Major Sanford.

Os "comboeiros" e "fereiros" que diariamente desciam e subiam a serra, conduzindo as suas mercadorias (farinho, milho, frutos, rapadura etc.) para o mercado de Sobral e que de lá voltavam trazendo as utilidades que faltavam no acanhado comércio da Meruoca, durante meses, espalharam pela serra toda, as notícias daquelas caminhadas duras através de ínvios caminhos, agora cheios do cantar dolente dos carretões de bois; do vozerio da "cabroeira" tangendo a burrada; do canto cadenciado dos caboclos, somando forças no manejar as alavancas das "talhas" presas, por vezes, a troncos de árvores encontradas à margem dos caminhos, às vezes presos a esteios de madeira profundamente fincados no chão, em pontos estratégicos; ora agarrados aos grandes e grossos cabos de couro cru, presa na outra extremidade a peça a arrastar, tudo com o objetivo de ajudar o esforço dos bois e dos homens, no arrastarem serra acima, sobre todos roliços de madeira, as peças mais pesadas.

Sim. Sobre toros roliços de madeira, à guisa de rodas de largos pinos, sobre os quais eram colocadas as grandes peças

de ferro fundido, nos terrenos ladeirosos, e onde não podiam chegar os carretões.

Foi desse jeito, arrastadas, serra acima que as máquinas do Monte subiram as ladeiras da Meruoca, pois que os carretões somente puderam rodar no trecho do sertão, onde, na verdade, prestaram relevante serviço.

Nas ladeiras, foi a força de tração das talhas, dos bois, dos homens, arrastando a ferragem mais pesada sobre toros de madeira roliça, em terreno na hora aplainado e desempredado, metro a metro.

As peças menores, de 150 kg para baixo, eram dispostas sobre grades de madeira, amarradas com cordas de couro cru e transportadas sobre parelhas de burros e jumentos, postos em sentido longitudinal, ainda com o auxílio dos homens nas passagens mais íngremes e difíceis.

A base metálica do motor de explosão, pesando 2.200 kg demandou 4 semanas de viagem entre Sobral e o Monte. Foi um esforço comovente e dignificante o empregado pelo Major Sanford e seus homens na condução de toda essa maquinaria, que iria marcar uma época no desenvolvimento da agroindústria da Meruoca.

E as notícias se espalharam pela serra, levadas pelos comboieiros e feireiros:

- "O 'seu' Sanford saiu de Sobral de manhã cedo, com o 'vapor' que vem pro Monte."

- "A estrada vem cheia: tem carro de boi, tem burro, tem gente, tudo carreando ferro."

- "No mesmo dia, arrancho no 'pé de serra'; na casa do Mané Chico, já a boca da noite."

.....

- "O Major Sanford largou os carros de boi no pé da serra e agora vem arrastando a ferragem da ladeira arriba." ...

- "Levou 3 dias e 3 noites pra chegar no Lobisome." ...

- "Se o homem não empancar no Quebra-Rabicho assobe a serra, como sem dúvida." ...

.....

- "O 'seu' Sanford passou no Quebra-Rabicho e com mais 4 dias vai chegar no tope da ladeira."

- "A ponte do riacho, tremeu quando passou em riba dela o **"casco do vapor"**."

E o Major Sanford galgou a ladeira da "Mata Fresca" em paz e salvamento, e iniciou a travessia do primeiro planalto da serra, longo de 6 quilômetros, aproximadamente.

E as notícias corriam de boca em boca:

- " 'Seu' Sanford passou em Floresta."

- "Já está em Todos os Santos."

- "Chagou na Palestina."

- "Está 'arranchado' no pé da Ladeira de 'São Pedro', debaixo dos cajueiros do 'seu' Chico Nicácio."

- "Chegou já à boca da noite."

.....

- "Já está chegando na 'Cruz da Romana'."

- "Daí pro Monte, vai ser fácil, o terreno é bom e é perto."

Quando a grande base do motor chegou na "Cruz da Romana" na cabeça da ladeira de São Pedro, foi um alvoroço...

Os moradores de "São Braz", do "Recife", da "Pedra Furada", do "Angelim", da "Conceição", num movimento espontâneo de solidariedade e de ajuda, ali estavam formando um grupo numeroso, que aplaudiu, com gritos de alegria o "feito" do Major Sanford e seus corajosos "caboclos". E agarrando as ferragens pesadas, colocando-as sobre os ombros possantes e bronzeados, colocando-as pela estrada afora, somente pararam quando tudo chegou no terreiro largo da Casa Grande do "Monte", entre gritos e exclamações de alegria e de vitória.

Durante três meses, o Major Sanford esteve empenhado nessa tarefa, de corpo e alma, sempre cheio de fé e confiança no seu trabalho e nos seus homens.

Enfim, tudo chegou normal ao seu destino.

* * *

Como já foi dito em outro local, a prediagem da nova fábrica fôra previamente projetada e construída tendo sido o Major Sanford o seu Engenheiro-Construtor, de acordo com o plano por ele pré-estabelecido, para a montagem de todas as máquinas, tendo em vista o seu maior rendimento econômico.

* * *

E começou ele, agora, mecânico e único mecânico, a montagem de todas as máquinas, uma por uma, e cada uma no seu lugar.

Primeiro o motor; depois o engenho; depois as caldeiras do açúcar e rapadura; depois a turbina do açúcar... no plano mais baixo a destilaria – o alambique.

À direita do motor, ao longo da transmissão, as máquinas de beneficiamento do café; a debulhadora de milho; o cevador de mandioca.

* * *

Os seus auxiliares nessa nova etapa de instalação da fábrica, foram também operários seus, pacientemente instruídos e que depois, no decorrer dos anos, lhe prestaram serviços excelentes.

Cada um se especializou no manejo de uma certa e determinada máquina, por fora de rotina – sabendo lubrificá-la, acioná-la, limpá-la e usá-la, convenientemente. São eles:

- João Carahuba e João Coelho Filho – Motor;
- João Vieira – Engenho;
- Francisco Clemente – Turbina;
- João Miranda e Neco Viana – Mestre de Açúcar; Caldeiras;
- Francisco Laurindo – Alambique;
- Luís Coelho e João Coelho – Farinha;
- José Clemente – Auxiliar da Turbina;
- Fidelix Carahuba – Pilação do Café;
- José de França – Prensa da Farinha;
- Antônio Melancia – Pedreiro e ajudante na montagem de todas as máquinas; e
- Francisco Chicó Fernandes (Feitor) – Instruído e participando de todos esses serviços.

A todos, o agradecimento da família Sanford pela cooperação valiosa nesse empreendimento.

A eles, a nossa HOMENAGEM.

Tudo nos seus lugares, um dia o motor de explosão “virou” pela primeira vez. Estendidas as balatas de polia, acionados os “garfos” de ligação, tudo funcionou normal, ruidosa e alegremente. Foi uma festa no “Monte”.

* * *

Um grande almoço reuniu na Casa Grande do Monte, todos os moradores do "Sítio Monte" e seus familiares, oferecido pelo Major Sanford e D. Minerva, como uma homenagem àque-la gente pela contribuição dada no transporte de todas àquelas máquinas, somando esforços, sacrifício e coragem, e que agora estavam ali presentes e cantando vitória, marcando uma nova etapa no desenvolvimento do velho e querido "Sítio Monte".

Estava iniciando o funcionamento da primeira Agroindústria na Zona Norte do Estado, tornando-se o Major Sanford, o Pioneiro no fabrico de açúcar branco turbinado no Estado do Ceará.



Turbina trazida pelo Major Sanford dos EEUU e por ele instalada no "Sítio Monte".

Capítulo IX

c) Depois da Reforma

E a força motriz substituiu, no “Monte”, em grande parte, a força animal, acionando o grande engenho de moer cana, a casa de farinha; as máquinas para o beneficiamento do café; as debulhadoras de milho; a turbina de açúcar em cuja indústria o Major Sanford foi o Pioneiro no Estado do Ceará, fabricando o açúcar turbinado branco e mulatinho; este último de grande aceitação no comércio local.

E por longos anos, durante todo o verão de cada ano, na época da safra – de julho a dezembro – quem passasse pelas estradas públicas que cortavam as terras do “Sítio Monte” ouviria, desde as primeiras horas da madrugada de cada dia, repercutindo de vale em vale e pelas quebradas da serraria, a explosão ritimada de um motor possante e a voz metálica do ranger das grandes engrenagens e moendas do engenho, declamando a canção do trabalho, triturando a cana para o fabrico da rapadura, da aguardente e do açúcar turbinado, e o conhecido açúcar “mulatinho”, tão presente que foi nos mercados de Sobral, Santana e Massapê.

Do melaço resultante da turbinação da “massa”, fabricava-se, ainda, a aguardente.

Tudo ali, era movimento e aproveitamento.

O Major Sanford era o Engenheiro e Administrador de tudo, era o mecânico, o carpinteiro, o pedreiro, o soldador, o ferreiro, o encanador, ajudado em cada serviço por operários por ele mesmo preparados e recrutados entre os seus moradores mais inteligentes e que revelassem tendências para os vários trabalhos a executar.

Mas tudo e todos trabalhavam sob o seu direto controle e comando.

O "Sítio Monte" era próspero e produtivo, conduzido de baixo de um regime de trabalho intenso, disciplinado, sério, honesto e respeitoso.

Grande parte da Serra da Meruoca, passou a produzir cana-de-açúcar em grande quantidade, a qual era industrializada na fábrica no "Monte", em base de meiação. As anotações eram completas e tudo era feito em termos de estatística, simples e honesta.

Na fábrica sabia-se o que produzia o açúcar e aguardente, cada 1.000kg de cana que ali chegava.

Num raio de 8 quilômetros da fábrica do "Monte" a cana produzida era trazida em "costas de jumento", para a sua industrialização.

D. Minerva na "Casa Grande"

Na "Casa Grande", D. Minerva comandava a direção da família numerosa e todos os demais trabalhos domésticos, prestando o seu valioso contributo ao seu esposo, para que pudesse ele se entregar, totalmente, aos trabalhos da lavoura, no campo e na fábrica.

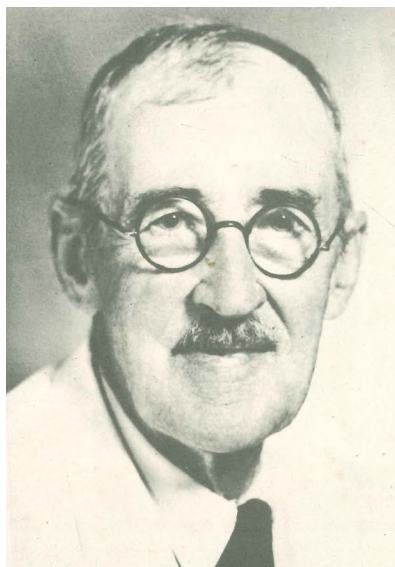
E como era afanosa a sua luta, desde o comando superior da escola de alfabetização, que funcionava no alpendre da "Casa Grande", dirigida por professora contratada na cidade de Sobral e que residia, também na "Casa Grande".

Moça filha de lavradores afeita aos trabalhos cotidianos dos sítios de plantar, D. Minerva assumia, com naturalidade e desembaraço, a supervisão de vários outros afazeres como: recebimento, à tarde na faxina, do café colhido diariamente, medindo-o, para efeito de pagamento aos sábados. A extração da goma de mandioca, também corria sob as suas vistas; a contagem das frutas que seguiam para o mercado; o recebimento da farinha fabricada em cada dia e sua anotação, eram tarefas que corriam por sua conta.

E como marchavam bem, os serviços sob as suas ordens...

Na vasta cozinha da "Casa Grande", fazia-se a indústria doméstica dos doces, para o aproveitamento das frutas que não mais podiam chegar ao mercado, por excessivamente maduras. E preparava-se, ali, o doce de goiaba, o doce de manga, de laranja, de mamão, de jaca, com açúcar mulatinho, também da lavra produzido no "Sítio Monte".

A criação de aves domésticas também era de sua alçada, bem como o cuidar das vacas de leite e da engorda dos porcos.



O "Major" Sanford aos 60 anos de idade.

Da. Minerva aos 50 anos de idade.

Esses serviços eram feitos com operários diretamente sob suas ordens – moças e rapazes do sítio, por ela mesma escolhidos e que lhe obedeciam de maneira completa.

Dotada de viva inteligência e invejável força moral, Da. Minerva comandava, mesmo à distância, os trabalhos que eram de sua competência. Suas ordens eram dadas com brandura, mas de tal forma que ninguém as discutia. Era portadora de um gênio alegre e divertia-se com as histórias engraçadas e ingênuas da gente da serra, que ela se dava ao trabalho de anotar e comentar, salientando as facetas pitorescas que elas encerravam.

* * *

Na “Casa Grande” do “Monte”, nos meses de verão, não lhe faltava a companhia de sobrinhos e moças da sociedade so-

bralense, que iam veranejar no "Monte", desfrutando as delícias do viver e do clima serrano.

E a casa era sempre movimentada, alegre e cheia de muito trabalho.

* * *

Como em Sobral, na Serra da Meruoca, o Major Sanford e Da. Minerva, cultivaram, entre a gente serrana, amizades valiosas, sadias, duradouras, e que têm se transferido de pais para filhos e para netos, até os dias de hoje.

Entre as famílias serranas que participavam da amizade do casal, podem ser citadas as de: Lucas Evangelista de Albuquerque, José Albuquerque (o "seu" Zeca de Albuquerque), o José Pedro Duarte, os Fernandes e os Mendes de São João e Santo Antônio, Antônio Ferreira Guimarães e Manuel Ferreira de Almeida, do "Bom Fim"; a grande família dos Macambira da Meruoca; Firmino Lopes Freire e D. Nana – de Boa Vista – Manuel Rodrigues de Oliveira, Pedro de Paula Sampaio, Raimundo Cipriano de Paula, Manuel Fidélia, Antero Coelho, todos da Meruoca; João Germano da Ponte, de "Baixa Grande"; os "Pereira" da "Conceição"; Arcelino Mendes, da "Viração"; José de Souza Amaral, os Máximo de Moura, os Franklin, da "Boa Vista"; os Marinho de Queiroz do Canto; os Luiz do "São Bento", foram famílias amigas do Major Sanford e Da. Minerva. E seus descendentes, mantêm com os descendentes do casal do "Monte" ainda hoje, estreita amizade.

Entre inúmeras famílias da Serra da Meruoca, conta D. Minerva com uma legião de afilhados de batismo, parentesco espiritual este que ela recebia com prazer e cultivava com agrado.

* * *

O Major Sanford, fez do "Sítio Monte" o seu mundo e a ele deu todo o seu querer bem, todo o seu amor e todo o seu trabalho.

Quando de sua primeira viagem a Nova Iorque, em 1908, escreveu ele um interessante "Diário de Viagem" (ainda em poder de sua família), onde se lê, já no seu regresso, em Belém do Pará:

"O navio Ipu, partirá no dia...; no dia... deverá chegar em Camocim no dia...; no dia... poderei chegar em Sobral e no mesmo dia no "Monte", onde eu tenho tudo que é meu, até a alma."

Isso diz muito alto do seu amor ao velho "Sítio Monte".

No "Sítio Monte", o trabalho era a sua religião, e as suas oficinas e os seus campos, a sua igreja.

Durante os dias úteis da semana, o seu tempo era dedicado, totalmente, aos trabalhos do sítio, no campo e na fábrica.

Aos domingos, logo após o café da manhã, entrava ele nas suas oficinas de onde somente saía para o almoço e, já à tardinha para o jantar.

Nesse dia era ele o carpinteiro caprichoso, confeccionando mesas, armários e outros móveis de utilidade caseira, como bancos, cadeiras etc. para uso na fábrica e na casa da família; ou então, trabalhava na limpeza das máquinas, lubrificando-as, polindo-as, reparando-as, ajustando-as, para o seu bom funcionamento na próxima jornada de trabalho.

Bombas, torneiras, a rede de canalização do caldo de cana e do melaço, sofriam reparos e benefícios, nos dias de domingo e feriados.

* * *

O Major Sanford jamais foi pecuarista e não gostava do sertão.

A sua propriedade "Pé da Serra", situada ao pé da serra da Meruoca, à margem da estrada que liga Sobral à Meruoca, na Zona do Sertão, ele a tinha para "depósito" e repouso dos animais de serviço do "Sítio Monte" (bois de trabalho, burros,

jumentos etc.). Aí fazia uma criação de gado bovino, asinino e equino, em pequena escala, de onde recrutava vacas de leite e bois de trabalho, jumentos para os serviços de transporte no sítio etc.

A propriedade é bastante grande, simpática e magnificamente colocada em relação à Sobral, distando apenas 6 km da cidade. Pertence hoje a um de seus filhos, Eduardo Sanford, que nele habita e a explora, com uma criação de gado leiteiro, para o qual se acha bem aparelhada.

* * *

Protestante, o Major Sanford jamais obstou que sua esposa cultuasse a religião católica e que nela educasse todos os seus filhos.

Ingressara por vontade própria, vivia e convivía, também voluntariamente, numa sociedade 100 por cento católica. Ia à Igreja Católica em Sobral, para assistir os sufrágios pela alma de parentes e amigos, falecidos, para assistir ao batismo de seus filhos; para assistir as solenidades religiosas dos casamentos dos seus parentes e amigos.

Entre os padres de Sobral e Meruoca, teve compadres e amigos dedicados e a quem tinha muita afeição.

Nenhum católico se comportava melhor do que ele mesmo, nessas cerimônias a que assistia, dentro dos templos católicos.

Jamais foi político. Era amigo de todos, sem cor política.

Sempre se preocupou em ser útil a todos e à coletividade onde vivia.

Um dia, amigos seus sondaram-lhe a possibilidade de aceitar o cargo de Prefeito de Sobral. Agradeceu a deferência e recusou-a, modesta e silenciosamente.

* * *

Casand
te como agri
deixou de ter
com a família

Logo ap
na Praça do I
de Almeida I
do Francisco
Sanford, até
"Feira Nova"
selheiro José

Nessa m
trução de sua
canto da rua
te, no canto c
para residir, e



exclusivamen-
sanford jamais
de demorava

residência era
Dr. João Júlio
s do Deputa-
ília do Major
sa situada na
nte com Con-

início à cons-
"Feira Nova",
so Cavalcante
que alugara
a.

Fachada principal da casa de residência de John Sanford, à Rua Conselheiro José Júlio, esquina com à Rua Ildefonso Cavalcante, construída em 1910.

Fachada lateral, à Rua Ildefonso Cavalcante.



Bodas de Ouro do casal John Sanford – Minerva Sanford, no pátio interno da casa residencial em Sobral. O casal, os 10 filhos, genros, noras e netos. Somente 50 anos após, por ocasião da Celebração das Bodas de Ouro é que o casal recebeu a Bênção Nupcial na Igreja do Patrocínio, concedida por Dom José Tupinambá da Frota, primeiro Bispo de Sobral. Sobral, 18 de novembro de 1943.



Ao completar 65 anos de casado – o casal e os 10 filhos no pátio central da casa de residência – em Sobral.

Na construção de sua casa, também o Major Sanford foi o Engenheiro que desenhou, projetou e construiu o prédio.

A sua casa, onde morou cerca de 40 anos – pertence hoje a dois de seus filhos.

Vasta, muito grande mesmo, com largos alpendres internos, nela funciona uma “casa de repouso de convalescentes”.

Na cidade de Sobral, no “bairro do Junco” há uma avenida com o seu nome, “Avenida John Sanford” exatamente a artéria urbana que vai se ligar à estrada para Meruoca, demandando a Serra do mesmo nome e que ele tantas vezes percorreu.

A homenagem foi prestada à sua memória, pelo digno prefeito de Sobral, Cesário Barreto Lima, no final de sua gestão, em 1966.

Mr. John Roshore Sanford e Minervina de Almeida Sanford faleceram, respectivamente, em 1º.11.1961 e 13.12.1958, e estão sepultados no túmulo da família Sanford, no cemitério “São José”, na cidade de Sobral.

Viveram assim casados 65 anos, 18 de novembro de 1893 a 13 de dezembro de 1958, quando faleceu D. Minerva.

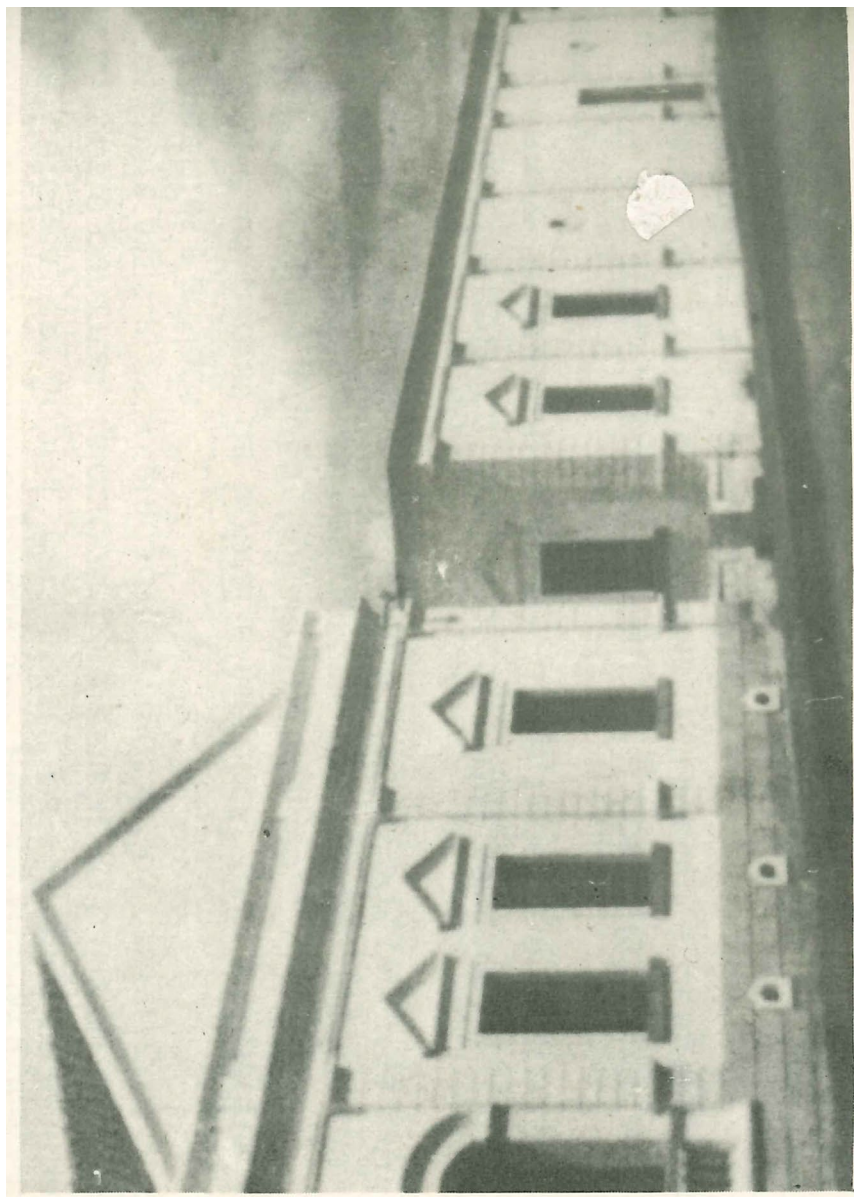
* * *

A contribuição de Mr. Sanford à economia cearense não se restringiu às suas atividades agroindustriais e pastoris; colaborou ainda na implantação da infraestrutura destinada ao maior desenvolvimento econômico da região nordestina. É assim que, tendo o governo federal contratado com duas grandes companhias especializadas em obras hidráulicas a construção das principais barragens no Estado do Ceará e Paraíba, inclusive o açúde Orós e o Porto de Fortaleza – Norton Griffiths & Co. Ltda. e Dwight P. Robinson & Co. Ind. – foi Mr. Sanford convidado, em 1921, pela primeira destas firmas, para dirigir a construção do açúde Patú em Senador Pompeu, funções das quais se desincumbiu em 1923, e posteriormente, em 1932, cooperou na construção da estrada de rodagem de Fortaleza-Sobral, no trecho compreendido entre a cidade de Itapajé e o lugar Patos, no município de Sobral, ao lado do Engenheiro Plínio Pompeu de Saboya Magalhães.

Também apresentou a contribuição de seu trabalho para



rários mais humildes. O seu coração era sensível aos sofrimentos alheios. Gostava de premiar os trabalhadores e os honestos.



Igreja da Sé.

Capítulo X

FUNDAÇÃO DO “SÍTIO MONTE”

PELO TEN. CEL. FRANCISCO DE ALMEIDA MONTE

Um Esclarecimento

Anteriormente ao ano de 1860, o terreno onde hoje repousa o “Sítio Monte”, já tinha a denominação de “Monte Alegre”, e era composto de várias **glebas** pertencentes a diferentes proprietários. Eram terrenos mais ou menos incultos e só plantados com mandioca, milho, feijão e algodão. Nada de café; nada de fruteira; nada de cana-de-açúcar.

A Família do Ten. Cel. Francisco José de Almeida

O Ten. Cel. Francisco José de Almeida, foi casado duas vezes. Sua primeira esposa era D. Bemvinda Coelho – de família sobralense – família Gomes Coelho – e desse seu consórcio, nasceram duas filhas, a saber:

Maria, nascida em 21 de dezembro de 1852; e

Bemvinda, nascida em 3 de setembro de 1854.

A primeira - **Maria** (Maroca) – casou com o Cel. João Frederico Ferreira Pimentel, comerciante em Sobral e do seu casamento nasceram os seguintes filhos:

1º - **Hieronides** – casada com Henrique Severino Duarte, ambos falecidos, tiveram os seguintes filhos: Edson, Marita, Vicente, Luíza, Nair e João.

2º - **Carmosina** – casada com José Euclydes Ferreira Gomes, ambos falecidos, deixando os seguintes filhos: Maria Eliomae, Leilá, Raymundo Nonato, João Frederico, Raymunda, Carmosina e José Euclydes.

3º - **Frederica** – Casada com Cezário César Ferreira Gomes, com os seguintes filhos: Raymundo, José, João e Raimunda.

4º - Maria Bemvinda (Maroquinha) – casada com Juliano de Araújo Leite (falecido), com os seguintes filhos: Miguel Rodolfo, João Frederico (falecido), Maria Amélia e Francisco José.

Bemvinda, a segunda filha do primeiro matrimônio do Ten. Cel. Francisco José de Almeida, casou com o Dr. João Francisco do Monte, farmacêutico, continuador da tradicional farmácia "Monte" em Sobral, fundada por Miguel do Monte, seu pai, e de cujo matrimônio nasceram os seguintes filhos:

Edmundo de Almeida Monte, Engenheiro Civil, casado com Raymundinha Alves Parente, de Sobral, não deixando filhos.

Raul de Almeida Monte, comerciante e professor em Sobral.

Eurico de Almeida Monte, comerciante em Fortaleza, casado com Alice Filomeno Gomes, de Acaraú, de cujo casamento nasceram os seguintes filhos: **Maria Laura**, casada com o Dr. Lineu Jucá; **Maria Bemvinda**, casada com o Dr. Aderbal de Paula Sales; e **Carmen Alice**, casada com o Dr. Wilson Jucá.

Ruy de Almeida Monte, médico, destacado homem público e político no Ceará, inteligência brilhante e culta, casado com Branca Alves Monte, de Fortaleza, de cujo casamento nasceram os seguintes filhos: **Maria Bemvinda**, casada com Alex Koefer; **João Francisco**, Engenheiro Civil, casado com D. Marjorie Monte; **Lígia**, casada com Mitchel Gradhvoll; **Eloísa** e **Cordélia**, solteiras.

João Francisco de Almeida Monte (Jones) – Farmacêutico em Sobral, continuador de seu pai na direção da farmácia "Monte", casado com Jaci Carneiro Monte.

Maria Bemvinda (Marisinha) – casada com Francisco Petronilho Gomes Coelho, comerciante em Sobral, deixando os seguintes filhos:

João Francisco do Monte Coelho, funcionário público, casado com Maria Ramalho Lima;

Izabel (Sinhá), casada com o Dr. Luiz Saboya de Albuquerque;

José Silvestre Monte Coelho, advogado, casado, com Natália Sanford Lima;

Edmundo Monte Coelho, casado com Leilá Cabral de Araújo;

Maria da Conceição, casada com Dr. Joaquim Pinheiro Filho;

Bemvinda, casada com o Dr. João de Deus Cabral de Araújo;

Francisco Petronilho Filho, casado com Maria Luiza Lins;

Dr. Helvécio Monte Coelho, oficial médico da Marinha de Guerra, casado com Marina Rodrigues.

Raymundo Monte Coelho, advogado, casado com Regina Freire;

Luiz Monte Coelho, funcionário autárquico, casado com Marlene Melo;

Hélio Monte Coelho, comerciante, casado com Yolita Demétrio;

Margarida, casada com o Major Estanislau Frota Neto, comerciante; e

Terezinha, casada com o Dr. José Bonifácio Câmara, advogado.

* * *

Ao tempo do seu primeiro casamento, era o Ten. Cel. Francisco José de Almeida, profissão de ourives, na cidade de Sobral.

Naqueles tempos, a profissão de ourives era rendosa, pois que permitia o comércio do ouro sempre feito com pessoal de maiores haveres e, por isso mesmo, possibilitando a aferição de melhores ganhos nos negócios feitos.

Homem equilibrado, sem vícios, honesto e honrado, participava da melhor sociedade da sua terra. Sobral, mercando



minha licença, em matrimônio dei as bênçãos nupciais a Francisco José de Almeida e Bemvinda Gomes Coelho, filha legíti-

ma de Antônio Gomes Coelho e Da. Rita Gomes Parente. Ele filho natural de Joaquim José de Almeida e Izabel Maria da Conceição, naturais e moradores nessa freguesia.

Testemunhas – José Saboya e João Thomé da Silva.

Para constar fiz esse Termo que assino.

Vigário Colado Francisco Jorge de Souza."

(Conforme está no livro de casamento de 1842 a 1854 – fls. 139).

2º Casamento do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte

Três anos permaneceu viúvo o ourives sobralense. Neste período, como era de costumes naqueles tempos, seus familiares acertaram-lhe um 2º matrimônio – endogâmico desta vez, visto como a noiva que lhe deram era sua sobrinha, natural de Penedo – Estado de Alagoas, filha de seu irmão materno João José do Monte.

Obediente ao "Conselho de Família", partiu o Ten. Cel. para Penedo, em julho de 1857.

Foi assim que, no dia 15 de agosto do ano de 1857, em um dia de sábado, às 4 horas da tarde fazia o Ten. Cel. Almeida o seu segundo matrimônio, desposando sua sobrinha Amélia Rosemunda de Almeida Monte, nascida em 24 de dezembro de 1831, em Penedo, fadada a ser uma das matronas de maior respeitabilidade na cidade de Sobral, onde passou a residir.

O casamento ocorreu na "Missão da Japarutuba", no município de Penedo, de onde a moça era natural.

* * *

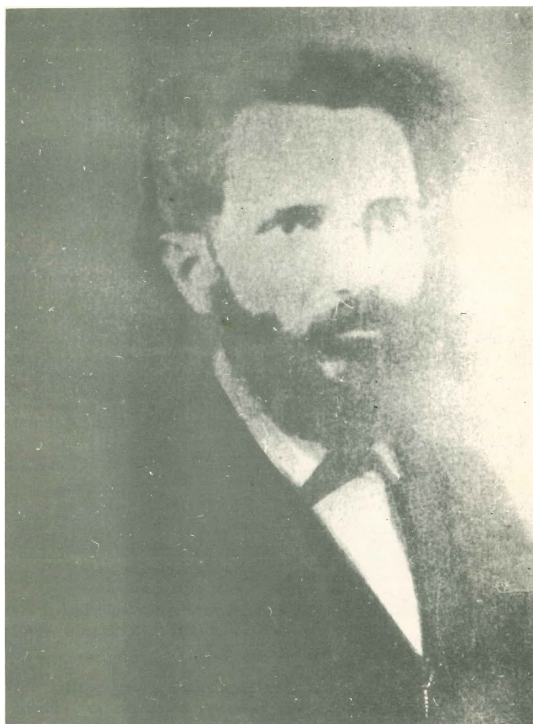
Da. Amélia, era a filha mais velha do Capitão João José do Monte, homem de numerosa família, três vezes casado, pois que duas vezes enviuvou. Era natural de Sobral, tendo trans-

ferido a sua residência para Penedo (Alagoas), quando ainda muito jovem.

Em Alagoas, João José do Monte fez dois casamentos, na família Travassos – com duas irmãs – D. Rosa Travassos e D. Maria Travassos – deixando desses consórcios numerosa família (11 filhos) destacados pela inteligência e pela cultura.

Eram seus filhos varões: Dr. Helvécio da Silva Monte, Médico; Dr. João José do Monte, Advogado e destacada Jurista; Cônego Urbano do Monte; Fenelon do Monte e Antônio Manuel do Monte.

João José do Monte, era filho do Coronel Manuel José do Monte (segundo desse nome) e de Izabel Maria da Conceição.



Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, na época do seu segundo matrimônio – 1856.



Da. Amélia Rosemunda, de Almeida Monte, ao tempo do seu casamento – 1857.

Entre os muitos irmãos paternos de D. Amélia Rosemunda de Almeida Monte, dois viveram no Ceará por longos anos: o Cônego Urbano do Monte e do Dr. Helvécio da Silva Monte, que foi Deputado Provincial do Ceará e depois Deputado Federal pelo Ceará. Clinicou em Sobral no ano de 1867. Depois fixou residência no Rio de Janeiro, exercendo a profissão de médico, tendo falecido com a idade de 100 anos e 4 meses, em 1941.

Os seus outros irmãos permaneceram em Alagoas, Sergipe e Pernambuco, daí se irradiando para outros Estados do Nordeste e também para o Rio de Janeiro, onde vivem hoje, os seus descendentes.

A família Monte é numerosa: está presente em todo o Nordeste do Brasil, bem assim, em vários outros Estados da Federação Brasileira (Rio Grande do Sul, Goiás, Brasília, Piauí, São Paulo, Bahia, Maranhão, Minas Gerais etc.). Ela remonta a mais de três séculos no Nordeste.

Numerosa como é, podemos encontrar dentro dela – um pouco de tudo, falando-se em termos de tipos humanos...

A sua história no Ceará foi inicialmente escrita a ferro, fogo e sangue pelos idos de 1720, quando ocorreu a terrível e mortífera luta travada entre Montes e Feitosas, por questões de família e de terra, quando da distribuição das Datas de Sesmarias no Rio Jaguaribe e seus afluentes (Rios Jucá e Truçú), fatos que João Brígido focaliza e relata nos seus trabalhos sobre a História de nossa terra (Ceará, Homens e Fatos) e que Nertan Macedo reavive no seu excelente livro – “O CLÃ DOS INHAMUNS”, invocando Pedro Theberge, Tristão de Alencar Araripe, Barão de Studart e outros estudiosos que se ocupam das origens da gente cearense.

Casado pela segunda vez, com Da. Amélia Rosemunda de Almeida Monte, retorna a Sobral, em companhia da esposa, o Cel. Francisco de Almeida Monte, exatamente no dia 10 de novembro de 1857 e aí continua, ainda por dois anos, exercendo a sua profissão de ourives.

Durante esses dois anos, novamente amealhou algum dinheiro, fez economia, e no ano de 1860, estimulado pelo seu cunhado, Dr. Helvécio Monte, começou ele a comprar terras na Serra da Meruoca, no lugar denominado “MONTE ALEGRE”, no segundo plano da Serra da Meruoca, exatamente no local onde o vale do riacho “São João” se despeja no vale do riacho “Boa Vista”, engrossando as suas águas. Vasta região ocupada por um planalto rebaixado, de superfície relativamente plana, com grandes e férteis baixios às margens dos riachos “Boa Vista”, “São João” e “Olho d’Água”.

Foi aí nessa região de terras férteis, de clima suave e ameno, de abundantes e excelentes aguadas e de belas matarias, que o Ten. Cel. lançou as bases do seu "estabelecimento agrícola", o futuro "Sítio Monte", que seria famoso e fadado a uma longa vida, sempre bem amado e bem querido.

A aquisição de terras foi feita parceladamente dos vários herdeiros e proprietários que as possuíam e isso durante alguns anos, pacientemente, persistentemente.

Foi dessa maneira que o Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte comprou as seguintes porções de terras, todas limítrofes, formando um todo indiviso, criando uma estrutura territorial capaz de tornar econômico o seu trabalho de agricultura, um terreno bastante grande para comportar o assentamento do "Sítio" onde ele planejava fazer, decerto, o seu "estabelecimento agrícola".

A COMPRA DAS TERRAS

Nome do Vendedor	Valor da Porção Comprada
1. Da. Fca. Helena R. Magalhães	1:400\$000
2. Pedro Barroso Veras	180\$000
3. Pedro Gonçalves Magalhães	300\$000
4. André Miranda da Silva	570\$000
5. Fco. Pereira de Melo	525\$000
6. Domingos José Rodrigues	290\$000
7. Geraldo Ferreira de Oliveira	120\$000
8. Pedro Henrique de Abreu	16\$000

Nome do Vendedor	Valor da Porção Comprada
9. Viúva José Simão da Gama	450\$000
10. Manuel Ferreira G. de Farias	400\$000
11. Miguel Ferreira Gomes de Farias	100\$000
12. André Gomes Monteiro	120\$000
13. Laureano Gomes Carneiro	100\$000
14. Manuel Gonçalves Celestino	84\$000
15. Manuel Ferreira Gomes de Farias	40\$000
16. Manuel Gomes Carneiro	30\$000
17. José Carneiro de Souza	60\$000
18. Joaquim Gomes	25\$000
TOTAL.....	4.810\$000

Reconstrução da casa – construção dos açudes – construção dos prédios da fábrica

Na reconstrução da sua casa de residência no "Sítio Monte", o Cel. Almeida – como passou a ser chamado na Meruoca – gastou a quantia de 600\$000. Casa vasta, de alvenaria de tijolo, coberta de telha, rebocada, caiada, com piso de tijolo de ladrilho, alpendrada, com 9 dependências internas e teto dividido em 4 águas – tacaniça – na conformidade do costume da época.



Fotografia da casa de residência no "Sítio Monte", construída pelo Ten. Cel. Almeida, em 1860.



A casa do "Monte", tomada de outro ângulo, vendo-se à esquerda, ao fundo, parte do edifício da fábrica, com oficinas etc.

Na construção dos dois açudes que servem ao "Sítio Monte", ambos feitos no riacho "São João", foi gasta a importância total de 2:000\$000 (dois contos de réis).

O "**Açude de Baixo**", junto ao qual foi levantada a casa do engenho e fábricas de açúcar, rapadura e aguardente, foi construído com o objetivo de formar água abundante e boa para as necessidades das **fábricas**; para os animais de serviços e para irrigação dos baixios de **cana**, localizados de um e outro lado do referido curso d'água (São João).

O "**Açude de Cima**" tinha objetivos mais amplos:

1º. Irrigar as terras mais altas do chapadão, onde foram feitos os maiores plantios de café e fruteiras várias.

2º. Desviar as águas abundantes do "São João", para o vale do riacho "Olho d'Água", com a finalidade de promover a irrigação dos grandes plantios de cana localizados de um e outro lado desse riacho de águas menos abundantes que o "São João" e depois despejá-las no riacho "Boa Vista", engrossando as suas águas, também objetivando a irrigação dos seus largos e extensos baixios, ao longo de suas margens, onde a cultura da cana era feita em maior escala.

Como se vê, a construção dos dois açudes planejados pelo Cel. Almeida, obedeceu a critérios técnicos e econômicos, certos e corretos. Nas terras altas do chapadão do "Sítio Monte", entre cafezais e fruteiras virentes, corriam (e correm ainda) as águas de valetas abertas pelo Cel. Almeida, obedientes às curvas de nível do terreno, em declive suave, murmurando, baixinho, uma canção de esperança, de vida e de fartura, fazendo à química maravilhosa da transformação da seiva vegetal em flores e em frutos, para o coroamento final de um trabalho honesto e honroso, promovendo a fartura, para o bem-estar de uma coletividade.

As valetas de irrigação foram abertas em 1865, pelo Cel. Francisco José de Almeida Monte e seu cunhado Dr. Helvécio da Silva Monte.



Valetas de irrigação.

A Fábrica

Bem perto da ombreira da barragem do **"Açude de Baixo"**, o Cel. Almeida levantou três grandes prédios de alvenaria de tijolos, onde instalou as fábricas de açúcar, rapadura e aguardente e o engenho de ferro de moer cana, que mandara vir de Pernambuco.

As várias seções de fábrica, foram colocadas em planos diferentes, de maneira a bem aproveitar a condução do caldo de cana, por gravidade. Na parte mais alta o engenho de ferro, de tração animal – bois; no segundo plano as caldeiras do açúcar, de rapadura e sala de "purgar" a "massa" do açúcar e no sopé do alto, junto à baixa, num terceiro plano – a fábrica de aguardente – casa de fermentação da garapa – alambique e depósito de aguardente. A fábrica do açúcar compreendia, além das caldeiras de **"apurar"**, uma grande sala com 300 formas de barro queimado para o preparo dos **"pães de açúcar"**, a chamada **sala de purgar**. Fabricava-se o açúcar branco, mulatinho e mascavo, o que se obtinha conforme maior ou menor número de dias que a "massa" ficava a "purgar".

O melaço obtido durante a **"purga"**, era transformado em aguardente.

A fábrica para a industrialização da cana-de-açúcar e aguardente – custou ao Cel. Almeida a quantia de 4:150\$000, assim distribuída:

Construção dos prédios	2:000\$000
Um engenho de ferro	750\$000
Um alambique de cobre	700\$000
300 formas de barro a 1\$000 cada	300\$000
3 caldeiras grandes para apurar	300\$000
TOTAL	4:150\$000

Tudo somado, conclui-se que a instalação do “Sítio Monte”, custou ao Cel. Almeida, naquela época feliz do Real, em que não se pensava no “Cruzeiro Novo”, a importância total de 11:460\$000, assim distribuída:

Terras	4:810\$000
Açudes	2:000\$000
Prédios	2:600\$000
Máquinas, Aparelhos	2:050\$000
TOTAL	11:460\$000

Para tração do engenho, bolandeira de farinha, “rodeiro” do café e transporte de carga do “Sítio Monte”, o Cel. Almeida utilizava os seguintes animais:

14 bois mansos no valor de	1:120\$000
15 burros cargueiros	1:500\$000
10 jumentos	500\$000
TOTAL	3:120\$000

Como pessoal de serviço, trabalhavam nas lavouras do “Sítio Monte”, 20 famílias de homens livres e 5 escravos.

A “Casa de Farinha” do “Sítio Monte”, foi levantada ao lado esquerdo da Casa Grande (lado norte), e se compunha:

1º) **Bolandeira** de madeira de tração animal, combinada com “carretel”, também de madeira;

2º) **Cevador**, (bola de madeira com serrilhas de aço, para preparo da massa de mandioca);

3º) **Prensa** da madeira de maçaranduba, cavada em único pau, com capacidade para 200 litros da massa. Essa prensa ainda hoje funciona em perfeito estado (caixa virgem, varão e fuso);

4º) Um “forno” para secar a massa depois de prensada.

Posteriormente à morte do Cel. Almeida, a "Casa de Fari-
nha" foi mudada pelo Major Sanford para o lado direito da "Casa
Grande", lado sul, participando do conjunto geral das "fábricas"
de beneficiamento dos outros produtos do "Sítio Monte" (Enge-
nho, açúcar, rapadura, beneficiamento do café, milho etc.).

Não existe "senzala" no "Sítio Monte". As famílias dos
escravos moravam em casas individuais, construídas nas proxi-
midades da "Casa Grande" – eram de taipa, coberta de palha de
palmeira babaçu.



A prensa de massa para farinha de mandioca, instalada pelo Cel. Almeida, no
"Sítio Monte" (1860) ainda em funcionamento.

* * *

Com o "potencial" acima descrito, os trabalhos agrícolas
do "Sítio Monte" se iniciaram em 1862.

Em 1870, portanto, 8 anos depois, a sua produção se aferia
pelos seguintes números:

100	arrobas de café a 8\$000	800\$000
350	alqueiras de farinha a 5\$000	1:750\$000
2.000	canadas de aguardente a 1\$600	3:200\$000
600	kg de açúcar a 400 réis	2:400\$000
200	cargas de frutas várias a 2\$500	500\$000
100	alqueires de milho a 5\$000	500\$000
50	quartas de feijão a 3\$000	150\$000
40	quartas de goma de mandioca a 3\$000	120\$000
50	arrobas de algodão a 2\$000	100\$000
TOTAL		9:520\$000

Já no ano de 1876, esses números se modificavam para muito mais e eram, segundo assentamentos deixados pelo Cel. Almeida, os seguintes:

1.037	quartas de farinha a 1\$200	1:568\$400
567	arrobas de café a 5\$500	3:118\$500
2.978	canadas de aguardente a 1\$200	3:573\$600
11.116	kg de açúcar a \$400	6:046\$400
200	quartas de milho a \$800	160\$000
30	quartas de feijão a 3\$000	90\$000
40	quartas de goma de mandioca a 3\$200	128\$000
30	arrobas de algodão a 1\$600	48\$000
300	cargas de frutas a 2\$500	750\$000
TOTAL		15:482\$000

Os números, como se vê, dizem bem da prosperidade crescente do "Sítio Monte" sob a direção feliz do antigo ourives de Sobral, agora o Cel. Almeida Monte sobre a Serra da Meruoca.

Essa prosperidade do "Sitio Monte" cresceu ainda muito, aos anos subsequentes, durante toda a administração do Cel.

Almeida até no ano de sua morte (1897), não obstante as grandes secas de 1877 e 1888, que tantos males trouxeram ao Ceará e ao seu povo.

A sua produção de café elevou-se até 1.152 arrobas.

A produção de açúcar subiu para 19.620 quilos; a de aguardentes para 4.135 canadas; 610 cargas de frutas diversas.

Nos trabalhos da lavoura, nessa época trabalhavam 30 famílias, além de 20 rapazes "alugados".

A "Diária" dos trabalhadores era variável, conforme o trabalho que executavam, oscilando entre 260 réis a 960 réis, "a custa da casa".

Vasta era a "cozinha", com fôrnalha própria, alevantada sobre forquilhas de madeira e coberta de palha, na parte posterior da "Casa Grande", para o preparo das refeições dos trabalhadores.

Para atendimento à alimentação do pessoal que trabalhava nas lavouras do "Sítio Meruoca" – no ano de 1881, além do feijão, da farinha, do café, açúcar e toucinho que eram da lavoura, foram comprados: 24 bois, ao preço de 30\$000 cada; 60 arrobas de carne do sul a 9\$000; 20 arrobas de peixe camurupim a 5\$500.

Todos esses dados são autênticos e extraídos do livro de "Receitas e Despesas", "feitas com o meu estabelecimento agrícola denominado "Sítio Monte", sobre a Serra da Meruoca", segundo escreveu o Cel. Almeida, com o seu próprio punho, na última página do referido livro, a 9 de outubro de 1882.

Pelo visto, era organizado, de fato, em todos os sentidos, o "estabelecimento agrícola" montado na Serra da Meruoca, com a denominação de "Sítio Monte", pelo Cel. Francisco de Almeida Monte.

Tudo planejado, tudo anotado e escrito. Tudo pesado, contado e medido. Tudo escriturado. Tudo balanceado.

No ano de 1881 o lucro verificado no "estabelecimento agrícola" do Cel. Almeida, foi de 32:970\$900.

* * *

O antigo ourives de Sobral, era, agora, um agricultor abastado, um proprietário rico com casas na cidade de Sobral e fazendas de criar no Aracatiaçu, adquiridas com o dinheiro ganho na lavoura, através de um trabalho honesto e honrado, nas terras férteis do "Sítio Monte", adubadas com o suor do seu rosto, cultivadas com amor e carinhosamente, com uma orientação firme, certa e equilibrada.

* * *

Estamos vivendo o período que vai de 1880-1897.

Lavrador abastado na Serra da Meruoca; criador de gado grosso e miúdo nas fazendas "Pocinhos", adquirida em fevereiro de 1882, por um conto de réis 1:000\$000⁴ e "Bom Jesus" no sertão do Aracatiaçu e na Fazenda "Arroz", na ribeira do rio Acaraú, nas proximidades de Sobral; possuindo prédios na cidade de Sobral, o Cel. Almeida era um homem robusto, de boa saúde forjada em ambiente rural de vida tranquila, familiar, social, econômica e financeiramente falando.

Entre prédios de sua propriedade na cidade de Sobral, estava o grande sobrado, localizado no lado do nascente da praça

4 A fazenda "Pocinhos" mede, de frente, 2.168 braças sobre o rio "Oficinas", de um e outro lado do referido curso d'água.

Foi comprada pelo Cel. Almeida em fevereiro de 1882, pela quantia de 1:000\$000 (hum conto de réis) aos seus então proprietários: João de Paiva Dias, Miguel de Paiva Dias e sua mulher, Joaquim de Paiva Roriz, Lourenço de Paiva Roriz, Úrsula Francisca de Paiva, José Alves de Lyra Pessoa, Raymunda Alves de Loyola, Felice de Souza Catunda e sua mulher, Lázaro Alves Pereira, Maria Joaquina de Loyola, Rachel Alves Dias, Teodora Joaquina de Loyola, e Ana Joaquina de Loyola.

Por morte do Cel. Almeida, "Pocinhos" passou a pertencer ao seu filho, Dr. João Júlio de Almeida Monte, que a transferiu, por sua morte, ao seu filho, o Cel. Francisco de Almeida Monte Neto. "Pocinhos" hoje, pertence à sua viúva, D. Maria Xerez Monte, genitora de D. Olga do Monte Barroso, esposa do Dr. José Parcial Barroso.

do então Mercado Público, canto com a Rua "Senador Paula", onde ainda hoje está perfeito na sua construção, bem acabado que vai desafiar o passar dos séculos.

Nesse sobradão cheio de tudo que se chamava riqueza naquela época, inclusive, magníficas mobílias do mais puro estilo do tempo, passou a residir a família do Cel. Almeida Monte, a partir de 20 de dezembro de 1881, segundo anotações do próprio punho, feitas por D. Amélia Rosemunda de Almeida Monte – na sua "**caderneta particular**" e destinada a assentar os fatos que ela considerava importantes, na vida da família.

Nesse ano, as comemorações natalinas, que eram festejadas, religiosamente por D. Amélia, já se realizaram no grande sobrado, a nova residência da família e teve uma tríplice razão: festejar Natal; inauguração da residência nova; comemoração do cinquentenário de D. Amélia Rosemunda de Almeida Monte, que, como já foi dito, nasceu Penedo (Estado de Alagoas) no dia 24 de dezembro do ano de 1831.

A 2ª Família do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte

Como vimos, o Cel. Almeida casou em segunda núpcias com sua sobrinha Amélia Rosemundo de Almeida Monte, no dia 15 de agosto de 1867, e desse segundo casamento, nasceram os seguintes filhos:

Amélia – nascida em 8 de julho de 1858 e falecida aos 3 anos de idade, exatamente a 16 de setembro de 1861.

João Júlio – nasceu em 17 de julho de 1859. Formado em Direito, em Recife, Juiz Municipal em Ipu, Aracati e Sobral.

Casado com D. Raymunda Olga da Rocha Monte, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos: Amadeu, Eugênio e Francisco, este último fadado a ser um dos maiores chefes políticos do seu tempo, no Ceará. Faleceu como Deputado Federal em Brasília, no dia 16.3.1961 e sepultou-se em Sobral, sua ter-

ra natal. Era casado com D. Maria Xerez Monte e deixou uma única filha – D. Olga Monte Barroso, esposa do Dr. José Parsifal Barroso.

Francisca – nascida a 2 de dezembro de 1860. Não deixou filhos.

Maria Amélia – nascida a 22 de junho de 1863. Casada com Miguel Rodolfo Pereira Mendes, comerciante em Sobral. Não deixou filhos.

Izabel (Yayá) – nasceu a 3 de novembro de 1865. Não deixou filhos.

Safira – nascida a 1º de setembro de 1867. Casada com Miguel Cialdini da Frota, deixando os seguintes filhos: a) **Izabel** (Cecy) residente em Sobral; b) **Amélia**, residente em Sobral; c) **Maria Bemvinda** (Nina), casada com o Sr. Francisco Rangel Parente, residente em Sobral; d) **José Colombo**, falecido, foi casado com sua prima Marita Pimentel Duarte, tendo deixado os seguintes filhos: **Miguel Cialdini**, **Francisco de Assis**, **Fernando**, **José** e **Maria da Conceição**; e) **Mário**, falecido, casado com Moreninha, tendo deixado os seguintes filhos: **Guajará** e **Miguel Cialdini**; f) **Julieta**, casada com Francisco Radier Frota, falecido, deixando os seguintes filhos: **Safira**, **Maria do Carmo** e **José Crisóstomo**.

Minervina – nascida a 29 de agosto de 1869. Casada com o cidadão norte-americano John Roshore Sanford, a 18 de novembro de 1893, na cidade de Sobral.

Desse casamento nasceram os seguintes filhos: Carlos, Francisco (Almeidinha, falecido em criança), Amélia, Paulo, Susan, Eduardo, Minerva, Maria, Beatriz, Francisco e Humberto. Dele surge a família Sanford no Ceará, da qual já demos notícia detalhada na primeira parte desse trabalho.



As 7 filhas do Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, segundo tomo das "Sete Irmãs", Vaz Carrasco. Em pé, da esquerda para a direita: Francisca, Maria Amélia e Safira. Sentadas: Maria (Marocas), Izabel, Bemvinda e Minervina, as quais, através de casamentos, aparentaram os Montes com as famílias: Mendes, Frota e Ferreira Pimentel, de Sobral, e Sanford de Nova Iorque.

* * *

A "Família Sanford" no Ceará, é assim intimamente ligada à Família Monte, pelo lado materno, parentesco este que queremos cada vez mais estreito, pela amizade, pela estima, pela consideração, pelo afeto, enfim, que dedicamos à numerosa e tradicional família nordestina, cujo sangue nos anima e fortalece.

* * *

O Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, faleceu na cidade de Sobral, no dia 6 de junho de 1897, portanto, com 70 anos de idade. Permaneceu casado, assim, com D. Amélia, 39 anos e 2 meses.

A sua vida de lavrador, no "Monte", durou 27 anos. Era homem simples, trabalhador ao extremo e amigo da família.

Sua esposa, não sendo uma mulher de cultura, era, todavia, dotada de inteligência e belos predicados morais e escreveu em sua caderneta particular de notas e memórias, o seguinte:

"Junho – 6 de 1897 - Domingo.

Meus filhos, esta data marca para nós o dia mais cruel, mais triste de nossa vida. Foi em um domingo, pelas quatro horas da tarde, que diante de nós e dos parentes que nos cercavam, vimos desaparecer o seu querido Pai, meu sempre chorado marido. Com ele, foi-se também minha vida, pois que fiquei sem o meu melhor amigo que neste mundo só viveu para mim, trabalhando sempre para legar aos filhos e à sociedade onde viveu, um nome digno de ser imitado.

Meus filhos, todos vocês falem nele e não deixem apagar a memória daquele que, na terra, foi o nosso melhor amigo e nosso dedicado benfeitor. Choremos a sua perda e gravemos em nosso coração o nome do Pai extremoso, e do marido dedicado que foi: FRANCISCO DE ALMEIDA MONTE."

Mais adiante, na mesma "caderneta de notas", está escrito do seu próprio punho:

"10 de novembro de 1897.

Fazem hoje 40 anos que cheguei nessa terra, cidade de Sobral, onde vim residir depois do meu casamento, em companhia do meu marido com quem fui muito feliz, durante 39

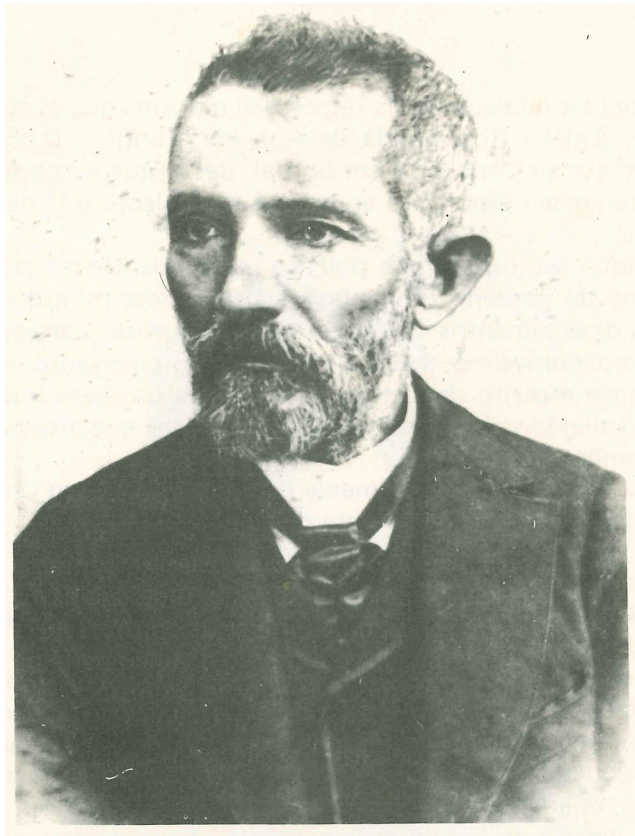
anos e 2 meses, tempo que nos foi concedido por Deus, vivermos juntos.

Hoje estou só, pois Deus foi servido chamando-o a si.

Cruel separação, triste realidade.

Poucos dias me restarão, peço a Nossa Senhora poder findá-los como principiei, na estima e amizade de minha família e da sociedade que tão bem me acolheu.

AMÉLIA ROSEMUNDA DE ALMEIDA MONTE."



O Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, aos 70 anos de idade. Foto tomada meses antes de seu falecimento.

Essas duas "Notas" assim singelamente escritas, dizem bem de como viveu o casal Almeida Monte e dos sentimentos familiares, morais e intelectuais da respeitável matrona que as escreveu.

D. Amélia Rosemunda de Almeida Monte – D. Sinhá – como era mais conhecida em Sobral, desde que ali chegou, sobreviveu ao seu esposo 20 anos, pois que faleceu a 1º de agosto de 1917.

Como seu esposo, era política moderada. De temperamento forte, de vontade firme, fazia valer os seus pontos de vista, através de argumentos inteligentes e convincentes, carregados de razões ponderáveis e cheias de equilibrado bom senso. Possuía um grande espírito de justiça, de que fazia uso com toda franqueza, valendo-se de palavras suaves, brandas que amaciavam a sua reconhecida energia.

D. Amélia e o Cel. Almeida estão sepultados no cemitério "São José" em Sobral, no mesmo túmulo.

A memória do casal é guardada pela família com carinho, com respeito e com saudades, sempre amável e bem querida.

Eles souberam viver e legaram aos seus descendentes "um nome digno de ser imitado", como era o seu desejo.

Nos anos de 1877 e 1888 – abateram-se sobre o Ceará duas grandes secas, que trouxeram dolorosos sofrimentos para todo o povo cearense, que, além de flagelado pela fome, sofre as consequências de um terrível surto de bexiga, que matou milhares de criaturas.

A cidade de Sobral, não escapou a essas desgraças: antes, pelo contrário, sofreu-as com mais intensidade porque se tornou o centro mais forte das "comissões" do Governo Federal e, por isso mesmo, ali se concentrou uma população adventícia

formada de milhares de sertanejos, circunstância esta que agravou, de muito, o já péssimo estado sanitário da população local.

O Cel. Almeida, então, num gesto de patriarca, conduziu para o "Sítio Monte" a sua numerosa família, irmãs, sobrinhas etc., então residentes em Sobral, e a todos abrigou no "Sítio Monte", construindo casas provisórias de palha de babaçu – em torno da "Casa Grande", onde ficaram residindo em ambiente sadio, menos expostos aos tormentos das epidemias reinantes.

E a manutenção de todos correu às suas expensas "por conta da lavra".



Da. Amélia Rosemunda de Almeida Monte, aos 85 anos de idade.

A) Como vimos na Primeira parte deste trabalho (Capítulo IV), os Sanford estão ligados pelo matrimônio, às seguintes famílias do Ceará e de outros Estados da Federação Brasileira: Siqueira, Bandão, Fontenele, Paula Pessoa, Barros (Rio Grande do Norte), Paracampos, Bezerra Lima, Gomes Parente, Bezerra de Sá, Bastos Carneiro, Frota, Arruda Coelho, Mendes Mendonça, Vasconcelos, Saraiva, Silva Duarte, Rangel, Feitosa, Guimarães, Carneiro, Moreira, Frota Carneiro, Monte Coelho, Barbosa, Vieira Lima, Marino, Mascarenhas (Bahia), Vieira (Rio Grande do Sul – Caxias), Durães (Guanabara), Gerb (Guanabara), Rodrigues (Guanabara), Souza (Guanabara), Carvelo (Goiás – Goiânia), Barreira, Nogueira Diógenes e Fajardo (Los Angeles – Califórnia – USA), Romcy.

B) Genealogicamente, pelo lado “Monte”, estamos ligados as numerosas e primeiras famílias que povoaram a ribeira do Baixo Acaraú (Sobral, Santana e Acaraú), todas elas procedentes de um só tronco genealógico – o Capitão-Mor Manuel Vaz Carrasco – O “Pai das Sete Irmãs”, cuja história é contada no livro de autoria de Dom José Tupinambá da Frota, 1º Bispo

de Sobral – “História de Sobral” e bem assim no livro “Os Linhares”, de autoria de Mário Linhares e, com mais detalhes, ainda, no excelente trabalho escrito pelo Monsenhor Fortunato Alves Linhares, inteligente e culto sacerdote sobralense, o historiador maior das coisas de Sobral e da sua gente, cuja memória o povo sobralense guarda com veneração e respeito.

Esse trabalho do Mons. Linhares – intitulado – “**Genealogia de várias famílias de Sobral**” – não foi publicado ainda. A família guarda o manuscrito em seu poder. É um trabalho muito interessante, cheio de detalhes e abrange a genealogia, não só de famílias de Sobral, mas também do Acaraú, Santana, Palma (Coreaú), Granja etc.

Assim, através das **Sete Irmãs** nós temos ligações por linhas – direta ou colateral – próximas ou longínquas, com aquelas famílias que povoam o Vale do Acaraú, como sejam, os Monte, Ibiapina, Frota, Cavalcante, Madeira, Damasceno, Rocha (os Montes Rocha, de Aracatiaçu), Silva (os Monte e Silva), Aguiar, Porto, Ferreira Costa, Figueira de Melo, Carneiro da Cunha (Granja), Bandeira de Melo, Almeida (da Ibiapaba), Ferreira Gomes, Ferreira Pimentel, Ferreira da Ponte, Gomes Parente e Saboya.

Na **Ribeira do Jaguaribe**, através de descendentes diretos de Geraldo Monte – que era proprietário da fazenda “Boqueirão”, no Município do Icó (João Brígido – “Ceará, Homens e Fatos”), somos ligados a várias outras famílias – entre eles os Barbalho, Pereira, Vieira, os Correia, Rodrigues Machado, de Quixeramobim, Boa Viagem, Mombaça e Pedra Branca – pelo casamento de Ponciana de Souza Barbalho – moça descendente direta da família Monte, com o cidadão português, Paschoal Correia Vieira, isso pelos idos de 1720.

Na Serra Grande, os Montes se aparentam com os Aristides dos Santos, com os Monte e Silva e com os Almeida. No vizinho Estado do Piauí, temos parentes próximos na cidade de Piri-piri.

C) As **Sete Irmãs**

O Capitão-Mor Manuel Vaz de Carrasco⁵ era natural de Pernambuco. No início do século XVII, transferiu-se para o Ceará, para a ribeira do Acaraú, fixando residência na cidade desse nome.

Manuel Vaz de Carrasco, era filho de Francisco Vaz de Carrasco e D. Brites de Vasconcelos. Casou duas vezes: a primeira, com D. Luíza de Souza e a segunda, com D. Maria Madalena de Sá Oliveira.

Desses dois consórcios de Manuel Vaz de Carrasco, nasceram as Sete Irmãs, que se chamaram: **Ana Brites, Inêz, Maria de Góes, Maria Madalena, Rosa e Sebastiana**, que, casando-se, deram origem às famílias que povoam aqueles sertões do Norte do Ceará – os Linhares, os Ferreira Gomes, os Ferreira da Ponte, os Ribeiro da Silva, os Frota, os Furna Uchôa, os Xerez,

5 Manuel Vaz de Carrasco, o pai das “Sete Irmãs” era homem de largo poderio no seu tempo, rico e de grande fama. Era tão conhecido, tão falado, e tão famoso na Ribeira do Acaraú, tão marcante foi a sua presença ali, tão forte foi a sua atuação naquela região da Zona Norte do Ceará, que o seu nome passou a figurar, e para sempre, no Folk-Lore regional. Assim é que, nos folguedos afros do “Bumba-meu-Boi”, o “Carrasco” que é figura destacada daquelas danças e funções, ao entrar em cena nas ruas dos vilarejos do sertão ou nos terreiros enluarados das fazendas de criar, exuberante de bravatas e fanfarronices, trajando vestes de cores berrantes, onde predominam o encarnado e os dourados, brandindo na mão reluzente espada de flandagem prateada, que relampeja e fálscia à luz da lua e das estrelas, e com a qual simula a sangria do boi, o faz, ainda hoje, declamando, petulante, em altas vozes, os seguintes versos onde transborda arrogância e onde se alude ao nome do potentado Vaz de Carrasco, emprestando-lhe uma origem fantasmagórica, sobrenatural, fonte de valentia e poder e onde se lhe dá, ainda, a condição de grande Senhor da Terra:

“Eu me chamo o Braz (*) Carrasco

Da Fonseca Cangirão

A minha mãe é um corisco;

O meu pai é um trovão.

Eu nasci no Pernambuco

Me criei no tubarão

Sou lavrador afamado

Em toda esta ribeira;

Boto roçado onde quero

Planto, colho e faço feira.”

os Holanda Cavalcante, os Rocha, e mais, os Montes, os Gomes Parente, Bandeira de Melo e outras.

Manuel Vaz de Carrasco deixou, também, dois filhos varões:

1. Manuel Vaz da Silva, que duas vezes, casou em Pernambuco; e

2. Nicácio de Aguiar e Oliveira, casado em Granja/CE (na família Porto), com D. Michaela, filha de Thomaz da Silva Porto.

D) "O Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa"

TERCEIRA PARTE
ra, transferiu sua residência para a cidade de Acaraú, naquela época, como já se disse, o Porto mais movimentado do Norte do Ceará. Era parente de Manuel Vaz de Carrasco, o pai das "Sete Irmãs" de quem, depois, foi genro.

No ano de 1738, no dia 30 de julho de 1738 – José de Xerez Furna Uchôa, era nomeado Capitão-Mor da **Vila Distinta e Real de Sobral**, para onde transferiu a sua residência.

Era um homem orgulhoso de sua ascendência fidalga e se lia a D. João de Xerez, cavalheiro fidalgo de origem espanhola.

LIGAÇÃO DOS SANFORD COM VÁRIAS FAMÍLIAS DO CEARÁ E DE OUTROS ESTADOS DO BRASIL
José de Xerez Furna Uchôa, era neto materno de Sebastião de Sá, Capitão-Mor e Governador do Ceará no ano de 1678. Pelo lado paterno era neto de Amaro Lopes Madeira, íntimo amigo e compadrinheiro de armas de João Fernandes Vieira, na guerra contra os holandeses.

José de Xerez Furna Uchôa, casou com D. Rosa de Sá e Oliveira, filha das "Sete Irmãs" (filha de Manuel Vaz de Carrasco) no ano de 1740, na povoação de "Riacho Guimarães", hoje cidade de Groaíras.

Desse casamento de José de Xerez Furna Uchôa, com **D. Rosa de Sá e Oliveira**, nasceram sete filhos – entre eles, **D. Ana Amélia Uchôa**, que casou com o Capitão-Mor Manuel José do Monte no ano de 1769.

A título de ilustração, transcrevemos, **data venia**, do excelente trabalho do Monsenhor Fortunato Alves Linhares, já por nós citado, o seguinte trecho referente a José de Xerez Furna Uchôa:

“Em alta conta tinha o Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa, a nobreza de sua família, pois descendia pelo lado materno do Sargento-Mor Francisco de Farias Uchôa, filho de Marcos André, fidalgo da Casa Real e de sua mulher, D. Maria de Mendonça Uchôa, irmão do Mestre de Campo, Gaspar de Souza Uchôa, fidalgo, cavalheiro por alvará régio de 20 de abril de 1646.

Descendia dos Góes e Vasconcelos, por ser neto de Brites Mendes de Góes e Vasconcelos, mulher de Arnaud de Holanda, este filho do Barão de Rhenobourgue e da Princesa Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI.

Por morte de sua mãe, o Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa, mudou-se do Acaraú para Sobral, passando, porém, a maior parte do tempo, no seu sítio “Santa Úrsula”, sobre a Serra da Meruoca, onde edificou boa casa, engenho para moer cana, máquina para o preparo da farinha de mandioca.

Aí nessa amena fazenda, introduziu as culturas da parreira, mangueira e outras árvores frutíferas. Desejando ver de perto a Côrte da França, onde reinava Luiz XV, partiu daqui para Lisboa, pela segunda vez, em 1743 e munido de recomendações especiais, conseguiu ser apresentado à Côrte de Versailles, por intermédio do Duque de Choiseul, obteve duas plantas de café das existentes no Jardim das Plantas de Paris, trazidas de Moca por marinheiros holandeses e oferecidas a Luiz XV.

Dos dois cafeeiros trazidos por José de Xerez, um morreu na larga travessia e o outro foi plantado pelo próprio Xerez no seu sítio "Santa Úrsula" em 1747, na Serra da Meruoca.

Em 1861 este cafeeiro, não obstante contar mais de cem anos, ainda carregava bastante. Vi-o em 1878, sendo eu ainda menino. Era dono de "Santa Úrsula", nesse tempo, meu tio, Major Ivo Francisco Linhares. Dessa planta originaram-se quase todos os cafeeiros do Ceará."

"Genealogia de algumas famílias de Sobral", Mons. Fortunato Alves Linhares.

Vide "João Brígido Antológico" págs. 272 e 273, de Jáder de Carvalho (1969).

E) O Capitão-Mor Manuel José do Monte

Sua ascendência.

Sua descendência.

Do Capitão-Mor Manuel José do Monte, sabe-se que nasceu em Boa Vista do Recife/PE, no ano de 1725, era filho do Cel. Gonçalo Ferreira da Ponte e D. Maria da Conceição Monte, descendente dos Montes e Silva, que permaneceram em Pernambuco, depois de sua chegada ao Brasil, fugindo da Inquisição.

Daí deduz-se, transferiu-se para o Icó, Jaguaribe, onde já existia um núcleo da família Montes e Silva, que aí estabeleceu-se quando da Concessão da Data de Sesmaria, conhecia como a "Data dos Homens do São Francisco" (24 de janeiro de 1682), concedida pelo Governador da Bahia, Roque de Costa Barreto, a 40 co-Heréus, na ribeira do Icó, da qual participaram vários Montes, entre eles: João de Montes, Paulo de Montes e Pedro de Montes.

Por razões econômicas, pois os Montes se haviam arruinado na Luta com os Feitosas; e políticas, devido aos ódios, dela remanescentes, transferiu-se para Sobral, ainda muito jovem, ali casando em 1755 em primeiras núpcias com Luíza da Costa

Maciel, filha de Themóteo da Rocha Maciel e Da. Eugênia de Medeiros Costa, natural de Recife.

A seu respeito – sua origem, sua filiação, sua naturalidade, seus casamentos, sua descendência etc., **data venia** transcrevemos do livro último do historiador Dr. Raimundo Girão – “Montes, Machados, Girões” – 1967, duas interessantes achegas, a saber:

1º) Nota de Soares Bulcão; e

2º) Carta do Dr. Helvécio Monte.

Nota de Soares Bulcão

Soares Bulcão, estudando as origens das famílias cearenses, assim escreveu: “O Cel. Gonçalo Ferreira da Ponte, natural do Recife e filho do casal Cosme de Freitas Ferreira – Joana de Barros Coitinho (ou Joana de Barros Rêgo), como está em Borges da Fonseca – Nobiliarquia Pernambucana, casou-se 3 vezes: a 1ª com Maria de Barros Coitinho, da qual teve o filho único, Cel. Francisco Ferreira da Ponte e Silva; a 2ª com Maria da Conceição, descendente dos Montes e Silva; e a 3ª com Rosaura do O’Mendonça.

Do seu segundo casamento com Maria da Conceição, o Cel. Gonçalo Ferreira da Ponte houve 3 filhos: 1º - Maria do Livramento, casada em 17 de abril de 1749, com o Sargento-Mor Manuel Carneiro Rios, de Iguaçu; 2º - Padre José Ferreira da Costa, que foi vigário da Freguesia de Cariris Novos, onde faleceu em 1769; e 3º - o **Capital-Mor Manuel José do Monte**, nascido em 1737, casado a primeira vez em 20 de novembro de 1755, no Cariri, onde vigariava o irmão Padre, com Luíza da Costa Maciel (filha de Themóteo da Rocha Maciel e Eugênia de Medeiros) e a outra (segunda vez) em 30 de novembro de 1760, com Ana América de Jesus, filha do Capitão-Mor José de Xerez de Furna Uchôa e Rosa de Sá e Oliveira (em Sobral). Do primeiro matrimônio saíram 3 filhos: **Capitão Antônio Manuel da**

Conceição, Ten. Cel. Manuel Ferreira da Costa e Ana Maria do Monte. Do segundo, quatro outros: **Maria Bernardina do Monte** (casada com Felipe Ribeiro da Silva), **Vicência Ferreira do Monte** (casada com José Gomes Coelho), **Francisca das Chagas Pessoa** (mulher de José Mariano Cavalcante de Albuquerque) e o **Cap. José Ferreira da Costa** (que casou com sua prima, Maria Quitéria, filha de Francisco Ferreira da Ponte).

* * *

Baseado em certidão de casamento fornecida pela Secretaria do Bispado em Sobral, Manuel José do Monte, não casou-se a primeira vez em Cariri Novo, onde vigariava o seu irmão Padre José Ferreira da Costa, e sim, na antiga Caiçara, hoje Sobral, como veremos a certidão a seguir:

1º Casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte

Eis o Termo:

"Aos vinte de novembro de mil setecentos e cinquenta e cinco, corridos os banhos sem impedimento algum, nesta Matriz da Caiçara em minha presença e das testemunhas Coronel Francisco Ferreira da Ponte e o Capitão Manoel Carneiro Rios, e mais pessoas conhecidas se receberam por palavras de presente Tenente Manuel José do Monte, filho legítimo do Coronel Gonçalo Ferreira da Ponte e sua mulher Maria da Conceição do Monte e Silva, natural da Boa Vista de Pernambuco, com Luíza da Costa Maciel, filha legítima de Themoteo da Rocha Maciel e sua mulher Dona Eugênia de Medeiros Costa, natural de Recife e logo tomaram as bênçãos nupciais do que fiz este termo em que me assignei. Cura da Caiçara, Padre Antônio de Carvalho de Albuquerque". No livro de casamentos de 1741 a 1769, folha 16.

Do seu primeiro matrimônio com Luiza da Costa Maciel, nasceram 3 filhos: Ten. Cel. Antônio Manuel da Conceição Monte, Capitão Manuel Ferreira da Costa e Ana Maria do Monte.

No ano de 1769, já viúvo, exatamente a 30 de novembro de 1769, casa-se o Capitão-Mor Manuel José do Monte, com Ana América Uchôa (Ana América de Jesus), sendo ela filha de José de Xerez Furna Uchôa e de sua legítima mulher, D. Rosa de Sá e Oliveira – uma das "Sete Irmãs" – Vaz de Carrasco.

O casamento se verificou na Capela de Santana – na Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Matriz de Sobral, conforme ata que adiante se transcreve, colhida que foi no arquivo da Secretaria do Bispado de Sobral.

Fotocópia da ata de casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte, com Ana América, contendo, na margem superior à sua assinatura.

2º Casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte

Aos 30 de novembro de 1769, pela manhã, na capela de Sant'Ana, filial desta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sobral, feito do denunciário na forma do Sagrado Concílio Tridentins, na dita igreja, onde os nubentes são moradores e a nubente natural, justificando o não rapto, como consta do mandato de casamento, sem outro impedimento, como consta dos banhos, que tudo fica em meu poder em presença de mim, Cura, João Ribeiro Pessoa, e das testemunhas: o Capitão Custódio da Costa Araújo e o Capitão Cláudio de Sá Amaral e mais pessoas presentes, casaram em face da Igreja. Solenemente por palavras o Capitão Manuel José do Monte, natural do Recife, filho legítimo do Cel. Gonçalo Ferreira da Ponte e de sua mulher Maria da Conceição, natural da Ilha da Madeira, viúvo de Luíza da Costa Maciel, com Dona Ana América de Jesus, filha legítima do Capitão-Mor José de Xerez Fuma Uchôa e Dona Rosa de Sá Oliveira de Goiana, fiz este termo e assino Cura desta Matriz, João Ribeiro Pessoa. Conforme, no livro de casamento de 1769 a 1782, fls. 18 e 19.

* * *

No ano de 1766 – Manuel José do Monte, já era Capitão-Mor de Sobral ("Os Linhares", pág. 79).

No livro "Os Linhares", se lê às fls. 105, que o casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte, com Ana América, ocorreu em 1769, o que está certo.

Desse casamento nasceram: Vicência Ferreira do Monte, Maria Bernardina do Monte, Francisca das Chagas Pessoa e José Ferreira da Costa.

O Capitão-Mor Manuel José do Monte foi vereador em 1773 por ocasião da Fundação da Vila Real e Distinta de Sobral, e Presidente da Câmara, em 1774.

* * *

Sete anos depois – Ana Maria do Monte, filha do Capitão-Mor Manuel José do Monte e sua primeira mulher, Luíza da Costa Maciel, no dia 30 de novembro de 1776, casa-se, em Sobral, com o moço sobralense Domingos Ferreira Gomes, filho do Capitão Domingos Ferreira Gomes – natural de Lisboa (Portugal) e de Maria Alves Pereira, conforme ata de casamento assentada às fls. 150 do livro de casamento de 1769 a 1782, e adiante transcrita:

“Casamento de Ana Maria do Monte”

“Aos 30 de novembro de 1776, casaram-se solenemente por palavras de presente Domingos Ferreira Gomes, filho legítimo do Capitão Domingos Ferreira Gomes, de Lisboa e de Maria Alves Pereira de Carvalho, natural de Goiana, com Dona Ana Maria do Monte, filha legítima do Capitão-Mor Manuel José do Monte, natural de Boa Vista do Recife, e de sua mulher Dona Luíza da Costa Maciel, natural de Jaguaribe. Tes. Sargento-Mor João Pinto de Mesquita – viúvo, e José Ferreira Pessoa”.

* * *

Dois anos depois do casamento de sua irmã Ana Maria do Monte, o Capitão Antônio Manuel do Monte, filho mais velho do Capitão-Mor Manuel José do Monte com sua primeira mulher. D. Luiza da Costa Maciel, casa-se também em Sobral, a 21 de setembro de 1778 (na Matriz da Vila de Sobral) com D. Francisca Xavier de Mendonça Uchôa, filha legítima do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa e sua mulher D. Rosa de Sá e Oliveira.

Dessa forma, pai e filho tornaram-se concunhados.

O casamento supra ocorreu, de acordo com a ata que em seguida transcreveremos tal como está no livro de casamentos de 1769 a 1782, às fls. 200.

"Casamento de Antônio Manoel da Conceição"

"Aos 21 de setembro de 1778, pela manhã na Matriz de Nossa Senhora da Conceição na Vila de Sobral, em minha presença e das testemunhas João Barreiro Rangel – solteiro, e Polinardo Caetano Serra, se casaram em face da Igreja solenemente por palavras o Capitão Antônio Manoel da Conceição, filho legítimo do Capitão-Mor Manuel José do Monte e sua primeira mulher Dona Luíza da Costa Maciel, com Dona Francisca Xavier Mendonça Uchôa, filha legítima do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa e sua mulher Dona Rosa de Sá Oliveira, natural de Goiana", e logo lhes dei as bênçãos nupciais na forma dos Ritos Romanos.
Vigário João Pessoa".

(Conforme está no livro de casamento de 1769 a 1782, folha 200).

Desse matrimônio não houve descendência.

Jarbas Cavalcante de Aragão, no seu livro "Os Ximenes de Aragão na Comarca de Sobral", às fls. 103, diz:

"Quanto aos casamentos dessas duas últimas aludidas filhas (**d** e **e**) do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa, homem de arraigados preconceitos e que tinha bem presentes os títulos de nobreza de sua família, convém assinalar que encontraram por parte deste a mais formal oposição, de sorte que o Capitão-Mor da Vila de Sobral, o viúvo Manuel José do Monte, e o seu filho, o Tenente Coronel Antônio Manuel do Monte, resolveram, num golpe de audácia, subir a Serra da Meruoca e raptar no sítio "Santa Úrsula", as duas moças em apreço, com as quais se casaram, respectivamente, dando origem, desse modo, à Família Monte, que nada mais é do

que um ramo genealógico dos Holandas e dos Carrascos e, por conseguinte, dos Ximenes de Aragão."

* * *

A história do rapto a que se refere Jarbas Aragão, não tem fundamento. É apenas uma lenda, contendo algo de contos de fadas, onde uma princesa se apaixona por um plebeu e com ele foge de casa, driblando a vigilância dos castelões, seus pais.

Tudo indica que, na verdade, o Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa se opunha a esses casamentos, pois que nos assentamentos ou atas de mencionados casamentos, não consta o comparecimento de Furna Uchôa aos atos matrimoniais de suas filhas Ana América e Francisca Furna Uchôa, era, de fato, altamente ciente da nobreza de sua família que vinha de muito longe e de muito alto, trazendo o odor de alcovas reais e que se entroncaria na Princesa Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI e casada com o mui nobre senhor Barão de Rhonobourgue – **Henrique de Holanda** – pais do nobre Arnaud de Holanda. Os Montes não tinham hierarquia de nobreza e, por isso, certamente Furna Uchôa discordou dos casamentos de suas filhas, em cujas veias corriam **sangue azul**, com simples descendentes de judeus espanhóis, que chegaram ao Brasil fugindo das fogueiras do "Santo Ofício" em terras da Espanha.

* * *

Pelos documentos atrás transcritos – Atas dos casamentos do Capitão-Mor Manuel José do Monte com Ana América e do Capitão Antônio Manuel do Monte com Francisca, falece a história da dupla fuga, que passa, assim, à categoria de lenda.

Além disso, os dois casamentos verificaram-se com a diferença de nove anos de um para o outro; assim, o casamento do Capitão-Mor Manuel José do Monte com Ana América realizou-se a 30 de novembro de 1769 e o Casamento do Capitão

Antônio Manuel do Monte com Francisca, se verificou a 21 de setembro de 1778.

Quanto a afirmativa de Jarbas Aragão de que a “família Monte nada mais é do que um ramo genealógico dos Holandas e dos Carrascos, e, por conseguinte, dos Ximenes de Aragão” – comete um engano injustificável.

A família Monte tem a sua origem direta e seus primeiros representantes – 5 irmãos procedentes da Espanha – judeus perseguidos pela fúria religiosa do “Santo Ofício” – chegaram no Brasil (Região do Baixo São Francisco) pelo ano de 1630.

No Ceará se instalaram, os Montes, primeiramente, no Vale do Rio Jaguaribe, como criadores de gado, trazendo como Patriarcas Francisco de Montes, Paulo de Montes, Pedro de Montes e João de Montes, no ano de 1682, e vieram como co-heréus da Data de Sesmaria concedida aos “Homens do São Francisco” – pelo então Governador da Bahia, Roque da Costa Barreto. Depois se instalaram em Sobral, Zona Norte do Ceará, pelo ano de 1737, quando ali chegou aquele que seria o Capitão-Mor Manuel José do Monte – o Patriarca da família em Sobral, onde duas vezes casou. O Capitão-Mor Manuel José do Monte, não tem nenhum parentesco consanguíneo com Holandas, Carrascos, e nem Ximenes de Aragão.

O Edifício da História, quando não tem bases em documentos escritos, não tem segurança...

* * *

O Capitão Antônio Manoel da Conceição, enviuvando, casa-se novamente, em 29 de setembro de 1779 com Francisca da Costa Araújo e Cosma Damiana do Espírito Santo.

Desse casamento nasceram: Manoel José do Monte (Araújo de sua mãe, segundo desse nome) (1790).

Luiza Ferreira do Monte.

Maria da Penha Araújo.

Manoel José do Monte (Araújo) casa-se com Ana Ferreira do Monte, filha do Major José Ferreira da Costa e Maria Quitéria do Espírito Santo.

Após o casamento do Capitão Antônio Manoel da Conceição, exatamente dois anos depois, também se casa em Sobral, com moça sobralense da família Linhares, o Ten. Cel. Manoel Ferreira da Costa, também filho do Capitão-Mor Manoel José do Monte com Da. Luíza da Costa Maciel (seu primeiro casamento) tal como se vê na **acta** que em seguida se transcreve:

“Casamento do Tenente Coronel Manoel Ferreira Costa

Aos 12 de setembro de 1780, de manhã, na fazenda Tapueirinha, desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral, casaram solenemente por palavras o Tenente Coronel Manoel Ferreira Costa, natural desta Freguesia, filho legítimo do Capitão-Mor Manoel José do Monte e sua primeira mulher Dona Luíza da Costa Maciel, de Jaguaribe, já falecida, com Dona Inês Madeira de Vasconcelos, filha legítima do Sargento-Mor Antônio Álvares Linhares, do Rio Grande do Norte e de sua mulher Dona Inês Madeira de Vasconcelos, de Goiana, logo lhes dei às bênçãos nupciais.

Testemunhas, Tenente Coronel Vicente Ferreira da Ponte e o Sargento-Mor Antônio Manoel da Conceição Monte.

Fiz este termo que assino.

Vigário João Ribeiro Pessoa.

No livro de casamento de 1769 a 1782, folha 239.”

* * *

No ano de 1801, exatamente aos 25 dias de janeiro de 1801, na Fazenda Jaibaras desta Freguesia de Sobral, casa-

-se Vicência Ferreira do Monte (segundo casamento) e de Ana América Uchôa, com o cidadão português José Gomes Coelho – natural da Freguesia de Nossa Senhora das Graças do Pinhal (Portugal):

“[...] com a presença do Reverendíssimo Fidelis de Paiva Ferreira, e da testemunha Capitão José Ferreira da Costa e o Alferes Felipe Ribeiro da Silva, ambos casados, se receberam em matrimônio José Gomes Coelho, filho legítimo de Pedro Gomes Coelho e sua mulher Dona Theresa Fernandes de Jesus com Vicência Ferreira do Monte, filha legítima do Capitão-Mor Manoel José do Monte e Dona Ana América Uchôa e logo lhes dei às bênçãos nupciais, conforme os Ritos e Cerimônias da Santa Igreja – Assinarão ambos este termo que assino.

Vigário Alexandre Bernardino de Oliveira dos Reis.

No livro de casamento de 1797 a 1803 – fls. 161”.

* * *

Em seguida ao casamento de Vicência, casa-se Francisca das Chagas Pessoa do Monte, filha legítima do Capitão-Mor Manoel José do Monte e Ana América Uchôa, com o cidadão José Mariano de Albuquerque Cavalcante, filho legítimo de Antônio Coelho de Albuquerque (Pernambuco) e D. Maria da Conceição do Bonfim. José Mariano Cavalcante de Albuquerque foi homem político de maior prestígio no seu tempo. Nomeado Governador do Ceará, em 29 de agosto de 1831, teve de combater a sublevação chefiado por Pinto Madeira, comandando, pessoalmente as forças legalistas.

Com o casamento de Vivência do Monte com José Gomes Coelho, surge o grande ramo dos Montes Coelho, muito numeroso em Sobral. É oportuno lembrar, que José Gomes Coelho, era médico-cirurgião.

A Câmara de Sobral (ano de 1791) recomendava aos municípios que, "nas suas necessidades e tratamentos recorressem ao Dr. José Gomes Coelho".

Também no assento de batismo do seu filho Francisco, lê-se "Francisco, filho do cirurgião José Gomes Coelho".

José Mariano de Albuquerque Cavalcante – Governador. Nasceu em 22 de maio de 1772 na fazenda "Pau-Caído", hoje Cidade de Sant'Ana, quando pertencia ao município de Sobral. São seus genitores: Antônio Coelho de Albuquerque, Pernambuco e D. Maria da Conceição do Bonfim, natural de Sobral.

Transportando-se para Pernambuco, onde vivia a família paterna, abraçou a carreira das Armas e como Tenente de Regimento tomou parte na Revolução de 1817, que se iniciou com a morte do Brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro.

Vencida a Revolução, foi José Mariano recolhido às prisões do Recife e remetido para a Bahia, pois, além de Revoltoso era acusado do assassinato do Brigadeiro Manoel Joaquim e condenado ao degredo perpétuo nos presídios da Ásia.

Remetido para Lisboa e depois perdoado, volta a Recife e aí com outros patriotas, concorreu para a deposição da Junta Governamental.

Proclamada a Independência do Brasil e convocada a Constituinte foi José Mariano um dos Deputados pelo Ceará.

Com a abdicação do primeiro Imperador, foi nomeado Presidente do Ceará, em 29 de agosto de 1831.

O seu Governo foi de lutas sucessivas.

Teve que enfrentar-se com Pinto Madeira e seus partidários, e dar-lhes combate em pessoa, em Missão Velha, Jardim, Sousa e Crato.

Conseguindo por fim, com auxílio do General Pedro Labatut a rendição dos revoltosos.

Em 1834 tomou assento na Câmara Temporária e depois de encerrada foi presidente das Províncias de Santa Catarina e Sergipe.

Casou-se duas vezes, sendo a primeira com D. Francisca das Chagas Pessoa do Monte, filha do Capitão-Mor de Sobral, Manoel José do Monte e D. Ana América Uchôa; e em segunda núpcias com D. Cândida Rosa de Albuquerque Cavalcante, filha de José de Barros Lima o "Leão Coroado".

Faleceu na Província do Rio de Janeiro, a 20 de agosto de 1844.

Carta do Dr. HELVÉCIO MONTE

À título de esclarecimento, transcrevemos na íntegra, a carta do Dr. Helvécio da Silva Monte:

"Rio, 26 de julho de 1931

Ilmo. Sr. Dr. Raimundo Girão,

Recebi e respondo com prazer sua carta, em que me pede informações sobre estudos genealógicos das famílias cearenses. Embora nulos meus recursos próprios a respeito, procurarei satisfazê-lo no que souber e puder. Do Sul do Estado devo a João Brígido, Antônio Bezerra, Lourenço Feitosa, Róseo Jamacaru, Belisário Alexandrino e outros, com quem convivi, o pouco que sei. Da outra parte do Estado, onde residi, tive um sogro – o Major Miguel do Monte e o Pe. Vicente Jorge de Sousa, como informantes honestos e competentes das coisas de seu tempo e transmissores leais das comunicações dos seus antepassados. Com o direito de crítica e sem presumir mal algum, posso dizer que o meu amigo João Brígido, muito vasado na história cearense, quando se tratava de pessoa, fazia também história por sua conta, e Antônio Bezerra, mais coerente e sem os conhecimentos daquele, foi em alguma de suas apreciações mais caprichoso do que imparcial, daí a dúvida de ter ou não existido

Geraldo Monte pelo fato simples de só figurar **Francisco Monte** nas requisições de Sesmarias pelo Sul – Jaguaribano. Não sei se os **Girões têm ligação com os Montes**, mas sei que quando instalados na Zona do Jaguaribe, cruzaram estes com várias famílias ali, entre elas os Pinheiros, que também residiam no Baixo São Francisco, não propriamente em Penedo, como diz João Brígido, mas em Brejo Grande. Os **Montes** propriamente de Penedo já são cearenses, emigrados para ali por ocasião da grande seca de 25, e foram eles meu avô **Manoel José do Monte** e meu pai **João José do Monte** na idade de 15 anos, sendo ele de 1810.

Os **Montes**, em número de cinco irmãos moços, dois homens e três mulheres, são de origem espanhola, emigrados dali órfãos, fugidos da Inquisição, em cujas fogueiras foram queimados seus pais por ordem de nossa Santa Igreja Católica, de quem perderam as graças na ocasião. Aportando no Baixo São Francisco, 3 – um homem e duas mulheres – seguiram para o território pernambucano e aí fizeram residência. Os dois outros ficaram onde aportaram e são estes que depois de anos se transportaram para o Ceará, levados por **Francisco Monte** que, fazendo parte de uma das bandeiras dos Torres, em que tinha as honras de Capitão-Mor, ao chegar nas terras cearenses, embelezou-se tanto com as margens do Jaguaribe, que dali voltou para trazer do Baixo São Francisco, todos os seus da família, com todos os seus gados e rebanhos, resolução que realizou, sendo assim, muito natural, que se constituísse o chefe de toda família e com a posição social daqueles tempos fora ele o mais competente e mais conhecido para obter as terras do governo por ele requisitadas. Como deve saber, partiu a luta entre eles e **Feitosas** por terem os **Montes** requisitado Sesmarias pedidas por **Feitosas**, negada por Antônio Bezerra, era ela tão bem fundamentada por João Brígido e testemunhada por outro, que formei a convicção de **Geraldo** e **Isabel** os dois dos cinco irmãos que ficaram no Baixo São Francisco, sendo **Francisco Monte** e outros descendentes de **Geraldo**. Era muito natural que **Geral-**

do, na lista fatídica do "Santo Ofício", se fizesse pouco visto em tudo, evitando assim extradição, para as fogueiras madrilenas, que qualquer denúncia como sucedeu a Branca Dias na Paraíba, que por denúncia de dois Jesuítas, ambiciosos de seus haveres rurais, a extraditaram, indo a pobre moça, reduzida a cinzas, pagar culpas que não tinha.

Dos 3 **Montes** que procuraram as terras pernambucanas só sobressaiu o Pe. **Manoel Monte de Araújo**, que foi Bispo do Rio de Janeiro, Capelão-Mor da Família Imperial e Conde condecorado com o título de Conde de Irajá. Terminados os julgamentos judiciais dos **Montes** e **Feitosas**, foram os **Montes** absolvidos e condenados os **Feitosas**, arruinados uns e outros em suas fortunas e sendo vítimas desaparecidas a maior parte de seus representantes. Ficando as mulheres em grande número, foram elas se aliando a outras famílias daqueles tempos, que bem pode ter sido os Machados, Fernandes Vieira etc., e como elas se casando trocam os seus sobrenomes pelos dos maridos, é difícil apurar-se, no futuro e com verdade estrita, suas genealogias, sobretudo naquelas épocas quase coloniais em atraso de comunicações e publicações.

De entre os **Montes** que restaram das lutas sangrentas no Jaguaribe há o Capitão-Mor **Manoel José do Monte**, que passou a residir em Sobral. Ali casou-se ele com moça da família **Ferreira Gomes**, enviuvando anos depois, tendo filhos maiores entre os quais **Ana do Monte**, casada com um **Ferreira Gomes**, de cujo casal provém **Manoel José do Monte**, neto do Capitão-Mor. Deste é de quem descendem todos os **Montes** atuais. O Capitão-Mor, casando-se em segunda núpcia com Ana América, filha do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa, não teve filhos **Montes**. As filhas casaram-se umas com parentes Ferreira Gomes, uma com Felipe Ribeiro, que foram os pais do Cel. Joaquim Ribeiro da Silva, grande família habitante no Jaibara e Sobral. Foi com uma filha do Cel. Joaquim Ribeiro, em segundas núpcias, que se casou o Comendador José Moreira da Rocha, da família Furtado de Mendonça, pelo lado materno e

de cujo casal proveio o Desembargador Moreira da Rocha e Dr. Leopoldo e Jorge.

Outra filha do Capitão-Mor casou-se com o pernambucano Carneiro da Cunha, de quem provém a estirpe do Dr. José Mariano Carneiro da Cunha.

Do Pe. **Francisco Monte**, filho do primeiro consórcio do Capitão-Mor casado com a filha única de Ana América procedem os **Montes Coelho**, o Padre **Filomeno Monte**, Antônio e João Lira Pessoa. Os **Montes** do Ceará tiveram duas épocas bem distintas de vida pessoal e social. A primeira época decorre de sua instalação no Jaguaribe até as lutas com os **Feitosas**. A segunda, iniciada por **Manoel José do Monte**, em Sobral, só teve esta ponte que a liga ao passado; o mais desapareceu do conjunto da nova organização. Só por lá, pelos livros das Freguesias do Vale do Jaguaribe, é que poderá encontrar os detalhes históricos de toda a primeira época. Fico às suas ordens no mais que de mim precisar. Os cearenses, em geral, têm direito a todas as minhas atenções, bastando-me como apresentação – o ser cearense. Pouco enxergando e com cataratas, disponho hoje de quem se aproxima, pela idade, dos 91 anos, já não posso rever e corrigir o que escrevo, devendo por isto irem notas com irregularidades da escrita, do que peço desculpas. Saudações.

Antº Amº e Obrº

Helvécio Monte."

* * *

Pelo que se vê através de documentos hábeis e inconteste, foi com o Capitão-Mor Manoel José do Monte e seus filhos do primeiro e segundo matrimônios, que surgiu em Sobral um forte núcleo da família Monte, que logo se estendeu para Alagoas e Sergipe, e para a cidade de Fortaleza – Capital do Ceará, e bem assim para Meruoca, Serra da Ibiapaba (os Montes e Silva) etc.

Também com eles se iniciou o aparentamento dos Montes com as famílias que descendem das "**Sete Irmãs**" pelos casamentos do próprio Capitão-Mor **Manoel José do Monte** – com **Ana América** e do Cel. **Antônio Manuel do Monte** com **Francisca Xavier Mendonça Uchôa** (esta irmã de Ana América), ambas pertencentes às "**Sete Irmãs**" Vaz de Carrasco.

Pelo casamento de Ana Maria do Monte (também Ana do Monte) com Domingos Ferreira Gomes, surge o primeiro laço de parentesco entre Montes e Ferreira Gomes.

As duas transcrições atrás feitas – Notas de Soares Bulcão e a Carta de Dr. Helvécio Monte – bem dizem sobre o Capitão-Mor Manoel José do Monte, que foi, na verdade, o traço de união entre os Montes e as muitas outras famílias do Norte do Ceará, através do seu casamento com Ana América, filha do Capitão-Mor José de Xerez Fuma Uchôa e de Dona Rosa de Sá e Oliveira, uma das "**Sete Irmãs**" – Vaz de Carrasco.

Do seu casamento com Ana América, nasceram 4 filhos: José Ferreira da Costa, Maria Bernardina, Vicência e Francisca.

D. Maria Bernardina do Monte (segunda filha do Capitão-Mor Manoel José do Monte, com D. Ana América) casou com Felipe Ribeiro da Silva, e desse consórcio nasceu, entre outros filhos, o bravo e destemido Cel. Joaquim Ribeiro da Silva, notável na história de Sobral, Comandante Superior da Guarda Nacional, com participação nas lutas pela Independência do Brasil, e posteriormente, em 1839, enfrentando e derrotando os sediosos "Balaios" (também Bentivis), que partindo do Maranhão procuravam invadir o Ceará.

Foram os "Balaios" derrotados por Joaquim Ribeiro no lugar "Bebedouro", extremas do Piauí com o Ceará, no sopé da Serra da Ibiapaba.

Foi Joaquim Ribeiro um homem político de grande destaque no seu tempo, na terra sobralense.

Dotado de grande bravura e de grande coragem pessoal, dominou a política de Sobral por longos anos, estribando numa moral perfeita e num grande caráter.

Casou no ano de 1825 com D. Hermelina da Silva, filha do Cel. Diogo Gomes Parente, deixando vasta descendência.

Era, assim, Joaquim Ribeiro, um homem que tinha no seu patrimônio genético – o sangue do Capitão-Mor Manoel José do Monte.

.....

No museu de Sobral, existia uma bonita tela à óleo – Retrato de corpo inteiro do Cel. Joaquim Ribeiro da Silva – tamanho natural – envergando o fardão de gala de Comandante Superior da Guarda Nacional. A tela mede 2.50m de altura por 1.30 m de largura. É de autoria do pintor holandês Bindsay – autor, também, da grande tela "Assunção de Nossa Senhora", na Capela-Mor da Igreja Matriz de Sobral, e pintada em 1858.

* * *

A carta do Dr. Helvécio Monte, embora contendo alguns enganos, perdoáveis, aliás, esclarece, de maneira incontestável, o seguinte:

1º) No Nordeste a origem dos Montes é uma só – e provém dos 5 irmãos judeus espanhóis que fugindo da perseguição do "Santo Ofício", se estabeleceram – no Baixo São Francisco e em Recife (Pernambuco).

2º) No Ceará – os Montes têm a mesma origem acima citada e mais, todos os seus vastos ramos Montes, Montes e Silva, Monte Coelho, Monte Rocha, Almeida Monte, Montes Pereira (Jaguaribe), formam uma única e grande família como fruto da grande árvore genealógica plantada pelos cinco jovens irmãos

Montes e cuja semente foi levada para as terras sobralenses pelo Capitão-Mor Manoel José do Monte.

Também pela leitura da carta do Dr. Helvécio Monte, sabe-se que os primeiros Montes que chegaram no Ceará, entregaram-se à criação de gado, o que está de acordo com o que afirma Raymundo Girão, às fls. 8 do seu livro já citado ("Montes, Machados, Girões"), onde diz:

"Sabe-se que da segunda dessas Sesmarias – a chamada 'Data dos Homens do Rio São Francisco', na ribeira do Icó, concedida em 24 de janeiro de 1862, pelo Governador da Bahia, Roque da Costa Barreto, a 40 coheréus, participaram vários Montes: João de Montes, Paulo de Montes e Pedro de Montes."

O Dr. Helvécio alude a que os Montes vieram da Bahia para o Ceará, agregados a "uma bandeira dos Torres". Essa "bandeira", foi a última realizada pelo quarto Senhor da Torre da linhagem direta de Francisco de Garcia Dávila.

* * *

O historiador Pedro Calmon, no seu notável livro "História da Casa do Torre", às fls. 100 refere-se a essa bandeira como tendo ocorrido no ano de 1688.

Jarbas Aragão, no seu já citado livro "Os Ximenes de Aragão na Comarca de Sobral" – aliás, magnífico e rico trabalho sobre a genealogia das gentes da Ribeira do Acaraú, não tem razão quando diz, às fls. 104, que os: "[...] **Montes** da Ribeira do Acaraú não tem parentesco com os **Montes** da Ribeira do Jaguaribe que, inimigos fidalgais dos **Feitosas**, por questões de terras, se guerrearam até o extermínio mútuo, por volta do ano de 1720."

F) ISABEL MARIA DA CONCEIÇÃO

Isabel Maria da Conceição, está na ascendência dos Montes no Ceará. Dela se diz que era moça bonita e inteligente como seu pai: uma moça de cabelos alourados, de gênio forte, e algo

estouvada, tendo nas suas veias, a correr, o sangue quente de Furna Uchôa...

Isabel era o fruto dos doces e fortuitos amores do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa com a bela e jovem viúva, Da. Joana Cerqueira de Souza, residente em Acaraú.

Isabel arrastava assim consigo, o pecado (!) de não ser filha de casamento...

Filha de Furna Uchôa, Isabel, na verdade não teve a sua paternidade indicada no livro de assento de batismos, porque com isto Furna Uchôa não concordou. Joana de Souza, num gesto piedoso e maternal, desejosa de certo, de minorar a sua falta, deu à sua filha uma proteção mais alta, divina e celeste, tomando-lhe como madrinha na pia batismal a gloriosa Virgem da Conceição, Excelsa Padroeira da terra sobralense. Daí o seu nome para o mundo: Isabel Maria da Conceição. Não sabemos como foi vivida a sua infância e, certamente, não foi fagueira a sua juventude. Na sua mocidade, amou e foi amada. Mas a fada benfazeja da felicidade foi parcimoniosa para com ela, na distribuição dos favores que concede às jovens casadouras...

Cumprindo o destino mais alto das mulheres, ela foi mãe. E seus filhos, como ela, também não foram filhos de casamento. Todavia, no assento do batismo, já tiveram paternidade certa e registrada.

Foi mãe amorosa e querida de seus filhos.

Isabel Maria da Conceição era sogra e avó de D. Amélia Rosemunda de Almeida Monte: era sogra porque D. Amélia casou com o seu filho Francisco José de Almeida (posteriormente o Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte), e era avó porque D. Amélia era filha de João José do Monte, também filho de Isabel: Francisco José de Almeida e João José do Monte eram irmãos maternos, ambos filhos de Isabel.

Isabel X Manoel José do Monte

João José do Monte (filho)

AMÉLIA ROSEMUNDA DO MONTE (neta)

Isabel x Joaquim José de Almeida

FRANCISCO José DE ALMEIDA (filho)

Falecendo, foi sepultada no Cemitério São José, entre Montes e Almeidas, na cidade de Sobral. Seu filho, o já abastado e generoso Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, fez escrever na sua sepultura: "Aqui repousa Isabel Maria da Conceição MONTE".

O Jornal "O SOBRALENSE" n.º 20, do dia 20 de maio de 1877, noticia:

D. ISABEL MARIA DA CONCEIÇÃO

DATA NASCIMENTO: 1783

DATA MORTE: 1877

PASSAMENTO DEU-SE AO CRIADOR NO DIA 16 DE MAIO DE 1877. A SRA. Ma. ISABEL DA CONCEIÇÃO NA AVANÇADA IDADE DE 94 ANOS.

Era uma das pessoas mais velhas desta cidade.

Editor: José Ferreira Lemos

Os originais deste jornal encontram-se no Arquivo da Biblioteca da Universidade do Vale do Acaraú (UVA) em Sobral.

Manoel José do Monte, segundo do nome, neto do Capitão-Mor Manoel José do Monte em união extra-conjugal com Isabel Maria da Conceição teve um filho de nome João José do Monte, nascido em 1810, em Sobral.

Em 1825, por ocasião de grande seca no Ceará, João José do Monte aos 15 anos, viajou para Alagoas, onde já existiam parentes seus.

Ai fixando residência, João José do Monte três vezes casou-se, sendo que duas vezes fez casamento na família Travassos, com duas irmãs, D. Rosa Travassos e D. Maria Travassos deixando ali uma descendência destacada pela inteligência e pela cultura.

Eram seus filhos: D. AMÉLIA ROSEMUNDA DO MONTE, casada com seu tio Francisco José de Almeida; DR. HELVÉCIO DA SILVA MONTE, casado com sua prima Ernestina do Monte; D. AGRIPINA DO MONTE, casada com Joaquim José de Almeida; DR. JOÃO JOSÉ DO MONTE FILHO, Advogado no Rio de Janeiro, casado com D. Ursulina Queima, do Rio Grande do Sul; Pe. URBANO DO MONTE; FENELON DO MONTE, solteiro; ISABEL DO MONTE, solteira; MARIA BERNARDA DO MONTE, casada com seu primo José Clementino do Monte; FRANCISCA, casada com Dr. José Hanequim, do Rio de Janeiro; MARIA (Marocas), casada com Lauro Bransford do Rio de Janeiro.

Sua descendência foi numerosa, além de ilustre e reside em grande parte no Rio de Janeiro.

João José do Monte foi comerciante destacado no seu tempo em Alagoas. Foi o primeiro concessionário para fazer a exploração industrial da Cachoeira de Paulo Afonso no Rio São Francisco.

Não executando o projeto por ter sido surpreendido pela morte. Cabendo a Delmiro Gouveia, outro cearense, a glória de

ter sido o pioneiro da exploração industrial da referida queda d'água.

Ainda uma notícia sobre o Capitão-Mor Manoel José do Monte

No dia 14 de novembro de 1772, a povoação de Caiçara (nome primitivo de Sobral), foi elevada à categoria de Vila, dentro do "espírito da Ordem Régia de 22 de julho de 1770", com o nome de **"Vila Distinta e Real de Sobral"**. Todavia, a inauguração do seu Pelourinho Público somente se deu no dia 5 de julho de 1773, com a presença do Corregedor da Comarca do Ceará – Dr. João da Costa Carneiro e Sá, representando no ato, o Governador de Pernambuco.

Findo o ato solene da inauguração, logo em seguida, procedeu à eleição para os cargos de Juízes Ordinários (2); Vereadores (2); para o cargo de Procurador (1); para Juiz de Órfãos (1).

Aberto o "pelouro", verificaram-se eleitos: para Juízes Ordinários: Capitão-Mor Manoel José do Monte e Sargento-Mor Sebastião de Albuquerque Melo. Para Vereadores: Capitão Vicente Ferreira da Ponte e Capitão Manuel Coelho Ferreira; para Procurador, Antônio Furtado dos Santos; e para Juiz de Órfãos, Grigório Pires Chaves.

Nesse mesmo dia – 5 de julho de 1773, foi lavrado o ato de posse dos eleitos em sessão solene sob a presidência do Dr. João da Costa Carneiro e Sá, escrito pelo Escrivão do seu cargo, Bernardo Gomes Pessoa, os quais assinaram o referido ato juntamente com os eleitos, as primeiras autoridades da terra sobralense, que em nome do povo, exerciam mandatos eletivos na "Vila" recém-criada e inaugurada naquele dia – 5 de julho de 1773.

Pelo visto, Manoel José do Monte, era *persona grata* e prestigiosa na comunidade da povoação de Caiçara...

O Capitão-Mor Manoel José do Monte, tudo indica, foi um forte, um formador de linhagem, uma figura exponencial na sociedade rústica e agressiva dentro do qual viveu. Os seus contemporâneos o respeitavam e nele confiavam, tanto que lhe deram pelo voto, posto de comando, confiança e julgamento. Honrou, portanto, os seus antepassados. E, por isso mesmo, a sua memória deve merecer dos seus descendentes, dos seus pôsteres – consideração e respeito devido aos fortes, aos corajosos, aos que souberam enfrentar a vida em luta franca, sem sombras de covardia, sem subterfúgios, sem escudos e sem brasões...

O Capitão-Mor Manoel José do Monte, faleceu em Sobral, no dia 27 de abril de 1778, portanto, com 41 anos de idade, estando sepultado no Cemitério São José em Sobral.

Aí está em linhas gerais, rápidas, a nossa participação, nosso entrosamento, o nosso parentesco nesse intrincado mosaico genealógico em terras do Nordeste, em terras do Ceará e, portanto, em terras de Sobral. Este parentesco, embora algumas vezes longínquas no sangue e não aproximado por uma amizade mais estreita, nós guardamos com estima, consideração e respeito a um punhado de bravos, que, enfrentando, naquele passado já remoto, uma natureza bárbara e hostil, lutando contra dificuldades e imprevistos surgidos a cada passo dado. Lançavam-se pelo sertão a dentro em verdadeiras aventuras – entre amores e tragédias, entre rios e lágrimas, entre prazeres e dores, decididos, corajosos, intrépidos, valentes, vivendo na lei do mais forte, entre rosários e bacamartes, escrevendo a nossa história, criando a nossa economia e derramando, não raramente, nessa luta cruenta em favor das gerações futuras, "sangue, suor e lágrimas".

Nós não temos o direito de recriminar os nossos antepassados pelos possíveis excessos, que, porventura, tenham cometido. Nós não temos razões para deles nos envergonharmos.

Usufrutuários que somos das lutas e canseiras que tiveram; dos amores e tragédias que viveram; das alegrias que cantaram e das tristezas que choraram, nós lhe rendemos, aqui, a nossa gratidão, por tudo aquilo que por nós fizeram.

Encerramos este capítulo, prestando aos nossos antepassados sertanejos, uma homenagem transcrevendo, a seguir, data venia, um magnífico período do que escreveu o grande Câmara Cascudo, ao prefaciar a primeira edição do livro "Os Linhares", de autoria de Mário Linhares.

"[...] Naquelas rijas mãos de guerreiros e caçadores, vaqueiros e plantadores, amassava-se o barro de onde saiu o nordestino."

CENTENÁRIO DE MR. JOHN SANFORD

No dia do centenário do nascimento de Mr. John Roshore Sanford, o Jornal "CORREIO DO CEARÁ", publicou a seguinte notícia sobre a transcorrência de efeméride:

"A família Sanford comemora, hoje, o centenário de nascimento de seu inesquecível chefe, Mr. JOHN SANFORD.

Transcorre, na data de hoje, o centenário de nascimento de Mr. John Roshore Sanford, que, pelo casamento e contribuição que prestou ao nosso desenvolvimento econômico, integrou-se na comunidade cearense. Deixando numerosa e ilustre descendência.

Nascido nos Estados Unidos (Nova Iorque) a 12 de março de 1864 e oriundo de família ali radicada desde o começo do século XVIII, veio para o Brasil no ano da Proclamação da República, aqui chegando a 12 de setembro do mesmo ano, como representante da firma Keen Sutterly Co., proprietária de um grande curtume em Filadélfia, naquele país. Inicialmente, estabeleceu-se em Recife, onde foi um dos seus colaboradores, o depois notável cearense Delmiro Gouveia. Dois anos depois, tendo verificado que as fontes de produção do Ceará relacionadas com a sua indústria ofereciam maiores possibilidades, transferiu seu escritório para Fortaleza, com o que criou um mercado exportador das peles produzidas no centro e norte do Estado que se encaminhavam, até então, para a praça da capital de Pernambuco. Posteriormente, atendendo às necessidades exigidas com o desenvolvimento de seus negócios, abriu, em Sobral, uma agência de compra para atrair as peles originárias da região oriental do Piauí, as quais procuravam, igualmente, o mercado de Pernambuco. Vale salientar, na oportunidade, a ajuda desinteressada e amiga que lhe prestou, quando de sua chegada a esta cidade, o Cel. Ernesto Deocleciano de Albuquerque com cuja família manteve, por toda a vida, as melhores relações de amizade.

Em 1893, consorciou-se em Sobral com Da. Minerva de Almeida Monte, de tradicional família cearense, também falecida, e com quem permaneceu casado por mais de 65 anos. Algum tempo mais tarde, afastando-se dos negócios de exportação, fixou-se definitivamente naquela cidade para se dedicar a atividades rurais. Com essa finalidade, adquiriu fazenda de criação e uma propriedade agrícola na Serra da Meruoca ("Sítio Monte"), na qual instalou maquinaria para produzir açúcar turbinado, indústria da qual foi pioneiro no Ceará, desenvolvendo, simultaneamente, a cultura do café.

Com sua personalidade marcante e tendo pautado sua vida dentro de um padrão de honestidade ímpar, soube impor aos seus um acentuado sentimento de amizade recíproca, o que muito bem caracteriza os Sanford. Na concretização de seus ideais nunca, em nenhum momento, lhe faltou a compreensão e a ajuda de sua companheira de tantos e tão felizes anos, Da. Minerva.

Os seus descendentes, em número superior a cem entre filhos, netos e bisnetos, atuam nos mais diversos setores de atividades, desde as classes produtoras à administração pública, nas profissões liberais, na política e Forças Armadas, inclusive. São seus filhos: Carlos, Paulo, Eduardo, Francisco e Humberto de Almeida Sanford, e as senhoras Amélia Sanford Fontenele, Susy Sanford Barros, Minerva Sanford Lima, Maria Sanford Paracampas, e Beatriz Sanford Frota.

Dos seus irmãos, todos norte-americanos, encontra-se entre nós a senhora Lavínia Sanford LeBaron, hospedada em casa de suas sobrinhas.

Aos 97 anos de idade, faleceu a 1º de novembro de 1961, em Sobral onde, pela sua índole acolhedora, tornou-se, desde logo, uma das figuras expressivas da sociedade e em cujo meio foi largamente estimado.

Em homenagem à memória de seu digno antepassado, os membros da família residentes nesta cidade, fizeram celebrar uma missa, na manhã de hoje, na Igreja das Irmãs Missionárias.

O mesmo Jornal "CORREIO DO CEARÁ" de 12.3.61, na sua primeira página, publicando o retrato, o faz com a seguinte legenda:

"PIONEIRO"

"Mr. John Roshore Sanford (foto) norte-americano que chegou ao Brasil no ano da Proclamação da República, colaborou com Delmiro Gouveia e acabou transferindo-se para Sobral, onde tornou-se pioneiro da indústria do açúcar no Ceará, falecendo no ano de 1961, com 97 anos. Hoje a família Sanford comemora o centenário de seu nascimento."

Ao lado, em manchete, assim escreve:

"Hoje centenário de um pioneiro"

"Mr. John Roshore Sanford foi colaborador de Delmiro Gouveia e instalou em Sobral (Meruoca) a primeira fábrica de açúcar do Ceará."

E continua, assim, o jornal na sua notícia:

"Comemora-se hoje, o centenário de John Roshore Sanford, norte-americano de Nova Iorque que chegou ao Brasil em 1889, com 25 anos de idade, representando uma firma de Filadélfia. Tornou-se colaborador de Delmiro Gouveia e acabou radicado em Sobral, transformando-se em pioneiro da indústria de açúcar em nosso Estado, instalando maquinaria para produzir açúcar turbinado no "Sítio Monte" na Serra da Meruoca. Em

1893, após transferir os negócios de sua firma "Keen Sutterly Co.", de Recife para Fortaleza, e posteriormente, Sobral. Casou-se na "**Princesa do Norte**" com a Sra. Minervina de Almeida Monte, de tradicional família cearense, com quem viveu 65 anos. Falecendo em 1º de novembro de 1961, aos 97 anos, John Roshore Sanford deixou pelo menos 100 descendentes, sendo seus netos os Deputados Marcelo Sanford de Barros e Haroldo Sanford. Esta manhã a família Sanford mandou rezar missa na Igreja das Irmãs Missionárias em memória do seu antepassado. O ato foi assistido pela Sra. Lavinia Sanford LeBaron, irmã do John Sanford."

CORREIO DO CEARÁ

ORGÃO DOS "DIÁRIOS ASSOCIADOS"

ANO XLVH — Fortaleza — Quinta-Feira, 12 de Março de 1964 — N. 15.925



PIONEIRO

Mr. John Roshore Sanford (foto) norte-americano que chegou ao Brasil no ano de Proclamação da República, colaborou com Delmiro Gouveia e acabou transferindo-se para Sobral, onde tornou-se pioneiro da indústria de açúcar, falecendo em 1961 com 97 anos. Hoje a família Sanford comemora o centenário do seu nascimento.

← HOJE CENTENARIO DE UM PIONEIRO

MR. JOHN SANFORD FOI COLABORADOR DE DELMIRO GOUVEIA E INSTALOU EM SOBRAL A PRIMEIRA FABRICA DE AÇÚCAR DO CEARÁ

Comemora-se hoje o centenário de John Roshore Sanford, norte-americano de Nova Iorque que chegou ao Brasil em 1889 com 25 anos, representando uma firma de Filadélfia. Tornou-se colaborador de Delmiro Gouveia e acabou radicado em Sobral, transformando-se em pioneiro da indústria de açúcar em nosso Estado, instalando maquinaria para produzir açúcar (achado no Sítio Monte da Serra da Merquice). Em 1893, após transferir os negócios de sua firma (Keen Sutterly Co.) e Recife, para Fortaleza e posteriormente Sobral, casou-se na "Princesa do Norte" com a Sra. Minervina de Almeida Monte, da tradicional família cearense, com quem viveu 65 anos. Falecendo em 1º de novembro de 1961, aos 97 anos, John Roshore Sanford deixou pelo menos 100 descendentes, sendo seus netos os deputados Marcelo e Haroldo Sanford. Esta manhã a família Sanford mandou rezar missa na Igreja das Irmãs Missionárias em memória do seu antepassado. O ato foi assistido pela Sra. Lavinia Sanford LeBaron, irmã de John Sanford. (Leia na 3ª página)

UMA HOMENAGEM ÀS GERAÇÕES VINDOURAS

Pelo que está escrito e contado nas páginas deste modesto trabalho, nós os filhos do casal **John Sanford – Da. Minervina de Almeida Monte**, encontramos as razões por que queremos e amamos a terra sobralense, nós encontramos as razões fortes porque queremos e amamos a linda “Serra da Meruoca” com todos os seus encantamentos e belezas; nós encontramos as justas e poderosas razões porque queremos, amamos e continuamos a cultivar as terras do velho e querido “Sítio Monte”, onde já viveram duas gerações da nossa família, cultivando-as com alma, com amor, carinhosamente.

Há mais de um século, já nos pertence o “estabelecimento agrícola”, que foi fundado pelo Ten. Cel. Francisco de Almeida Monte, no ano de 1860, ainda hoje mantida intocável nos seus limites territoriais e mantendo vivo o seu propósito de fazer a terra produzir, gerando fartura e abundância em favor de uma coletividade humana, a que também pertencemos.

O “Sítio Monte” já constitui para nós uma tradição. Tradição de trabalho honesto, honrado, produtivo e dignificante, que temos obrigação de continuar e defender.

A defesa dessa tradição, devemos fazê-la a todo custo, pois que ela representa para nós uma página honrosa e bem escrita na história da nossa família.

E com o nosso pensamento voltado para aqueles que nos precederam na posse do “Sítio Monte” e que o fizeram próspero e opulento e que já morreram, pedimos aos nossos descendentes, às nossas gerações sucessivas e que hão de vir, que também as amem, que também as queiram e defendam, que também as cultivem com alma, com amor, carinhosamente.

Neste despretenhoso trabalho nosso, prestamos uma homenagem aos nossos avós e aos nossos pais, pelo bem que nos fizeram, prometendo-lhes que conservaremos íntegro, dentro da família, o patrimônio que eles tanto amaram e nos legaram; prometendo-lhes, que as suas memórias, nesta terra, serão para nós sempre amáveis e bem louvadas.

FINALIZANDO

Ao escrever estas "notas", não me animou nenhum sentimento de vaidade, pois que as histórias simples que aqui eu narro, para tanto, espaço não tem.

Eu quis somente, que no anonimato não ficasse, os trabalhos de dois homens que no silêncio do nosso agreste meio rural; que lá na "solitária paz de uma rústica fazenda" encravada no ponto mais alto da matuta e linda "Serra da Meruoca", trabalharam a terra lavrando-a, fazendo-a produzir, nela promovendo a multiplicação maravilhosa das sementes, criando abundância e fartura, através de um trabalho honesto, nobilitante, durante um espaço maior de um século.

Eu quis, apenas, que não ficasse esquecida e que nem escondida ficasse nas dobras do tempo, a história modesta de um capítulo da agroindústria na Serra da Meruoca, escrita que foi por um norte-americano que, por sua livre vontade – possuindo família, possuindo inteligência, possuindo haveres e possuindo mocidade, trocou o seu viver em uma das maiores e mais civilizadas cidades do mundo – a cidade de Nova Iorque – pelo viver na modesta e pequenina cidade de Sobral, em obediência aos imperativos do coração e do amor.

Eu quis somente, que escrito ficasse para conhecimento dos pósteros, não caindo no ouvido, o porquê do aparecimento aqui no Ceará, em terras de Sobral, de uma família metade norte-americana e metade cearense, que se amoldou ao meio caboclo, amando-o e querendo-o como todo cearense ama e quer a sua terra.

Eu quis, apenas, desde logo advogar para nós, Sanford, de maneira incontestável, o direito à pousada em um dos ramos da grande árvore genealógica que Geraldo do Monte e seus irmãos fugindo às ignominiosas perseguições do "Santo Ofício" em terras da Espanha, enfrentando os perigos de uma traves-

sia marítima longa e penosa, plantaram em terras do Nordeste do Brasil há mais de dois séculos passados e que, ainda agora, frondosa, virente, estende as suas longas ramagens por outros Estados do nosso grande País – pelo Centro, pelo Norte, pelo Sul – florindo e frutificando.

Eu quis, apenas, que apontado ficasse o caminho que nos conduziu à participação ao parentesco consanguíneo, nos seus múltiplos graus, com as inúmeras famílias que habitam as terras do Ceará e do Nordeste, que povoam estes sertões há três séculos, quase, e que deles foram “bandeirantes natos”.

E nisso procurei ser sincero e claro, sem mesmo ter a preocupação de, ao fazer-lhe a narrativa, jogar sobre a verdade crua dos fatos o disfarce da linguagem...

“[...] sem a necessidade de jogar sobre a nudez crua da verdade o manto diáfano da fantasia.” (Eça de Queiroz).

“[...] o esquecimento onde colocamos os assuntos genealógicos, vem do falso pudor, da modéstia artificial dos insinceros.” (Câmara Cascudo).

É possível que eu tenha cometido equívocos, enganos e erros. A verdade, porém, é que trabalhei com amor e sinceramente, procurando ser verdadeiro em tudo que foi dito.

Se falei em ancestralidade remota de lá e de cá, não o fiz aludindo a uma genealogia presa a fidalguias e nobrezas de sangue, pois que linhagem fidalga não temos.

A nobreza que defendo para nós, é que descendemos de homens que amaram a liberdade acima de tudo, e que, para gozá-la, enfrentaram pesados e longos sacrifícios. A nobreza que defendo para nós, é que descendemos de homens que fizeram do trabalho a principal razão de ser da sua existência, com a preocupação de dar aos seus descendentes, um “exemplo a seguir na vida”, fazendo-a humana, útil e proveitosa a si mesmos e aos seus semelhantes.

Além disso, sempre tive pelos meus parentes uma grande admiração e um grande respeito. A todos eu empresto a solidariedade quente do sangue: suas alegrias me trazem alegria; suas tristezas são tristezas para mim. Não importa que o grau de parentesco seja mais próximo ou mais afastado; todos eles merecem de mim consideração e amizade. Para todos eles, mortos ou vivos que sejam, eu tenho um pensamento bom, uma lembrança amável, repassada de gratidão e de saudades. Sem eles eu não teria participado da vida sobre a Terra, o mais belo dos Planetas no Universo; sem eles, eu não teria desfrutado as lindas coisas desta vida, com seus aspectos grandiosos que a Deusa Natureza nos oferece a cada instante; eu não veria o raiar do Sol no amanhecer de cada dia, com as suas lindas alvoradas; eu não teria sentido na minha alma a grandeza das noites silenciosas, iluminadas de luares e de estrelas; eu não teria ouvido o gemido dos ventos percorrendo o descampado dos sertões e as gargantas das serras, retorcendo a mataria secular; eu não conheceria a grandiosa e comovente cantiga das águas correntes, nos saltos arrojados das cachoeiras; eu não teria, jamais, visto o relâmpago iluminando o firmamento, ao escrever e desenhar nos céus, com traços de fogo, mensagens de esperança para as terras e para as gentes do Ceará; eu jamais teria ouvido, encantado, a lindeza do ribombar do trovão, avisando ao cearense que a chuva já vem perto – “em ali atrás da serra”; jamais teria eu, deslumbrado, estendido os olhos sobre a planura majestosa dos mares; sem eles, sem os meus parentes, sem a minha família, eu não teria esposa, eu não teria filhos, eu não teria irmãos...

Por tudo isso, pois, eu tenho pelos meus parentes, pela minha família, um grande respeito, uma grande admiração. E entendo estes sentimentos a todos quantos a ela se agregarem, pois que dela participam.

Foi assim, sempre com esse pensamento me acompanhando no dia-a-dia de minha vida, que resolvi escrever qualquer coisa, por modesta que fosse, para levar às gerações vindouras um retrato, tão fiel quanto me fosse possível fazê-lo, dos nossos

mais velhos, dos nossos antepassados, dizendo o que foram e o que por nós fizeram e o que nos legaram na sua passagem sobre a Terra. Aí, está, pois, o que escrevi nestas notas ou memórias, sobre meus pais, sobre meus avós, sobre meus parentes, que a mim se anteciparam no passeio transitório por estas lindas paragens terrenas, onde, se bem atentarmos, a sua memória estará sempre presente.

Segundo as leis naturais que regem as heranças biológicas dos seres, eu tenho em mim, no meu patrimônio genético, um pouco de cada parente meu consanguíneo, mesmo que ele tenha desaparecido do mundo dos vivos há séculos passados. De qualquer forma, embora ao máximo diluídos, eles estão em mim, vivem em mim, moram em mim e cantam e choram comigo. É que os filhos são, incontestavelmente, o prolongamento dos pais...

No ano 2000, Geraldo do Monte, poderá surgir entre os Montes, de trabuco na mão, com outro nome qualquer, que não seja Geraldo, mas contanto que seja Monte.

Também John Roshore o de "natureza amena e amável e temperamento brando e afável", poderá surgir entre os Sanford, com outro nome que não seja John, mas que seja Roshore...

Este livro é, pois, um livro de família. Portanto, aos meus filhos, à minha esposa, aos meus irmãos, aos meus cunhados, aos meus sobrinhos e netos; aos meus parentes; à memória dos meus antepassados todos, eu o ofereço com muito amor humano, respeito, elevada estima, consideração profunda e sincera saudade.

FONTES DE INFORMAÇÕES

Para escrevermos o presente trabalho com segurança e precisão, recorreremos, consultamos e citamos:

1. A antigos documentos que dizem respeito a nossa família, no Ceará e em Nova Iorque. (Certidões de Nascimento e de Batismo; Certidões de Casamento; Passaportes; Diários de Viagens; Diários de Família). Notas particulares, escritas e guardadas pelos nossos mais velhos; notícias recortadas de jornais, algumas que datam de mais de cem anos; livros de assentamentos, notas etc., referentes ao funcionamento do "Sítio Monte" etc.
2. Informações pessoais de parentes mais esclarecidos do que nós sobre o nosso passado. (E aqui deixamos, os nossos agradecimentos, à Da. Flora Monte de Almeida e Da. Carmem Monte de Andrade, pelas excelentes informações que nos prestaram, acerca dos Montes no Ceará).
3. Consultas no Arquivo Público do Ceará.
4. Consultas no Arquivo do Bispado de Sobral.
5. Consultas nos Cartórios de Imóveis e de Registro Civil de Sobral.
6. "Ceará, Homens e Fatos", de autoria do Jornalista e Historiador cearense, João Brígido dos Santos (1919).
7. "Os Linhares" – Genealogia da família Linhares de autoria do escritor Mário Linhares.
8. "História de Sobral" – de autoria do Exmo. Sr. Bispo Diocesano de Sobral, D. José Tupinambá da Frota (1953).
9. "Genealogia de Algumas Famílias de Sobral", de autoria do

Monsenhor Fortunato Alves Linhares (trabalho inédito).

10. "História do Ceará", de Raimundo Girão.
11. "O Clã dos Inhamuns", Nertan Macêdo.
12. Câmara Cascudo (Prefácio do livro "Os Linhares").
13. "Montes, Machados, Girões" (Raymundo Girão).
14. "História da Casa da Torre" (Pedro Calmon).
15. Recorremos a nossa memória do tempo de meninice e da juventude vividas, e no velho e querido "Sítio Monte", que guardou vivas, claras, nítidas, indeléveis, as recordações daqueles episódios que descrevemos – desde o funcionamento da antiga "fábrica deixada pelo Cel. Almeida, até os dias de hoje e que, afirmamos, o fizemos com absoluto respeito à verdade".
16. Recorremos a tradição oral, guardada pela gente da Serra da Meruoca, sobre os fatos passados e vividos no "Sítio Monte", desde os tempos de sua fundação.
17. "Massapê em Foco" – Oswaldo Aguiar.
18. "Antologia de João Brígido" – Jäder de Carvalho.
19. "Tratado Genealógico da Família Feitosa" – de Leonardo Feitosa.
20. "Delmiro Gouveia" – Francisco Magalhães Martins.
21. "Pioneiros e Bandeirantes" – Viana Moog.
22. "Cronologia Sobralense" – Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo.
23. Sesmarias Cearenses.

24. Arquivo da Universidade Vale do Acaraú – UVA.
25. Biblioteca Pública de New York.
26. Registro Heráldico de Essex (1612 – 1634) – Inglaterra.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfraldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!



ALECE

**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ**

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário

EDIÇÕES INESP

João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo
Orientador da Célular de Edição e Produção Gráfica

**Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hadson França e João Alfredo**
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni e Rícael Gomes de Oliveira
Diagramação

José Gotardo Filho, Saulo Macedo e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

João Victor Sampaio e Leticia Gomes Albuquerque
Estagiário

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação

Valquiria Moreira
Secretaria Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Imprensa

**Gustavo Rodrigues de Vasconcelos, Lúcia Maria Jacó Rocha,
Sandra Bastos Mesquita e Vânia Monteiro Soares Rio**
Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studert Vieira
Equipe Auxiliar de Revisão

Site:

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3702



ALECE

Av. Desembargador Moreira, 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP: 60.170-900
Site: <https://www.al.ce.gov.br/>
Fone: (85) 3277.2500





ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações